



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira

Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica

Rosana dos Santos Sobreiro

Aventuras e descobertas em São João de Meriti: fotografia e arte de meninas e meninos na escola

Rio de Janeiro
2017

Rosana dos Santos Sobreiro

Aventuras e descobertas em São João de Meriti: fotografia e arte de meninas e meninos na escola

Dissertação apresentada, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre, Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cotidiano e Currículo no Ensino Fundamental.

Orientador: Prof^o. Dr. Esequiel Rodrigues Oliveira

Rio de Janeiro
2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CAP/A

S677 Sobreiro, Rosana dos Santos
Aventuras e descobertas em São João de Meriti:
fotografia e arte de meninas e meninos na escola / Rosana
dos Santos Sobreiro – 2017.
175f. : il.

Orientador: Esequiel Rodrigues Oliveira.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio
de Janeiro, Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da
Silveira.

1. Ensino de arte – Teses. 2. Cotidiano escolar – Teses.
3. Fotografia. I. Oliveira, Esequiel Rodrigues. II.
Universidade do estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. III. Título.

CDU 37:7

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada fonte.

Assinatura

Data

Rosana dos Santos Sobreiro

Aventuras e descobertas em São João de Meriti: fotografia e arte de meninas e meninos na escola

Dissertação apresentada, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre, Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cotidiano e Currículo no Ensino Fundamental.

Aprovada em 30 de março de 2017

Banca Examinadora

Esequiel Rodrigues Oliveira (Orientador)
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – UERJ

Patricia Ferreira de Souza Lima – Membro Interno
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – UERJ

José Valter Pereira - Membro Externo
Instituto Multidisciplinar – UFRRJ

Rio de Janeiro
2017

DEDICATÓRIA

Às meninas e aos meninos, estudantes de São João de Meriti, que buscam sentido no viver a escola e a cidade.

AGRADECIMENTOS

À todas e todos que, direta ou indiretamente, contribuíram, me fortalecendo, para a realização deste trabalho. Em especial às meninas e aos meninos, sujeitos da pesquisa.

À Deus por me permitir vivenciar a experiência da vida.

À minha família pelo constante apoio e compreensão do meu temporário afastamento. Principalmente à minha mãe, Tiana, e à minha tia que também é mãe, Marlene, mulheres fundamentais à minha existência. Sem o suporte que recebi, a caminhada seria bem difícil.

Ao Lucas – meu incentivo para continuar caminhando – pelo suporte nos momentos de dificuldades tecnológicas. E à Vanessa pela companhia nas aventuradas buscas de imagens pela cidade.

Às amigas e amigos (incontáveis), irmãs e irmãos, que (re) encontro ao longo da caminhada, pessoas queridas e especiais que emitem vibrações boas, que me revigoram, presentes que tenho recebido com imensa alegria. E dentre as tantas queridas, àquelas, que não vejo, mas sinto a forte presença e o amparo.

À direção e coordenação do CIEP 398 Mario Lima pela acolhida e confiança.

Ao amigo Lasana Lukata pela disponibilidade e pelas conversas informais ricas de conhecimento sobre a cidade.

Aos funcionários das instituições visitadas, pela acolhida e disponibilidade de entrevistas.

À prof.^a Pátricia Lima e prof.^o Filé pelas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa. E a rica contribuição dos professores do PPGEB.

Em especial ao orientador que é essencialmente generosidade, que humana e sabiamente conduziu o desenvolvimento desta pesquisa. Sua maneira descontraída e cuidadosa contribuiu para que a tranquilidade me visitasse em cada etapa. Sabia exatamente o que eu pretendia, antes mesmo que eu dissesse alguma coisa. Um aliado para a vida. Professor Esequiel, sua contribuição gigante, que elevou minha autoestima, marca uma redescoberta. A você minha admiração e respeito. Obrigada por tudo isso.

RESUMO

SOBREIRO, Rosana dos Santos. **Aventuras e descobertas em São João de Meriti**: fotografia e arte de meninas e meninos na escola. Brasil. 2017. 178 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica) – Instituto de aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Este trabalho tem como objetivo verificar as potencialidades da imagem na formação escolar e no ensino de arte. Investigar através da produção fotográfica dos estudantes a possibilidade de construção de conhecimento nas aulas de Arte. A fundamentação teórica se estrutura em torno de três eixos. O primeiro eixo se organiza em torno do conceito de arte e sua relação com o conhecimento em geral e conhecimento escolar. O segundo discute sobre a fotografia na perspectiva da arte e a contribuição da produção fotográfica ao processo ensinoaprendizagem e, ainda, apresenta uma reflexão sobre a didática do ver. O terceiro eixo aborda alteridade e identidade, buscando no interior desses conceitos as relações com o outro e a noção de patrimônio nos processos de formação humana. A metodologia com ênfase qualitativa teve como sujeitos, estudantes do sétimo ano do Ensino Fundamental de escola em São João de Meriti. A amostra resultou de encontros semanais com atividades relacionadas à fotografia, que ocorreram no horário das aulas de arte, saídas de campo, exposição do material produzido e entrevistas com os participantes. Através das narrativas, dos diálogos estabelecidos durante o processo e das entrevistas, a percepção da relevância do protagonismo discente, ativador da autoestima, consolidado através da autoria na produção fotográfica e das trocas estabelecidas em cada atividade realizada.

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Fotografia. Ensino de arte.

ABSTRACT

SOBREIRO, Rosana dos Santos. **Adventures and discoveries in São João de Meriti**: photography and art of girls and boys in school. Brasil. 2017. 178 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica) – Instituto de aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

This work aims to verify the potentialities of the image in the formation school and art education. Investigate through the photographic production of students the possibility of building knowledge in art classes. The theoretical basis is structured around three axes. The first axis organized around the concept of art and its relationship with knowledge in general and school knowledge. The second discusses photography in the perspective of art and the contribution of photographic production to the teaching-learning process and, presents a reflection on the didactics of seeing. The third axis deals with otherness and identity, seeking within these concepts the relations with another and the notion of patrimony in the processes of human formation. The methodology with emphasis qualitative study had as subjects, students of the seventh year of elementary school in São João de Meriti. The sample was the result of weekly meetings with activities related to photography, which occurred at the time of art classes, field trips, exposure of the material produced and interviews with the participants. Through the narratives, the dialogues established during the process and the interviews, the perception of the relevance of the student protagonism, activator of the self-esteem, consolidated through authorship in photographic production and established in each activity carried out.

Keywords: Everyday school. Photography. Teaching of art.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Vendedor de amendoim	22
Figura 2 -	Líder dos caras pintadas	35
Figura 3 -	Lindberg Farias e Fernando Collor	35
Figura 4 -	Sérgio Moro	35
Figura 5 -	Moro e Aécio	35
Figura 6 -	Mapa do Município de São João de Meriti e do entorno de 2016	63
Figura 7 -	Mapa do Município de São João de Meriti e do entorno. Destacando os limites do município	63
Figura 8 -	A cancela	67
Figura 9 -	Estação São Matheus / Unidos da Ponte	68
Figura 10 -	Pia batismal da Paróquia São João Batista – São João de Meriti	69
Figura 11 -	Paróquia São João Batista	69
Figura 12 -	No cotidiano escolar	86
Figura 13 -	No cotidiano (self)	87
Figura 14 -	Objetos de memória	89
Figura 15 -	Fotografia viva	89
Figura 16 -	Fotografia às cegas	91
Figura 17 -	Fotografando a escola	92
Figura 18 -	Fotografando a escola	93
Figura 19 -	Fotografia da escola	94
Figura 20 -	O entorno	98

Figura 21 - O entorno	99
Figura 22 - O entorno	99
Figura 23 - O entorno	100
Figura 24 - A Vila Olímpica	100
Figura 25 - Telefone sem fio	101
Figura 26 - Telefone sem fio e Estação Guia de Pacobaíba, Magé	101
Figura 27 - Telefone sem fio e Porto Iguaçu velho	102
Figura 28 - Identidades	103
Figura 29 - Roda de conversa	104
Figura 30 - Horto botânico	106
Figura 31 - Horto botânico	107
Figura 32 - Dominó fotográfico	107
Figura 33 - Experimentações	108
Figura 34 - Experimentações	109
Figura 35 - Apreciação	110
Figura 36 - Apreciação	111
Figura 37 - A exposição	112
Figura 38 - A exposição	113
Figura 39 - Fotografia sem câmera	115
Figura 40 - Fotografia da escola	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Dados do Município de São João de Meriti	63
Tabela 2 -	Posição do Município de São João de Meriti na região metropolitana do Estado/RJ	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Identidades

103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
1.1. Arte	23
1.1.1. <i>Arte como conhecimento</i>	24
1.1.2. <i>Arte e conhecimento escolar: repercussão dentro e fora da escola</i>	27
1.2. Fotografia e imagem	29
1.2.1. <i>Fotografia e Arte: estímulo ao diálogo no cotidiano escolar</i>	35
1.2.2. <i>Fotografia no cotidiano escolar e o processo ensinoaprendizagem</i>	38
1.2.3. <i>Modos de ver</i>	43
1.3. Alteridade e identidade	47
1.3.1. <i>Uma noção de Patrimônio</i>	51
1.3.2. <i>Ver, se ver e ver o outro: relações no cotidiano escolar</i>	54
2 CONHECENDO SÃO JOÃO DE MERITI	57
2.1. Perspectivas do lugar	58
2.1.1. <i>Olhares vazios de experiência</i>	58
2.1.2. <i>O que podem dizer os números</i>	60
2.1.3. <i>Um olhar de dentro – de quem vive</i>	64
2.1.4. <i>Um novo olhar</i>	68
3 A PESQUISA DE CAMPO	69
3.1. Ferramentas de análise (metodologia)	69
3.2. O campo	71
3.3. O início do processo – primeiros encontros	72
3.4. As atividades	73
3.4.1. <i>Entrevista – diagnóstica</i>	74
3.4.2. <i>Coisas que guardam memória</i>	75
3.4.3. <i>Fotografia viva</i>	75
3.4.4. <i>Fotografia às cegas</i>	75
3.4.5. <i>Fotografia sem câmera</i>	76
3.4.6. <i>Fotografia da escola</i>	76

3.4.7. <i>Sobre o lugar – imagens de São João de Meriti</i>	76
3.4.8. <i>Fotografia do lugar</i>	77
3.4.9. <i>Telefone sem fio</i>	78
3.4.10. <i>Identidades</i>	79
3.4.11. <i>Uma roda de conversa</i>	79
3.4.12. <i>Visita ao Horto</i>	79
3.4.13. <i>Dominó fotográfico</i>	79
3.4.14. <i>Experimentações – pontos de vista</i>	80
3.4.15. <i>Apreciações</i>	81
3.4.16. <i>A exposição</i>	81
3.4.17. <i>Entrevista pós-processo</i>	81
4 RESULTADOS	82
4.1. Descobertas	82
4.2. Discussão dos resultados	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
ANEXO A – Entrevistas – roteiros	125
ANEXO B – Entrevistas – transcrições	127
ANEXO C – Gráficos	170
ANEXO D - Documentos relacionados à pesquisa	173

INTRODUÇÃO

Alguns estudiosos da Educação afirmam que fotografar a escola, suas dependências, objetos e pessoas, é uma experiência que possibilita criações, recriações, descobertas, redescobertas e, ainda, olhar com mais atenção esse lugar tão presente em nossas vidas enquanto docentes e estudantes, a escola. Nesse sentido, Oliveira (2001, p.34) defende as possibilidades de compreensão e interação através da imagem visual, que despertam “nos sujeitos sensações, emoções e visões diferentes, singulares”. Esta pesquisa sobre o uso da fotografia busca contribuir para construção de realidades e a possibilidade de novas leituras das ações dos sujeitos nos espaços de convivência, além da escola. Dentre estes, a casa, o bairro, o campo de futebol, a instituição religiosa, e, também, as redes sociais, como lugar de convivência virtual e de trocas.

O que carrega uma imagem fotográfica? O que provoca no sujeito o processo que antecede e sucede a captura de imagens e o quanto isso interfere nas relações cotidianas?

Em busca de respostas para estas questões, entre outras, o presente estudo tem como propósito a reflexão sobre a produção de imagens no cotidiano escolar, estimulando um olhar mais refinado do espaço, dos objetos e das ações cotidianas no ambiente escolar bem como o papel dos diferentes sujeitos nesse contexto. E, ainda, uma provocação, a reflexão sobre as atitudes em relação ao outro; sobre descobrir-se em determinado meio social, pois de acordo com as ideias de Paulo Freire

O homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns (por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada, conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade). Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la, e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. (FREIRE, 2003, p. 16).

Essa pesquisa resulta de uma inquietação pessoal nascida nas minhas aulas de Arte, sobre a efetiva contribuição destas para a formação do estudante da Educação básica e, nesse sentido pensar sobre meu papel enquanto docente. Na experiência como professora de Arte em instituição pública estadual do Rio de

Janeiro, em São João de Meriti, no segundo segmento do Ensino Fundamental e no Ensino Médio¹ a busca é pela realização de trabalho que possibilite a construção de sentidos no processo de ensinoaprendizagem da arte.

Falar em ensinoaprendizagem em Arte implica, antes, em fazer considerações sobre a natureza desse conhecimento enquanto disciplina escolar, que tem como ponto de partida dois enfoques: o do conhecimento em Arte e o da Arte como conhecimento, e sua repercussão na escola e também fora dela. Nosso foco aqui se direciona ao que diz respeito a Arte e conhecimento escolar.

Enquanto professora vislumbrava uma transformação no olhar dos estudantes para o que está ao redor e mais, a conscientização de seu lugar no mundo, como sujeitos que o lê, fazendo assim suas construções e reconstruções.

Há algum tempo uma experiência pessoal em educação me fez pensar sobre esse tema. Em abril de 2007 iniciei a participação no projeto de oficina em fotografia e imagem na ONG Associação Casa das Artes de Educação e Cultura². No contato com as crianças e suas primeiras produções, constatei uma transformação na forma de perceber os objetos e os espaços, sinais da conscientização de seu lugar no mundo, reiterados por registros que provocavam questionamentos sobre o que havia sido retratado. A partir de então, criei a expectativa de iniciar um estudo sobre aquela experiência. No dia a dia da oficina as crianças podiam usar as câmeras para fazer fotos na própria Casa das Artes como exercício do olhar. Antes de produzirem as imagens procuravam observar os lugares, as pessoas e depois faziam suas escolhas e registravam. A proposta era fazer com que elas fizessem suas escolhas, estabelecendo suas próprias perspectivas e relatassem o que viam. Assim exploravam aspectos da linguagem, como maior distância ou proximidade e refletiam sobre os porquês das coisas vistas e das próprias escolhas. Após os registros exercitavam fazer leituras, narrar os acontecimentos e criar histórias. Ao compartilhar com o grupo era possível perceber o valor que davam às suas

¹ No Ensino Médio da rede estadual do Rio de Janeiro as aulas de Arte são previstas apenas para o segundo ano.

²Hoje, Casa da Arte de Educar, localizada à Rua Ana Neri, 155 – Benfica, Rio de Janeiro, RJ. É uma ONG que trabalha em parceria com algumas escolas da rede municipal do Rio de Janeiro, visando o melhor rendimento nas disciplinas do currículo escolar e a permanência da criança na escola. Das experimentações resultaram dois cadernos: 1. Caderno Arte de Educar – Meio Ambiente: Uma experiência compartilhada entre escolas, Museu de Ciências da Terra e Casa da Arte de Educar; 2. Caderno Rede de saberes mais educação: pressupostos para projetos pedagógicos de educação integral: caderno para professores e diretores de escolas. – 1. ed. – Brasília : Ministério da Educação, 2009.

produções. Ficavam felizes quando viam e reviam as fotografias, demonstrando sentirem-se capazes de assumir responsabilidades.

Vendo acontecer de forma tão significativa o trabalho na ONG, refleti sobre a possibilidade de desenvolver proposta semelhante nas escolas que trabalho, em São João de Meriti, como atividade curricular realizada pela professora. Vale destacar que no município de São João de Meriti, Baixada Fluminense, há uma carência significativa de possibilidades educacionais fora da escola, incluindo-se a dificuldade de acesso a bens culturais institucionais. Diferindo até mesmo do que acontece em algumas favelas no município do Rio de Janeiro, onde algumas instituições públicas e privadas realizam projetos sociais.

Tendo em vista a natureza da disciplina, o estudo visa também a construção de conhecimento no campo da produção de imagem e da arte, como a observação do espaço, a captura de imagens, a edição, os diálogos que podem se estabelecer sobre as imagens produzidas e a arte da fotografia.

Tem grande importância a reflexão sobre os sentidos e as potencialidades do ensino com a fotografia no contexto escolar. Cada um de nós está carregado de vivência. O ensino ao garantir o acesso ao conhecimento formal, socialmente acumulado, não deve desconsiderar as histórias, as vivências e os registros de memória – o sentido da existência do estudante e mesmo do docente. É necessário entender que fazer registros do cotidiano é criar histórias, organizar memória e pensar identidades. E produzir conhecimento.

A perspectiva curricular que prioriza expressões como “conteúdos que devem ser ensinados” apenas em determinado nível/ano de escolaridade traduz-se na imposição de um currículo fechado e pré-determinado. Por vezes, distanciado da possibilidade de construção de conhecimento pelos estudantes, de torná-los protagonistas no processo de aprendizagem.

Muitas vezes nós, professores, nos aliamos ao currículo hegemônico e desconexo da realidade dos sujeitos, transmitindo conhecimentos sem sentido. Macedo (2012) discorre a respeito dos conhecimentos socialmente acumulados e a necessidade da inserção do caráter de realidade ao processo ensinoaprendizagem. Vemos atualmente muitos desses conhecimentos presentes em currículos potencialmente excludentes. É possível estabelecer um diálogo entre as ideias de Macedo (2012) e Arroyo (2013), quando este elucidando sobre currículo e conhecimento destaca: “Quando as experiências sociais são ignoradas se ignora o

trabalho humano, a experiência mais determinante do conhecimento.” (ARROYO, 2013, p. 117).

Young (2007) chama o conhecimento relevante de “conhecimento poderoso” e esclarece dizendo que:

Esse conceito não se refere a quem tem mais acesso ao conhecimento ou quem o legitima, embora ambas sejam questões importantes, mas refere-se ao que o conhecimento pode fazer [...] fornecer explicações confiáveis ou novas formas de se pensar a respeito do mundo. (YOUNG, 2007, p. 1294).

A perspectiva da arte como conhecimento não se restringe a abordagem pedagógica, mas a própria constituição do objeto artístico. Frange (2008, p. 35) destaca:

Segundo Marcel Duchamp, a obra só se completa na presença do espectador e, para Hélio Oiticica, ela só se completa ao ser compreendida por outros, inclusive pelo artista ao enfrentar as ânsias advindas de seu próprio trabalho ao encontrá-lo novamente (fora do espaço de produção).

A proposta da arte contemporânea inclui espectadores na obra tornando-os coautores. Nesse sentido, a ideia de ter alunos protagonistas da aprendizagem é consonante com a essência da arte, na relação arte/conhecimento.

Considerando que a investigação tem na produção fotográfica o norte para a produção do conhecimento e a formação do sujeito cabe indagar sobre os usos que se faz da fotografia na atualidade. São muitas as práticas que a envolvem cotidianamente. Produzem-se *selfs*; fotografam-se festas, passeios, danças, flagrantes, crimes, acidentes etc. Criam-se imagens, fatos e versões com montagens. E pela força da imagem promovem-se pessoas e destroem-se morais, conforme a conveniência, na proporção do acesso e da exposição nas redes sociais.

Desse mesmo modo, é possível admitir que a experiência com a fotografia na escola, na perspectiva deste trabalho, possa contribuir para a construção de um olhar mais atento, capaz de promover ações transformadoras de realidades.

Inspirada pela experiência na Casa da Arte de Educar, as atividades pensadas para a etapa inicial da pesquisa consistem de uma fase exploratória semelhante à adotada na oficina, já mencionada anteriormente. Porém, a mesma tem propósitos para além das finalidades da oficina, que visava o melhor rendimento

nas disciplinas do currículo escolar e a permanência da criança na escola. Aqui há o interesse por um projeto de trabalho pedagógico como perspectiva curricular de ensino de arte.

Recentemente outra experiência – vivida pela pesquisadora em 2014 – também contribuiu para a organização do conjunto de atividades que constitui a parte prática desta pesquisa. São desdobramentos de dinâmicas realizadas no projeto “Imagine-se”, da Oi Kabum³. Que em parceria com a SEEDUC-RJ promoveu encontros de multiplicadores para professores das diversas áreas do conhecimento, estabelecendo diálogo entre Arte e Tecnologia.

Os sujeitos desta pesquisa, que são estudantes da Educação Básica em São João de Meriti, são privados de oportunidades de experiências de cultura e lazer, decorrente da escassez de iniciativas públicas ou privadas voltadas para esse fim. Essa realidade pode ser dimensionada pela descrição de algumas características locais.

O município de São João de Meriti está localizado na região metropolitana do Rio de Janeiro e tem população de 459.356 habitantes⁴, distribuída em uma área territorial de 35.216 Km², organizada em 21 (vinte e um) bairros. Apresentando alta densidade populacional, aproximadamente 13 mil habitantes por Km², recebe o apelido de “Formigueiro das Américas”, de acordo com o site oficial da prefeitura do município⁵.

O município carece de bens culturais públicos. São raras as atividades culturais em praças públicas – comuns na capital do Estado. As poucas salas de cinema, exceção em termos de entretenimento, situam-se no Shopping Grande Rio – o maior centro comercial do município, atualmente.

Não se encontram em São João de Meriti em abundância ONGs com atividades esportivas, ensino de música, teatro, artes visuais, inclusão às novas tecnologias, e outras mais. Existem poucas iniciativas dessa natureza no município. E as que existem têm pouca visibilidade. A população em sua maioria desconhece o pouco que é oferecido. Na escola é possível constatar o pouco envolvimento de estudantes com ações artístico-culturais. Talvez pela falta de oportunidade,

³ OiKabum é uma Escola de Arte e Tecnologia do programa do Oi Futuro que oferece formação nas áreas de artes gráficas e digitais para jovens de comunidades ou bairros populares urbanos.

⁴ Dados do IBGE, Censo 2010. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>

⁵ Disponível em: <http://meriti.rj.gov.br/>

dificuldade de acesso, desconforto quando estas ocorrem em espaço pouco frequentado pela maioria.

Há muito trabalho para fazer em um lugar com tamanha densidade populacional que oferta bens culturais tão aquém do desejável. É preciso criar conhecimento sobre o lugar, tornar visível o patrimônio das memórias, dos recursos naturais degradados⁶, da história local. Enfatizar a importância da pessoa para o lugar onde vive. Promover interações com ele. Se os estudantes conhecem pouco o município onde moram, a escola pode reconhecer o que por eles é trazido e estimular a descoberta de práticas sociais e de iniciativas de grupos culturais, tornando-os visíveis. Trabalhar o olhar para o lugar onde vive pode ser uma alternativa, uma possibilidade de mudança da própria realidade.

Direcionamos a prática desta pesquisa para atividades relacionadas à fotografia. A fotografia que hoje, está em todos os contextos sociais. A fotografia que se popularizou em decorrência da variedade e da quantidade de meios acessíveis a quase todas as faixas da população.

As câmeras fotográficas estão vinculadas à maioria dos aparatos tecnológicos digitais (celulares, notebooks, tablets, relógios e outros). Nesse universo o celular destaca-se como símbolo da popularização da fotografia no século XXI, principalmente entre crianças e jovens. Estudantes produzem fotografias de conteúdos na lousa, imagens de vídeos, quadros de avisos, momentos festivos, micos de colegas, poses íntimas, partes íntimas, etc. Grande parte dos estudantes está familiarizada com o ato de fotografar. Essa simples constatação reivindica o uso deste recurso no trabalho com fotografia na escola, e sustenta a ideia de pesquisar o potencial dessa linguagem para o processo de ensinoaprendizagem.

O reconhecimento do espaço escolar como lugar de trocas, da multiplicidade cria a possibilidade de reconstrução de valores sobre a escola, iniciando o pensamento crítico em relação ao que se aprende e como se aprende. Essas trocas podem evoluir para reflexões sobre questões que envolvem a escola, o grupo que dela faz parte e as relações que se estabelecem entre os indivíduos; a participação das famílias; os problemas da cidade – como o déficit habitacional e a falta de infraestrutura – bem como possíveis espaços de socialização, de cultura e de promoção de maior qualidade de vida.

⁶ São João de Meriti é cortado por três rios: o Miriti, o Sarapuí e o Pavuna.

Pensar nesse trabalho foi pensar sobre como a produção fotográfica poderia proporcionar o reconhecimento do espaço escolar pelos estudantes como espaço de produção de conhecimento, do reconhecimento como sujeitos coletivos capazes de fazer leituras e estabelecer diálogos através das próprias produções. Dubois (2006) aborda as possibilidades de representação e recriação do espaço em uma de suas tantas elucidações a esse respeito. “O essencial é que, ao arrancar do mundo um pedaço de espaço, o ato fotográfico faça dele um mundo novo (espaço representado), cuja organização interna se elabora a partir da própria forma gerada pelo recorte” (DUBOIS, 2006, p. 210).

Pensar fotografia implica indagar a forma como lidamos com a imagem. Que usos são feitos das imagens que produzimos, das imagens disponíveis na mídia impressa ou virtual e nas redes sociais? É notória a quantidade de imagens que circulam atualmente na internet. E surpreendente o potencial das mesmas de comunicar ideias. Inúmeros têm sido os casos de detrato alheio, de autopromoção; de desmentidos e contradições. Com a internet, para falarmos de autoimagem, entregamos ao mundo imagens que consideramos o melhor de nós mesmos carregadas de idealizações. Os sentidos denotativo e conotativo evidenciados por Barthes (2014) sobre o conteúdo da imagem fotográfica esclarecem a potência do que pode dizer: “[...] todas essas ‘artes’ imitativas comportam duas mensagens: uma mensagem *denotada*, que é o próprio *analogon*⁷, e uma mensagem *conotada* que é o modo como a sociedade dá a ler, em certa medida, o que pensa dela.” (BARTHES, 2014, p. 13, grifo do autor).

De acordo com o autor, a imagem fotográfica resulta em diferentes textos, conseqüentes ao contexto em que é produzida e as escolhas da produção, que produzem sentidos diretamente relacionados ao referente (pessoa ou coisa representada). “A conotação, isto é, a imposição de um segundo sentido à mensagem fotográfica propriamente dita, elabora-se nos diferentes níveis de produção da fotografia (escolha, tratamento técnico, enquadramento, paginação).” (BARTHES, 2014, p. 16).

Porém, é importante destacar, que no ensino de Educação Básica o estudo da fotografia visa a construção do conhecimento sem o rigor de uma análise semiótica, exceto quando for esta a abordagem planejada, pois:

⁷ Conteúdo analógico (cena, objeto, paisagem). (BARTHES, 2014, p. 13).

Os trabalhos que se preocupam com o cotidiano da escola e com os diferentes modos culturais aí presentes partem, então, da ideia de que é neste processo que aprendemos e ensinamos a ler, a escrever, a contar, a colocar questões ao mundo que nos cerca, à natureza, à maneira como homens e mulheres se relacionam entre si e com ela, a poetizar a vida, a amar o Outro (ALVES, 2003, p.66).

Através da fotografia, a proposta de olhar para o cotidiano e o que está a sua volta – o que existe, o que faz o observador/leitor, o que sente – relaciona-se com o que diz Barthes (1984):

[...] seja desejar o objeto, a paisagem, o corpo que ela representa; seja amar ou ter amado o ser que ela nos dá a reconhecer; seja espantarmo-nos com o que vemos; seja admirar ou discutir o desempenho do fotógrafo, etc. [...] tal foto pode satisfazer a um deles e me interessar pouco; e se tal outra me interessa muito, eu gostaria de saber o que, nessa foto, me dá o *estalo* (BARTHES 1984, p. 35/6).

Barthes aponta em outro momento a motivação para a relação com fotografias.

Nesse deserto lúgubre, me surge, de repente, tal foto; ela me anima e eu a animo. Portanto, é assim que devo nomear a atração que a faz existir: uma 'animação'. A própria foto não é em nada animada (não acredito nas fotos "vivas"), mas ela me anima (BARTHES 1984, p. 37).

Apesar da escolha consciente do recorte, algo pode ficar oculto e poderá ser revelado. O que está na fotografia esteve em outro espaço-tempo representado na imagem fotográfica. O que possibilita outras leituras. Leituras e diálogos sobre o visto e o não visto. O objeto fotográfico tem o aspecto de realidade. Essa carga de realidade pode ser uma alavanca para a construção tanto das leituras, como dos diálogos que poderão se estabelecer. O fato de estar no lugar ou reconhecê-lo parece preencher um vazio deixado por vagas informações. Benjamin (2012), se referindo à obra do fotógrafo Hill, fala do querer saber sobre a pessoa fotografada. Em vista disso, ao olhar uma fotografia busca-se querer saber sobre o que foi fotografado. O que é despertado pelo reconhecimento do protagonismo do que ou de quem é fotografado.



Figura 1 – Vendedor de amendoim. Fonte: <http://extra.globo.com/noticias/economia/vendedor-de-amendoins-de-botafogo-faz-promocao-para-driblar-crise-manter-clientela-17145113.html>

As construções de narrativas pelos estudantes, os possíveis diálogos estabelecidos no processo de leitura das fotografias e a vivência no cotidiano da escola, esperamos, contribuirão para um olhar mais atento às atividades escolares e a aprendizagem, de forma geral. Abrindo caminhos para a produção significativa do conhecimento. Do conhecimento da história do lugar onde mora; do que representa esse lugar para o grupo que o habita; do reconhecimento do espaço em que vive e se relaciona; das escolhas do ato fotográfico. Tais conhecimentos são construídos compartilhando a experiência dessas escolhas. Quando é possível repensar o que surgiu delas, dos recortes. O que gostaria de contar e que porventura, ou mesmo por escolha, não saiu na foto.

Partindo do conceito de que olhar é conhecer, é informar-se, podemos atribuir à fotografia o conhecimento por meio do olhar, não apenas pela sua natureza técnica, mas porque o olhar vai além do processo ótico. A fotografia informa porque permite pensar sobre certos aspectos, conhecer (BENCOSTTA, 2011, p.408).

A abordagem de Bencostta (2011) enfatiza a utilização da fotografia como construtora de conhecimento e transformadora de realidades. Interessante é o fato de a imagem fotográfica possibilitar as leituras de mundo por cada sujeito e para o

sujeito na coletividade. Ao discutir a epistemologia multicultural, Andrade (2009) afirma que ela se fundamenta em alguns princípios, dentre eles o da realidade como construção. Sendo a realidade uma construção, há possibilidade de transformação.

Busca-se na produção de fotografias uma atividade prazerosa, que contribua para o aumento da autoestima, transformando o aprender em aprender com prazer, principalmente.

As imagens podem promover o resgate da memória afetiva para estudantes que não estejam conectados com as atividades escolares. Acreditamos que no momento em que a escola demonstra interesse por momentos importantes desses estudantes fora dela, eles respondem com interesse pela escola e por seu cotidiano.

Possivelmente, se o universo pleno de saberes do aluno estiver aliado ao processo ensinoaprendizagem do saber formal, maior probabilidade este terá de alcançar o sucesso escolar. Quando se pensa na valorização da pessoa como diferencial para a aprendizagem pode-se pensar no alcance dos objetivos que sejam traçados visando à formação humana para a participação social. Mas, para que seja plena, uma formação que também contemple a realização pessoal.

Apesar de experimentações e estudos sobre o tema ainda são muitas as inquietações. A professora precisa dar conta do conteúdo de arte exigido para a série sem negligenciar a reflexão permanente sobre a sua prática. Como qualquer outro conteúdo o trabalho com a produção fotográfica na escola oportuniza indagar: como o ensino pode contribuir para a produção do conhecimento? Como provocar o interesse pelas aulas, a vontade de aprender? Como garantir o diálogo entre os saberes produzidos no ato fotográfico/objeto e os saberes formais?

Nesse sentido, se coloca a questão central: o trabalho com fotografia contribui para a constituição do sujeito como protagonista no processo ensinoaprendizagem, aumentando sua autoestima? Ante essa questão: será possível promover o autorreconhecimento do sujeito social e transformador através da produção fotográfica nas aulas de Arte? E pelo ato fotográfico o Outro pode ser reconhecido como agente formador da constituição do sujeito?

Com base nesses questionamentos, a pesquisa teve como objetivo geral: identificar potencialidades da imagem na formação escolar, em geral, e no ensino de arte em particular. E como objetivos específicos: verificar as potencialidades oportunizadas pelo Ensino de Arte através da produção fotográfica na escola e fora dela; investigar a partir da produção fotográfica dos estudantes a possibilidade de

construção de conhecimento nas aulas de Arte. As questões levantadas na pesquisa intencionam, também, a reflexão sobre um fazer pedagógico consciente.

A trajetória investigativa e os resultados obtidos estão organizados neste texto em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma abordagem sobre os conceitos estruturantes da pesquisa: arte, fotografia e imagem e alteridade. O segundo capítulo apresenta o contexto da pesquisa: abordagens sobre o município de São João de Meriti. Faz abordagens e questionamentos sobre modos de ver o lugar: perspectivas.

O terceiro capítulo apresenta a pesquisa de campo. Apresenta a metodologia, que orienta as ações. Descreve o campo e as atividades que constituem esta investigação.

O quarto capítulo discute os resultados. Nele é estabelecido um diálogo entre as descobertas e o aporte teórico que sustenta a pesquisa. Sendo as descobertas, o que foi possível captar das narrativas visuais (fotografias) e as verbalizações das apreciações. Do exercício de olhar as imagens produzidas pelos participantes e por imagens produzidas ou selecionadas na *WEB* pela professora-pesquisadora para introduzir algumas etapas do trabalho de campo. Destacando, no *corpus*, as respostas da entrevista pós-atividades, que através das falas das meninas e meninos expressou significações elaboradas no processo.

As considerações finais sugerem caminhos para trabalhos que protagonizam os sujeitos para tornar significativo o processo de produção do conhecimento na escola.

I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao realizar o trabalho fotográfico ensejando o aumento da autoestima, a partir do reconhecimento das produções, esta investigação buscou confirmar ou refutar as hipóteses da pesquisa. São elas: a produção de imagens no cotidiano da escola potencializa o conhecimento da Arte; a produção de imagem sobre o lugar onde se vive produz conhecimento, que pode se converter em ideias/ações de transformação da realidade. Considerando as hipóteses, o estudante se reconhece como sujeito social e transformador, participante ativo da sociedade, na escola que trabalha valores e o motiva a aprender, criando condições para que este seja sujeito de seu conhecimento.

Nesse sentido, a discussão tem como base proposições teóricas sobre: arte e fotografia; cotidiano/cotidiano escolar, aprendizagem social, pedagogia da alteridade, identidade e ensino de arte. Para tanto buscamos referências em: Bosi (1999) e Nunes (1999) para a reflexão do conceito de arte; Barthes (1984, 2014), Benjamim (2012), Sontag (2007), Dubois (2006) e Eisenstein (2002) para fotografia, para imagem; Alves (2003), Certeau (1994), Vygotsky (1991), Lèvinas (2004), Alves e Ghiggi (2012) para aprendizagem social, cotidiano escolar e pedagogia da alteridade; Hall (2005) para identidade; Ferraz; Fusari (2009) e Barbosa (2008) para ensino de arte. Os diálogos com estes autores se estabelecem com contribuições de outros que discutem essas questões na atualidade.

1.1. Arte

A compreensão do conceito Arte não se limita aos clássicos padrões estéticos provenientes da arte grega. Desde as considerações de Platão sobre criação (*poiesis*) à contemporaneidade abordagens se sucedem com o propósito de dar conta de sua dimensão. Os movimentos artísticos de cada época indicam a negação de uma definição, de um padrão para algo que se forma e se transforma com o tempo e com as civilizações.

Alfredo Bosi sugere algumas possibilidades para compreensão do conceito. E suas contribuições subsidiaram essa reflexão fazendo interlocuções com autores que abordam a arte pelo viés do conhecimento.

1.1.1. Arte como conhecimento

As reflexões de Bosi (1999) nos levam a compreensão da Arte como “atividade fundamental do ser humano” representada desde a Pré-história. Atividade esta, que não esgota o sentido “ao produzir objetos e suscitar certos estados psíquicos [...]”. (p. 8). Segundo o autor essas operações – do processo artístico à recepção pelo espectador – possibilitam a investigação do “*ser da arte enquanto modo específico de os homens entrarem em relação com o universo e consigo mesmos*”. (p. 8). Diz o autor que “A arte é um fazer. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se *transforma* a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística”. (BOSI, 1999, p.13).

Apoiando-se na reflexão de Luigi Pareyson, sobre o *fazer*, o *conhecer* e o *exprimir*, como momentos decisivos do processo artístico, Bosi (1999) estrutura sua discussão utilizando as expressões: Arte é construção; Arte é conhecimento; Arte é expressão. Tendo em vista o mote da seção e da pesquisa em si, nos apoiaremos na expressão “Arte é conhecimento” não descartando do diálogo, o “fazer” e o “exprimir”. Elementos que constituem o processo criativo.

Bosi faz um percurso pela História da Arte refletindo sobre Ideia de Arte para possibilitar, ao leitor, a reflexão da Arte como conhecimento. Inicia discorrendo o conceito de mimesis. A partir de Platão, percorre os caminhos da arte abordando o naturalismo da renascença italiana, a estilização das artes egípcia, bizantina e pré-história, e a estética do cinema de *Eisenstein*. Deste último ele aborda a característica da produção que faz pensar sobre o esforço inesgotável do realismo crítico na *re-apresentação* do real. Sendo sua proposta o “desentranhar, desmascarar, tornar visível o processo social que o espectador vive tantas vezes inconscientemente”. (BOSI, 1999, p.48).

Segundo o autor “O conceito de mimesis abre caminho para a ideia de arte como percepção analógica de certos perfis da experiência” (BOSI,1999, p.30). Para Bosi, mimesis é de natureza analógica e não “duplicadora dos objetos” (BOSI,1999, p.30). Essa abordagem dialoga com o que Barthes (2014) fala sobre *analogon*. O que nos leva a compreender que a arte revela o sentimento e pode ativar sensações da experiência. O autor esclarece o conceito através do seguinte exemplo:

O ritmo das canções guerreiras não reproduz *diretamente* o fragor das ações bélicas, mas lembra o caráter, o *ethos*, a atitude psicológica e moral dos soldados em luta; e o faz mediante procedimentos sensíveis, como os metros, os acentos, os jogos melódicos”. (BOSI, 1999, p.30).

As profundas reflexões de Bosi revelam a interseção fundamental sujeito-objeto que a ideia de arte e conhecimento carrega. Ao comparar a possibilidade de descoberta do sujeito no mundo, através da arte, ao ato amoroso, ele revela a influência da arte, ou melhor, do processo artístico na formação/transformação do sujeito, no reconhecimento, no estar no mundo e dele fazer parte. Ele diz o seguinte:

Na verdade, um laço íntimo entre o sujeito e o objeto é o que distingue os dois modos fundamentais de conhecimento (que a Renascença ainda conseguia fundir): a percepção estética e a percepção científica. Esta última, porém, renunciou a “habitar as coisas”, preferiu apenas manipulá-las, no dizer incisivo de Merleau-Ponty. Na arte a habitação do mundo percebido pelo sujeito e, em direção contrária, a presença ativa deste naquele, fazem parte de uma experiência singular e poderosa que talvez só possa comparar à do ato amoroso. (BOSI, 1999, p.41).

Quando Bosi (1999) cita Cézanne valida a relação sujeito-arte-experiência. Reforçado pelo trecho “O ver do artista é sempre um transformar, um combinar, o repensar os dados da experiência sensível”. (p.36).

A construção sóbria e severa de Cézanne, por exemplo, viria a ser o efeito de um *ver* o mundo, sim, mas profundamente afetado pelo *pensar*; um ver que analisa as formas e as cores da natureza para recompô-las na tela, de tal modo que o trabalho plástico acabe produzindo uma nova inteligência do real, uma percepção mais fina das suas estruturas geométricas reveladas através das aparências pontuais, lineares e cromáticas. (BOSI, 1999, p.38).

A esse respeito na video aula, Novo Telecurso Artes Plásticas⁸ afirma-se que a experiência artística acontece tanto na criação do objeto artístico, como na apropriação dele. Onde razão e emoção não estão desconectadas. Fala-se ainda que a arte desenvolve-se através dos sentidos, a partir das experiências individuais e coletivas do lugar e do tempo. Se o propósito aqui é refletir sobre conhecimento em Arte, desconsiderar essa interação seria afirmar o contrário. Bosi (1999) traz em

⁸ Vídeo aula Telecurso Artes plásticas. Disponível em: <http://educacao.globo.com/telecurso/videos/ensino-medio/>

epígrafe, uma frase atribuída a Cézanne que se relaciona diretamente a essa discussão: “Sim, eu quero saber. Saber para melhor sentir. Sentir para melhor saber”. (BOSI, 1999, p. 27).

Essas abordagens dialogam com as reflexões de Benedito Nunes (1999) sobre arte e conhecimento. O filósofo recorre às ideias de Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854) e Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) para esclarecer a relação sujeito-objeto artístico.

Segundo Nunes, Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling trata a relação sujeito-objeto como aspectos complementares da realidade, “que nem o conhecimento das coisas, isoladas umas das outras, nem a consciência que temos de nós mesmos, permite apreender”. (NUNES, 1999, p. 29). Trata-se de uma reflexão complexa. Nunes traz a noção do Absoluto em Hegel, que segundo o autor é:

E a realidade pensada em todas as suas relações, inteiramente explicitada e reconstituída pelo pensamento, o qual encontra na filosofia, como forma de saber, de ciência completa, que não deixa nada fora de si – e que a tudo confere uma razão de ser -, a sua expressão total. (NUNES, 1999, p. 29).

Tendo em vista a Arte como a primeira manifestação do Absoluto, ela pode possibilitar a abertura de portas para o conhecimento. Conhecimento que não se limita às artes, mas a todas as áreas.

O autor considera a *intuição artística* como reconstitutiva do Absoluto. Nos leva a pensar que o processo artístico – que reúne todos esses elementos – seja a busca do sujeito pela melhor maneira de se expressar. Nessa busca, as ideias e os sentimentos se harmonizam. Esclarece que “a intuição artística termina no inconsciente e no objeto, pois que a obra, nascida desse esforço consciente, conquista uma objetividade, uma presença exterior, como se tivesse emergido da própria Natureza”. (p. 29). Essa é uma interessante, porém, longa discussão, que chega aqui para ajudar a compreender as ideias de Henri Bergson (1859-1941) a respeito do conhecimento.

De acordo com Nunes (1999), Bergson diferencia o conhecimento em *conceptual* e *intuitivo*. Sendo o *conceptual* a “inclinação da inteligência humana para adaptar-se ao mundo, instrumento que é do domínio prática do homem sobre a matéria exterior, distribuída no espaço”. (NUNES, 1999, p.31). E “o *intuitivo*, que

segue a direção da própria vida em seu contínuo vir-a-ser, o qual se pode experimentar, através da duração dos estados de consciência, que se interpenetram e mudam sem cessar”. (p.31).

Embora diferenciado, o conhecimento é, de fato, a interseção do *conceptual* com o *intuitivo*. Nunes (1999) ressalta a intuição como “um elo de simpatia entre o sujeito e objeto” (p.31). Que nos transporta para dentro daquilo que contemplamos. E essa simpatia “desperta a consciência e aguça a capacidade perceptiva”. (p. 32). A citação a seguir descreve o potencial da arte e a condução para o conhecimento.

A Arte é, segundo Bergson, o meio condutor da emoção, que a concentra e canaliza, para romper as barreiras comunicativas que o hábito, a inteligência e as necessidades práticas ergueram entre nós e as coisas, impedindo a percepção da plena realidade individual dos objetos. Conhecimento intuitivo, a criação e a contemplação artísticas revelam-nos, por um instante apenas, o que a inteligência, a vida de relação e a percepção ordinária ocultam. A Arte, seja qual for, restabelece a capacidade originária da percepção. Se a nossa consciência pudesse comunicar-se diretamente com a realidade interior e exterior, a Arte seria dispensável. (NUNES, 1999, p. 32).

1.1.2. Arte e conhecimento escolar: repercussão dentro e fora da escola

Alguns questionam o fato da ciência ser colocada no currículo escolar no domínio do cognitivo e a arte no domínio dos sentimentos e das emoções – apenas – desconsiderando a Arte no campo do conhecimento (EFLAND, 2008). Foi visto na seção anterior a necessária interseção do conceitual com o intuitivo, que encontra aqui um aporte para o ensino de arte, pois, Efland tem ideias divergentes da concepção apontada no início deste parágrafo. Afirma o autor: “a educação deveria ter como propósito fundamental a potencialização da capacidade cognitiva nos indivíduos pelo uso da imaginação [...]”. (EFLAND, 2008, p. 343). Ele destaca a necessidade da imaginação para entender que a imagem visual e a expressão verbal não são literais, são junções de significados percebidos por perspectivas diferentes.

As educadoras Ferraz e Fusari (2009) também elucidam a relevância do ensino da arte na construção de conhecimento.

É fundamental entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem, e ao conhecê-lo. Em outras palavras, o valor da arte está em ser um meio pelo qual as pessoas, representam e comunicam conhecimentos e experiências. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p.18).

Reforçando ainda a ideia da arte como conhecimento e opondo-se a ideia da arte apenas nos valores sentimentais e não cognitivos – sem desconsiderar que sentimentos e emoções têm lugar relevante na Arte –, Barbosa (2008), ao explicar as mudanças ocorridas na Arte-Educação no Brasil, sustenta:

Não mais se pretende desenvolver apenas uma vaga sensibilidade nos alunos por meio da Arte, mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte. Não podemos entender a Cultura de um país sem conhecer sua Arte. A Arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos (BARBOSA, 2008, p. 17-18).

O ensino da Arte não pode se restringir ao espaço escolar. Helena Araújo afirma que “A escola não é o único lugar de conhecimento.” (ARAÚJO, 2012, p. 258). Nesse sentido, também não é o único lugar de ensinar e aprender. Tanto na escola quanto em outros espaços formais ou não formais, são inúmeras as possibilidades cognitivas, a partir da produção fotográfica e da imagem, que podem ser relacionados à produção de conhecimento e a formação humana.

No entanto, a escola, também afirma Araújo (2012), é “[...] o espaço privilegiado do saber sistematizado na formação dos indivíduos”. (p. 86). É esta nossa oficina de trabalho. É neste lugar que podemos incentivar a construção de sentidos para o que se aprende-ensina nela possa repercutir também fora dela. A escola pode ser transformada em lugar de bem-estar, enquanto espaço que prioriza a autonomia dos sujeitos na aprendizagem. Um espaço motivador para a produção de conhecimento.

A escola pode dar acesso a importantes instrumentos de redistribuição de poder nesta sociedade, tais como o conhecimento sistematizado sobre os direitos, o domínio sobre a língua nacional, o conhecimento sobre a própria história ou o controle sobre argumentos científicos. Por outro lado, como instrumento de sociabilidade, a escola poderia ajudar também a construir o prestígio social dos grupos socialmente marginalizados, valorizando as

diferentes identidades, reconhecendo valores e riquezas em todos os grupos culturais, desconstruindo preconceitos, favorecendo a coexistência pacífica entre todos e reforçando uma convivência mais dialógica entre os diferentes. (ANDRADE, 2009, p. 29).

Sendo assim, por que não ser a escola o espaço de formação e dos saberes curriculares formais, em consonância com os conhecimentos prévios dos estudantes, legitimando os novos saberes? Andrade (2009, p. 19) afirma que:

Não há projeto de imposição cultural que possa ser plenamente absorvido pelos grupos dominados ou aculturados, como se esses fossem simplesmente robôs descerebrados a repetir fórmulas, produtos, costumes ou ideias pensadas pelos grupos dominantes ou hegemônicos.

Nas palavras de Andrade (2009), os sujeitos, que não chegam vazios nos espaços educacionais, são capazes de fazer novas leituras e ressignificar o que lhes parece imposto. Mas, possivelmente, é através do conhecimento estabelecido aliado aos saberes trazidos em sua bagagem cultural, que esse sujeito poderá ampliar seu pensamento, podendo assim fazer reflexões sobre experiências anteriores e seu papel de protagonista na aprendizagem. E diante disso, a possibilidade do processo de significação da aprendizagem ganhar maior dimensão. Ultrapassar os limites da escola. Criar vínculos reais, de fora pra dentro e de dentro pra fora.

1.2. Fotografia e imagem

Ao discorrer sobre o ato fotográfico Sontag (2007) destaca a questão do pertencimento, da relação com o mundo, que decorre da dimensão analógica da fotografia, da verossimilhança com o que será representado. Destaca a o estímulo à crítica e a ampliação de conhecimento de mundo.

As fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem [...] uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens (SONTAG, 2007, p. 7).

Olhar através da câmera fotográfica possibilita ver com “outros olhos” o que está ao redor. Quando a partir de um recorte é possível atentar para questões

cotidianas que nos envolvem a todo instante e que mal percebemos. Barthes (1984) relaciona fotografias a uma “*aventura*”. Sustenta que essa “*aventura*” faz a fotografia existir. Nessa existência está a possibilidade de leituras. A possibilidade do olhar atento à própria existência e às relações com o Outro.

Sabemos pouco das pessoas com as quais compartilhamos o dia a dia, e suas ações nos surpreendem ou decepcionam muitas vezes por não nos atermos a sutilezas do cotidiano no qual estamos inseridos. Pesquisá-lo através da fotografia traz essa possibilidade.

É importante constatar a significativa transformação na forma de olhar dos estudantes às coisas e pessoas ao redor. Através da produção de fotografias que retratem pessoas que circulam nos espaços comuns, e onde a imagem dos próprios sujeitos da pesquisa também apareça contribui para a percepção destes sobre o seu lugar no mundo. “A foto é concebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra.” (DUBOIS, 2006, p. 25). A dimensão analógica da fotografia permite esse perceber-se como parte.

Esse aspecto é de extrema importância porque a busca de pertencimento e de identidade transforma o modo de ver e rever, constituindo lugar de experiência, de construção da própria história; da consciência da possibilidade de fazer escolhas e refletir sobre elas. Sontag (2007, p.7) diz que “Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento – e, portanto, ao poder”.

Destaque-se que devido às questões sociais – desigualdade, descaso público, pobreza, marginalidade – que envolvem alguns sujeitos da pesquisa é pertinente esse apontamento em relação ao imaginário que a autora aponta. A mesma diz que “A fotografia tornou-se um dos principais expedientes para experimentar alguma coisa, para dar uma aparência de participação”. (SONTAG, 2007, p. 13).

A fotografia pretende a validação do acontecimento (SONTAG, 2007). E através de olhar ingênuo e despretensioso – mesmo que a princípio – pode contribuir para o reconhecimento do espaço e da percepção de tempo. Nessa direção avança Benjamin (2012).

Apesar de toda perícia do fotógrafo e de todo planejamento na postura de seu modelo, o observador sente a necessidade irresistível de procurar nessa imagem a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem, de encontrar o lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje no “ter sido assim” desses minutos únicos, há muito instintos, e com tanta eloquência que, olhando para trás, podemos descobri-lo. (BENJAMIN, 2012, p. 100).

Retoma-se em Benjamin a busca de pertencimento, nesse caso relacionado ao observador. Ao que Barthes (2014, p. 38), como uma “consciência de *ter-estado-lá*”, algo que é do domínio do espaço percebido na fotografia. O que é diferente do que pode ser visto, portanto do que “*está lá*” na imagem fotográfica, que é do domínio analógico. Mas constitui outro aspecto da relação imagem/conhecimento.

Tal relação, embora incontestável, periodicamente tem reverses ao longo da história que, por vezes, prejudicam o desenvolvimento das civilizações ou promovem retrocessos. Machado (2001) aborda os “surtos do iconoclasmo”:

[...] de tempos em tempos, retorna na história da cultura humana o surto do iconoclasmo [do grego eikon, imagem + klasmos, ação de quebrar], manifesto sob a forma de horror às imagens, denúncia de sua danosa sobre os homens e destruição pública de todas as suas manifestações materiais. (MACHADO, 2001, p. 6).

Também contrária às ideias iconoclastas Sontag (2007) enfatiza impossibilidade de negar as construções sociais através da imagem, desde os primórdios da humanidade.

A realidade sempre foi interpretada por meio das informações fornecidas pelas imagens; e os filósofos, desde Platão, tentaram dirimir nossa dependência das imagens ao evocar o padrão de um modo de apreender o real sem usar imagens. Mas quando, em meados do século XIX, o padrão parecia estar, afinal, ao nosso alcance, o recuo das antigas ilusões religiosas e políticas em face da investida do pensamento científico e humanístico não criou – como se previa – deserções em massa em favor do real. Ao contrário, a nova era da descrença reforçou a lealdade às imagens (SONTAG, 2007, p. 128).

Machado (2001) considera insubstituíveis as possibilidades de pensamento proporcionadas pela imagem, o que permitem inferir a sua potencialidade para aprendizagem escolar. Sobre a imagem expressa na obra artística, afirma:

[...] A arte, tantas vezes simplificada por seus detratores e acusada, de maneira equivocada, de mimetizar o real, sempre foi uma forma de “escrever” o mundo.”. [...] forma de construção do pensamento tão sofisticada que sem ela provavelmente não teria sido possível o desenvolvimento de ciências como a biologia, a geografia, a geometria, a astronomia e a medicina. (MACHADO, 2001, p.23).

A afirmação de Machado bem como as demais defesas da intrínseca relação entre a imagem e a evolução do conhecimento não excluem uma aparente contradição entre a natureza estática do objeto fotográfico e sua potencia transformadora, aqui pretendida. Algo que Barthes (1984) desconstrói ao argumentar que a fotografia anuncia a morte do instante, mas a escolha que constitui o ato fotográfico, a animação, institui a possibilidade de transformação do futuro e (re) conhecimento do presente. O que é reiterado por Kossoy (2007, p.61):

A imagem fotográfica vai além do que mostra em sua superfície. Naquilo que não tem explícito, o tema registrado tem sua explicação, seu porquê, sua história. Seu mistério se acha circunscrito, no espaço e no tempo, à própria imagem. Isto é próprio da natureza da fotografia: ela nos mostra alguma coisa, porém seu significado a ultrapassa.

Cabe dizer que os significados que ultrapassam decorrem dos reconhecimentos do presente, e se ampliam nas formas de apresentar a imagem associada à outra(s). As reflexões de Eisenstein (2002) focalizam novos sentidos que duas ou mais imagens adquirem quando associadas. Embora suas considerações estejam direcionadas para a produção cinematográfica, porém, para este estudo importa a aproximação com os processos criativos de sua teoria. O termo ‘imagem criada’ por ele cunhada para exprimir um conceito a partir da montagem cinematográfica, aqui se refere ao resultado da manipulação de imagens. Atualmente tempestades de imagens se originam de manipulações em diferentes mídias, ‘criando imagens’ – “fatos” e “versões” – infinitas.

Eisenstein (2002) explica a montagem e o que ela possibilita quando diz que “dois pedaços de filme de qualquer tipo, colocados juntos, inevitavelmente criam um novo conceito, uma nova qualidade, que surge da justaposição”. (EISENSTEIN, 2002, p. 14). Diz ainda: que “a justaposição de dois planos isolados através de sua união não é a simples soma de um plano mais outro plano – mas o *produto*. Parece um produto – em vez de uma soma das partes – porque em toda justaposição deste tipo o *resultado é qualitativamente* diferente de cada elemento considerado

isoladamente”. (EINSENSTEIN, 2002, p. 16). A montagem, a justaposição de planos ou de *referentes* – a primeira *realidade* de Barthes (2014) constitui uma nova imagem, um novo conceito, uma nova ideia. Eisenstein afirma que a montagem é uma poderosa ajuda para que a construção narrativa seja emocionante e estimulante. É possível produzir sentidos diferentes através de justaposições. As imagens separadas, em espaços-tempos diferentes dizem algo relacionado aquele momento. As figuras⁹ 2 e 3 a seguir foram colocadas juntas intencionalmente, visando produzir um sentido novo. Uma nova imagem.



Figura 2 – Líder dos caras pintadas.



Figura 3 – Lindberg Farias e Fernando Collor.



Figura 4. Sérgio Moro.

Fonte: <http://www.wscom.com.br>



Figura 5. Moro e Aécio. Fonte: <http://noticias.r7.com>

Separadas as imagens possuíam diferentes sentidos, quando lidas nos espaços-tempos de sua produção. Justapostas constroem uma imagem traduzida pela manchete de apresentação da figura 3: “Ex-cara pintada e ex-presidente se encontram na lava-jato”. Assim como a figura 5: a imagem do juiz Sérgio Moro

⁹ Imagens disponíveis respectivamente em: <http://noticias.r7.com/brasil/lider-dos-caras-pintadas-diz-que-manifestantes-de-1992-nao-precisavam-levar-vinagre-nas-mochilas-17062013>; <http://oglobo.globo.com/brasil/ex-cara-pintada-ex-presidente-se-encontram-na-lava-jato-15527156>

sorrindo com um dos parlamentares citados em delações das investigações do esquema de corrupção da Petrobras¹⁰.

Ética e participação eram conceitos associáveis às figuras, à época do primeiro registro. Enquanto cordialidade e diálogo poderiam ser sentidos atribuídos tanto nas duas primeiras quanto nas últimas. A justaposição, porém, induz à noção de corrupção generalizada no parlamento, descrédito da sociedade para com os políticos e a justiça.

Nesse exemplo é possível perceber a potência da imagem na construção de conceitos. Vale destacar que a figura 3 foi publicada em 2011, quando da posse dos novos senadores, e na ocasião causou perplexidade na população. Oportunamente inserida em 2015, com a legenda anteriormente transcrita provocou outras manifestações de repúdio, o que expressa a aposta em novas leituras da mesma imagem. As figuras 4 e 5 foram publicadas em 2016. Momento em que o então juiz esteve responsável pelas investigações da chamada operação Lava Jato. Causando grande polêmica a figura 5. Onde juiz e parlamentar citado em participação no esquema encontram-se em cerimônia para premiação “Brasileiros do ano”.

Isoladamente ambas as fotos iniciais de cada dupla de personalidades possuem forte apelo. Justapostas dispensam palavras. Caberia ainda investigar as transformações ocorridas no olhar dos eleitores tanto para os dois senadores quanto para as “personalidades do ano”, algo que poderia ser avaliado numa consulta ao banco de dados de pesquisas de opinião, antes e depois das publicações. E isso para não falar numa pesquisa que utilizasse a “montagem” aqui apresentada. Mas esta não é a finalidade deste estudo. O que se pretende com essa exploração é refletir sobre o potencial do objeto fotográfico no modo de pensar e agir na sociedade contemporânea.

De forma muito negativa vê-se repercutir os abusos através da imagem pelas redes sociais. Tais ações inquietam pelo tamanho do mal que fazem. O uso da imagem de forma negativa e constante merece a atenção da escola. Coloca-se aqui uma questão que não deve passar despercebida a uma educação que se pretenda humanizante: a educação é um caminho para a superação desses atos de violência gratuita?

¹⁰ <http://noticias.r7.com/brasil/foto-de-moro-e-aecio-viraliza-nas-redes-sociais-07122016>

1.2.1. Fotografia e Arte: estímulo ao diálogo no cotidiano escolar

Ao longo da história da fotografia diversas dimensões tem sido objeto de discussão: a documental, a simbólica, a artística. Para este estudo esta última tem importância particular. Refletir sobre esta dimensão inclui um breve resgate da história dessa linguagem.

Até o início do século XIX vários pesquisadores tentavam fixar a imagem obtida pela câmera obscura – já conhecida por Leonardo da Vinci e outros artistas da renascença – em uma superfície. Benjamim (2014) destaca dois desses pesquisadores que simultaneamente conseguiram realizar o feito, Joseph Nicéphore Niépce e Louis Daguerre. No entanto, devido a dificuldades para patentear, a invenção foi posta no domínio público.

Com isso, foram criadas condições para um desenvolvimento contínuo e acelerado, que por muito tempo excluiu qualquer investigação retrospectiva. É o que explica porque as questões históricas, ou filosóficas, se se quiser, suscitadas pela ascensão e declínio da fotografia, deixaram durante décadas de ser consideradas. (BENJAMIM, 2014, p. 97).

A fotografia encantou muitas pessoas e provocou a ira de artistas e críticos na época, principalmente, do poeta e crítico francês Charles Baudelaire.

Ao criticar duramente a fotografia, Baudelaire acreditava que dava um grande passo para salvar a pintura de uma catástrofe. Seu amor pela modernidade foi o grande fator de sua aversão ao progresso, exteriorizado através da fotografia. Assim recoloca com clareza o papel da fotografia. Ela é um instrumento, um servidor da memória, simples testemunho do que foi. O papel da fotografia seria, portanto, o de conservar o traço do passado ou o de auxiliar as ciências em seu esforço para uma melhor apreensão da realidade. (RAMOS, 2009, P.131).

Baudelaire preocupava-se com o futuro da arte, uma vez que muitos haviam se encantado com a chegada da fotografia. “É claro que como poeta a grande preocupação de Baudelaire era o esquecimento da arte ocasionado pela mecanização e industrialização da fotografia.”. (RAMOS, 2009, p, 131). É preciso considerar que naquele período não se concebia a associação entre arte e fotografia, pois esta era do campo da ciência.

Quer seja contra, quer seja a favor, a fotografia [...] é considerada como ‘a imitação mais perfeita da realidade’. E de acordo com os discursos da época, essa capacidade mimética procede de sua própria natureza técnica, de seu procedimento mecânico, que permite fazer aparecer uma imagem de maneira “automática”, “objetiva”, quase “natural” (segundo tão somente as leis da ótica e da química) [...] (DUBOIS, 2006, p.27).

Ainda, em relação às controvérsias do século XIX sobre a pintura e fotografia, Ramos (2009, p. 132) comenta.

Essa polêmica foi expressão de uma transformação histórica, que como tal não se esclareceu para nenhum dos antagonistas. Muito foi discutido sobre a relação fotografia e arte, mas ninguém colocou a questão prévia de saber se a invenção da fotografia não havia alterado a própria natureza da arte.

Menos pela via do debate, mais pela assimilação gradativa, diversos artistas utilizaram as potencialidades oferecidas pelo mecanismo. E não apenas para a composição visual da imagem, mas para reflexão sobre o processo artístico. Dubois (2006) ao mencionar Marcel Duchamp, pintor francês e grande expoente do Dadaísmo, aproxima a lógica de sua produção à lógica da fotografia.

Se Marcel Duchamp representa a ruptura absoluta na alvorada desse século é principalmente pelo abandono que institui desde muito cedo de tudo o que tem relação com o que ele chamava “a arte retiniana” (isto é, com a representação “clássica”, inclusive em suas formas “revolucionárias”, como o impressionismo ou o cubismo, que Duchamp atravessou rapidamente para não voltar nunca mais) em proveito de uma concepção da arte baseada essencialmente na lógica do ato, da experiência, do sujeito, da situação, da implicação referencial, que é a própria lógica que a fotografia faz emergir [...] (DUBOIS, 2006, p. 254).

Assim como a arte de Duchamp, que marca uma conexão da arte com a fotografia, o Suprematismo de Malèvich, o Surrealismo, como também o Expressionismo abstrato e uma série de outras tendências artísticas têm na fotografia elementos para suas produções. Ramos (2009) lembra que o suprematismo, apesar de romper com a ideia de imitação da natureza – o que está colado à fotografia se relacionada à questão de verossimilhança com o real –, tem seus componentes centrais de abstração – percepção, concepção e representação de um novo espaço – ligados a um gênero fotográfico preciso. Relacionados às fotos aéreas que compõem suas obras. “Os surrealistas deixam o mundo real para entrar no irreal, pois a emoção mais profunda do ser em todas as possibilidades de se

expressar apenas com a aproximação do fantástico [...]” (RAMOS, 2009, p. 138). Artistas do expressionismo abstrato, como Robert Rauschenberg, utilizavam colagem em seus trabalhos, assim como os dadaístas. Aqui a fotografia em dado momento é objeto como os outros, material construtivo na obra, em outro exprime “a alma simbólica das construções”. (RAMOS, 2009, p. 139).

Marca física de uma presença, superfície abstrata e destacada de qualquer referência espacial, a foto é também um verdadeiro material, um dado icônico bruto, manipulável como qualquer outra substância concreta (recortável, combinável, etc.), portanto, integrável em realizações artísticas diversas, em que o jogo de comparações (insólitas ou não) pode exibir todos os seus efeitos (DUBOIS, 2006, p. 268 - 269).

Nesse contexto, Dubois (2006) valida a presença da fotografia em produções artísticas diversas. A utilização da fotografia em si e de seus processos parece uma constante principalmente das tendências modernistas às contemporâneas.

Tanto no expressionismo abstrato como no dadaísmo a montagem constitui a obra. A técnica – montagem – estudada e experimentada por Eisenstein, como já abordamos, serve de base para dar novos sentidos nos trabalhos desses artistas e de tantos outros.

Pelo que foi visto, a fotografia indicou novos rumos para a arte. Ela apresenta-se potente na arte contemporânea, com um número demasiado de artistas que a utiliza, hora como conteúdo, hora como suporte, e muitas vezes como o próprio objeto artístico.

Hoje, essa discussão está ainda mais presente. Meister¹¹ toca na questão quando fala da transformação da fotografia, de documento para expressão artística. Fazendo rápido resgate da história da fotografia fala do reconhecimento de Walker Evans¹² ao trabalho do fotógrafo francês Eugène Atget, no início do século XX, considerado fundamental para a percepção da fotografia como expressão artística. “Ao longo da história da fotografia, esse potencial é periodicamente redescoberto, e a fotografia ‘documental’, não embelezada, adquire um significado nitidamente contemporâneo” (Sarah Meister). Deste ponto de vista, a fotografia marca este tempo como objeto artístico, mesmo preservando a condição de objeto de contemplação: “a força delas reside no diálogo entre o artista e o público, não

¹¹ Curadora do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque em entrevista para a revista ARTE!Brasileiros, jul. 2015.

¹² Fotógrafo norte-americano. Disponível em: <http://www.britannica.com/biography/Walker-Evans>

importa a forma que essa conexão venha tomar” (Sarah Meister). Uma vez que vem aumentando a sua participação nos espaços de exposição, comercialização e crítica de arte. Uma participação que já lhe assegura presença nos museus de Arte.

O reconhecimento progressivo da fotografia no universo da arte deve-se, também, à democratização do acesso aos dispositivos de produção de imagens de conseqüente profusão nos ambientes virtuais: “Fico impressionada com o renovado interesse pelo objeto fotográfico, com o reconhecimento de que a presença material da fotografia carrega em si um significado essencial e específico” (Sarah Meister). Também por esse motivo é fundamental inserir a produção fotográfica e a reflexão sobre ela nos processos de formação escolar.

1.2.2. Fotografia no cotidiano escolar e o processo ensinoaprendizagem

Além da escola, outros espaços educam. Não como a escola, com certificação, seriação etc. Mas educam. Os contextos familiares, os grupos sociais, os grupos artísticos e esportivos, as instituições religiosas, os clubes, as agremiações culturais, os espaços públicos: praças, museus, centros culturais, e tantos outros, que não são escola, são também lugares de educação.

Assim, as relações nesses espaços, sejam eles formais ou não formais possibilitam a formação e a transformação do sujeito. “[...] a escola não é o único “lugar de conhecimento” e de transformação de subjetividades [...]”. (ARAÚJO, 2012, p. 86). Através da articulação de saberes de diversas origens permite que se vislumbre um trabalho escolar consistente, que possibilite a construção de sentidos que ultrapasse os muros da própria escola. Essa reflexão sobre a interseção dos conhecimentos formais com os conhecimentos trazidos pelos estudantes, que compõem esses espaços, reforça a ideia do reconhecimento. Reconhecimento do sujeito como participante, como protagonista nos processos de aprendizagem.

Os estudos de Vygotsky em torno da aprendizagem apresentam evidências da necessidade de interação com o meio, da presença do outro e da bagagem – somatório de vivências, de conhecimentos, de medos etc. – que cada indivíduo carrega. Diz que a aprendizagem é um processo interno, ativo e interpessoal. Entender a aprendizagem dessa forma difere de entendê-la como simples aquisição de informações.

O professor que envereda por esse caminho costuma não conseguir senão uma assimilação vazia de palavras, um verbalismo puro e simples que estimula e imita a existência dos respectivos conceitos na criança, mas, na prática, esconde o vazio. Em tais casos, a criança não assimila o conceito, mas a palavra. Capta mais de memória que do pensamento e sente-se impotente diante de qualquer tentativa de emprego consciente do conhecimento assimilado. No fundo, esse método de ensino substitui a apreensão do conhecimento vivo pela apreensão de esquemas verbais mortos e vazios (VYGOTSKY, 2001, p. 247).

Tais ideias tratam a ação do sujeito como prática fundamental para a aprendizagem. De acordo com Neves&Damiani (2006) Vygotsky também destaca a importância do meio social para o desenvolvimento humano.

Na abordagem vygotskyana, o homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações que acontecem em uma determinada cultura. O que ocorre não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural em que se insere. Assim, é possível constatar que o ponto de vista de Vygotsky é que o desenvolvimento humano é compreendido não como a decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento, mas sim como produto de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro (NEVES; DAMIANI, 2006, p. 7).

Nesse sentido, o cotidiano se evidencia como lugar onde as relações se estabelecem, onde os pares se (re) conhecem e onde as trocas acontecem. É nesse lugar diverso que a aprendizagem torna-se significativa. Pois depende de interação social, de troca, de significados via interação social. (VIGOTSKY, 1991).

A partir desse aporte teórico-metodológico sobre a produção de conhecimento, a pesquisa no cotidiano escolar vem questionando valores que subsidiaram práticas pedagógicas tradicionais sustentadas pela concepção de que uma Educação de qualidade se baseia na democratização de conhecimentos selecionados de cultura (OLIVEIRA, 2007), aqui entendidos como conhecimentos formais, academicamente produzidos, “puramente científicos”. Essa perspectiva por vezes, ainda, presente na escola, desperdiça a possibilidade de produção de conhecimentos próprios desse cotidiano e a forma de analisar como se processa tal produção.

A sociedade vive em constante transformação e necessita de ações mais voltadas para as realidades dos sujeitos, enriquecidas pelas vivências cotidianas. As

pesquisas no cotidiano escolar têm contribuído para novas proposições curriculares e inspirado práticas docentes mais plurais e inclusivas. Merece destaque as questões que abordam a vivência do meio dos sujeitos como autores do conhecimento e do olhar diferenciado para o que ocorre no cotidiano, podendo fazer relações com suas próprias ações, revelando assim maior interesse no que circunda o cotidiano. Para Krammer (2013):

O papel da escola é atuar nessa ambivalência: levar em conta as diferenças combatendo a desigualdade e assegurar a apropriação do conhecimento, pois o que singulariza o ser humano é sua pluralidade, e o que favorece superar a particularidade é o conhecimento universal, sobretudo a compreensão da história. E por que todos têm direito ao conhecimento? Porque todos participam direta ou indiretamente da produção desse conhecimento (KRAMMER, 2013, p. 30).

O cotidiano está repleto de significados que possivelmente são fonte de conhecimento. Descobri-lo ou redescobri-lo requer um mergulho nele. Ainda não é comum, apesar das pesquisas a respeito, absorvermos da vivência diária conhecimento transformador de forma consciente. Vale lembrar que inserido em qualquer cotidiano estão os sujeitos, sujeitos que fazem parte, que constroem um mundo real com sua diversidade e complexidade. E a construção se faz a partir dos modos de ver e ver-se, de sentir, de sofrer, de perceber, de viver o cotidiano. Destas construções renascem desejos, valores, esperança. À medida que se vive intensamente o cotidiano, mergulhando-se nele, tornam-se possíveis as transformações e percepções significativas na construção do sujeito. Alves (1998c, p.2) afirma:

[...] Não há outra maneira de se compreender a lógica do cotidiano senão sabendo que nela estamos inteiramente mergulhados. [...] Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, exige que estejamos dispostos a ver além daquilo que os outros já viram e muito mais: que sejamos capazes de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capazes de engolir sentindo variedades de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e se deixando tocar por elas, cheirando os cheiros que a realidade vai colocando a cada ponto do caminho diário.

Nesse sentido, nada mais coerente do que ter como fotógrafo, o aluno, que vive o cotidiano da escola e poderá revelar sua vivência com uma nova forma de escrever, outra forma de registrar seu cotidiano, suas vivências, seus desejos e

realizações, sua noção de tempo e espaço, suas crenças e medos; revelar-se de uma forma outra, de uma forma que é a sua de ver o mundo; o que quis definitivamente deixar registrado, relatando ou não o que viu ou o que surgiu na hora da escolha, no recorte que fez ao olhar pela lente da câmera.

Tudo isso nos permite perceber, nos diferentes espaços-tempos cotidianos em que conhecimentos são trocados e criados, em um processo de tessitura cultural permanente, que as imagens exigem que incorporem sua variedade e diferenças, sabendo, ainda, que vão permitir diversas leituras, que é como vem sendo chamada a entrada de quem olha, sente e, tantas vezes, toca e cheira uma imagem (ALVES, 2003, p.67).

Alves (2003) traz a força que tem o cotidiano. Aborda a diversidade do cotidiano escolar, a multiplicidade que nele existe, pois, diversas são as vivências e múltiplos são os sentidos. Pensar o cotidiano escolar a partir das suas construções estabelece um diálogo consistente em relação a produção de conhecimento. “(...) só é possível analisar e entender o cotidiano escolar em suas lógicas, através de um grande mergulho na realidade cotidiana da escola e nunca exercitando o tal olhar distante e neutro que me ensinaram e aprendi a usar” (ALVES, 2001, p. 19).

Nesta reflexão interessa:

[...] estudar as práticas cotidianas, procurando nelas, não as marcas da estrutura social que as iguala e padroniza, mas, sobretudo, os traços de uma lógica de produção de ações de sujeitos reais, atores e autores de suas vidas, irreduzível à sua lógica estrutural, porque plural e diferenciada é, para este tipo de pesquisa, a ação fundamental (OLIVEIRA 2001, p. 43).

As vivências nos espaços – espaços de trocas – possibilitam transformações nos sujeitos e se mostram significativas na construção do conhecimento de cada um. O *mergulho* é necessário para as atuações positivas neste lugar múltiplo em sua realidade. As tensões geradas no cotidiano podem ser percebidas. A complexidade do cotidiano é o ponto de partida para se pensar a escola. Pensar a escola é pensar nas relações, nas ações dos sujeitos, em suas criações e recriações possibilitadas pela troca na vivência cotidiana.

Ferraço (2001, p. 91-92) traz alguns pontos para pensar o cotidiano:

- a) No cotidiano, só conhecemos nossas próprias criações, pois, em essência, somos nosso próprio objeto de estudo. Apreendemos do cotidiano o que nele introduzimos;
- b) Todo conhecimento que criamos/inventamos revela, em parte, quem somos. As verdades que produzimos são fragmentos de nossas verdades/identidades;
- c) Essas verdades são múltiplas porque subjetivas e tornam-se objetivas (objetivadas) à medida que compartilhadas/produzidas pelo imaginário mais amplo;
- d) Por ser invenção não há como antecipar caminhos, somos levados, por movimentos caóticos (ordem/desordem), a percorrer redes efêmeras de representações e práticas que se configuram e desaparecem nos tempos/espços das vivências;
- e) Como são efêmeras as redes exigem de nós, na apreensão de seus fragmentos, caças não autorizadas, maneiras diferenciadas de senti-las. Mergulhos, mortes/ressurreições, idas e vindas. Vivências corporais dos movimentos caóticos.

Produzir imagens no cotidiano possibilita sentir-se participante do espaço a que pertence. “Assim como as fotos dão às pessoas a posse imaginária de um passado irreal, também as ajudam a tomar posse de um espaço em que se acham inseguras.” (SONTAG, 2007, p. 12).

Certeau (1994) à luz das reflexões freudianas afirma que “a ciência não articula num saber novo, as crenças comuns” (CERTEAU, 1994, p. 61). Elucida a respeito do homem ordinário. Para Certeau, Freud “estabelece um contrato com o homem ordinário e conjuga seu discurso com a multidão. Esse contrato permite à teoria estender-se ao universal e apoiar-se no real da história”. (CERTEAU, 1994, 61-62). Ou seja, o que se tem como verdade absoluta se abre para outras possibilidades. Fala da flexibilidade dessa verdade posta como absoluta (característica da ciência moderna), destituída do mundo real, da prática. Essa reflexão dá espaço para o que não é aceito nos padrões científicos modernos. Trata-se de uma inversão do saber, “a ultrapassagem da especialidade pela banalidade” (CERTEAU, 1994, p. 63). O homem ordinário proporciona o princípio de totalização e reconhecimento. Pelo fato de assegurar, ao mesmo tempo, o discurso da diferença e da totalidade.

Nesse sentido a análise de Freud em relação à cultura não prioriza generalidade, pensa numa participação, portanto, na possibilidade de diálogo. Onde é necessária a presença do outro, não como Mesmo (LÉVINAS, 1999), mas como diferente e autônomo.

O trivial não é mais o outro (encarregado de reconhecer a isenção do seu diretor de cena); é a experiência produtora do texto. O enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se *torna* o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento (CERTEAU, 1994, p. 63).

O homem comum é representado pelo povo que se submete às verdades, descoladas da realidade, sem reagir, porque as entende como verdades absolutas. Certeau (1994, p. 64) aponta para a participação do homem comum e para as transformações e possibilidades de novas leituras geradas pela reorganização do lugar de onde se produz o discurso.

Eu gostaria de descrever a erosão que desenha o ordinário em um corpo de técnicas de análise, pôr à vista as aberturas que marcam o seu traço sobre as margens onde se mobiliza uma ciência, indicar os deslocamentos que levam para o *lugar comum* onde “não importa quem” enfim se cala, a não ser repetindo (mas de outro jeito) banalidades. Mesmo que seja aspirada pelo rumor oceânico do ordinário, a tarefa não consiste em substituí-la por uma representação ou cobri-la com palavras de zombaria, mas de mostrar como ela se introduz em novas técnicas – à maneira como o mar volta a encher os buracos da praia – e pode reorganizar o lugar de onde se produz o discurso.

Nesse sentido, a escola, no papel de homem ordinário precisa repensar-se. Freud trouxe à tona, Certeau analisou e muitos outros ao longo da história têm abordado essa temática prenhe de questões.

É válido possibilitar ao sujeito o (re) conhecimento de sua participação na história? É válido pensar a participação do Outro, do diferente, como importante para a formação humana? Será válido pensar que as relações estabelecidas cotidianamente podem ser de reconhecimento e respeito?

1.2.3. Modos de ver

Iniciaremos esta discussão com Von Foerster (1996) para refletir sobre a maneira que vemos. O autor faz uma análise a partir do estudo científico da visão. Dá vários exemplos de experimentos e chega à conclusão que precisamos compreender para ver. Ele aborda nosso ponto cego, e se utilizando dessa abordagem explica que como não vemos determinadas coisas fora do nosso campo de visão é natural não nos darmos conta da existência delas. E utiliza a expressão

“*não vêem que não vêem.*” (FOERSTER, 1996, p. 60, grifo do autor). Sendo essa, segundo ele, uma disfunção de segunda ordem no domínio do cognitivo.

O autor examina temas referentes à linguagem. “O primeiro é a confusão que nos leva a supor que a linguagem é, predominantemente, denotativa” (FOERSTER, 1996, p. 62). Quando aborda o tema diz que o principal obstáculo ao conceito é a noção de realidade tal como herdamos. Explica a realidade através do mito da caverna, de Platão, em uma conversa entre Sócrates e Glauco. Conclui que temos “diferentes realidades de diferentes realidades”, ou seja, o que vemos é realidade para nós, porque o entendemos e isso nos faz sentido. O outro vê e entende a seu modo, tendo assim outra realidade, construindo outro sentido.

No segundo ele fala sobre “*substantivar*”, o mesmo que *coisificar* (FOERSTER, 1996, p. 62, grifo do autor). Diz que frequentemente a substantivação entra em nossos argumentos. De forma crítica afirma que em consequência da nominalização, o conhecimento se transforma em mercadoria. E alerta: “[...] se estamos ante um processo que pode converter-se numa coisa, vamos por caminho errado. Muitas de nossas dificuldades para compreender se devem a que constantemente tratamos como objetos o que, em realidade, são processos” (FOERSTER, 1996, p. 62).

A reflexão de Foerster vai de encontro ao que diz Etienne Samain quando cita Beteson. Ele diz que as imagens fazem parte de um sistema e que elas geram todo um pensamento. Que a imagem é muito mais do que um objeto. É lugar de um processo vivo. É um ato. Um processo impregnado de toda uma dinâmica, uma vivência passada, presente e futura. De uma vivência que questiona a história (informação oral)¹³.

Foerster (1996, p. 65) sugere em outro momento “que o mundo é uma imagem da linguagem. A linguagem vem primeiro; o mundo é uma consequência dela”. Diz também que “as explicações podem se tornar muito perigosa se nos tornam cegos a alguma coisa”.

Se alguém *inventa* algo, então é a linguagem que cria o mundo; se, em troca, alguém pensa que *descobriu* algo, a linguagem não é mais do que uma imagem, uma representação do mundo. Acredito ter podido demonstrar-lhes com isso que é a linguagem que gera o mundo e não o mundo que é representado na linguagem (FOERSTER, 1996, p. 66).

¹³ Conferência disponível em: <https://vimeo.com/search?q=Etienne+samain>

Quando o autor diz “*pensa que descobriu*” afirma que tudo o que existe não tem como ser descoberto. Já existe. O que acontece é uma invenção. Inventa-se para se tornar uma realidade. Inventa-se uma teoria, um conceito, um nome. Que nos faz lembrar o “*substantivar*” mencionado pelo mesmo, anteriormente. Por esse ponto de vista, a linguagem cria o mundo e não o contrário.

Foerster dá vários exemplos para explicar o ver. Em um deles é possível concluir que não podemos ver o que não podemos explicar. E que para ver precisamos nos despir de nossas explicações. O que me faz lembrar um professor de História da Arte, da graduação. No primeiro dia de aula, o professor Aldo Victório disse que precisávamos tirar todos os “repolhos” da cabeça. Uma metáfora que às vezes repito. Dessa forma possibilitamos a abertura de vazios necessários para o novo aprendizado. O que pode trazer nitidez ao que passamos a ver.

É comum olharmos e não vemos. Ou estarmos tão acostumados a não ver que não nos damos conta de que não vemos. A abordagem de Foerster segue por esse caminho. Guiamo-nos pelo que olhamos e frequentemente não estamos atentos ao contexto, às especificidades. A percepção dos detalhes do caminho, a luz incidindo em determinado objeto e a transformação de sua cor e até mesmo uma ausência. “Devemos compreender o que vemos ou, do contrário, não vemos” (FOERSTER, 1996, p.71).

O professor Etienne Samain (1995) também faz uma interessante abordagem sobre a visão. Sua discussão está relacionada diretamente a imagem, em especial, a imagem fotográfica, como forma de pensar o mundo. O professor estimula a reflexão sobre a importância da imagem no mundo atual e a maneira como lidamos com as imagens que nos cercam. Suas reflexões sugerem um olhar de possibilidades para as imagens. Um olhar de revelações e questionamentos sobre o mundo, sobre nossa história. A abordagem do autor é direcionada ao modo de ver do antropólogo e do fotógrafo. Ele busca a reflexão sobre uma maior “alfabetização visual” tanto em um, quanto no outro. (SAMAIN, 1995). Suas reflexões aqui interessam pela sensibilidade em tratar o assunto. E de refletir sobre a maneira que tratamos a imagem, ou seja, a maneira que vemos.

Esse modo de ver, sugerido pelo autor, não pretende desprezar outras formas de contemplar as imagens. Faz um convite ao homem contemporâneo. Que adentre as imagens e as desdobre de forma crítica. Nosso mundo, hoje, vive o que Etienne

Samain discorre sobre o ritmo das imagens. Em sua fala reporta o cinema. Diz que desde então as imagens correm conosco. E o que se via para o futuro eram uma avalanche e uma velocidade enormes das imagens diante dos olhos que nos fariam cansados de ver tantas imagens. Nesse sentido, aproveitar as potencialidades da imagem, dependerá de nossa capacidade de integração à elas. (informação oral)¹⁴.

De acordo com o autor toda imagem nos oferece algo para pensar. Estimula o pensamento do real para o imaginário. Reiteremos, então, a partir desta reflexão, que os modos de ver dependem além do contexto, da vivência e da experiência. E com a complementação de Etienne Samain, que toda imagem é portadora de pensamento, na medida em que veicula pensamento de quem as produziu e incorpora pensamentos daqueles que a observam. O que carrega de pensamentos de quem a produziu e os olhares sobre ela. Cabe aqui parte da discussão de Ulpiano Meneses. Segundo Meneses (2003), a cultura visual, não pode continuar a ser, na maioria dos estudos e práticas, apenas um tema inserido, mas precisa fazer parte num processo dialógico.

[...] trabalhar historicamente com imagens obriga, por óbvio, a percorrer o ciclo completo de sua produção, circulação e consumo, a que agora cumpre acrescentar a ação. As imagens não tem sentido em si, imanentes. Elas contam apenas – já que não passam de artefatos, coisas materiais ou empíricas – com atributos físico-químicos intrínsecos. É a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente (no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais, nos agentes que intervêm) determinados atributos para dar existência social (sensorial) a sentidos e valores e fazê-los atuar”. (MENESES, 2003, p. 28).

Retornando a ideia de avalanche de imagens, Etienne Samain diz que do momento em que somos de um lado saturados, sufocados sobre o peso das imagens somos por outro, convocados a tomar a sério uma tarefa urgente, a abrir caminhos para que as imagens nos ensinem a ver e a pensar. E nos convida a olhar o que não sabemos/queremos ver.

1.3. Alteridade e identidade

Alteridade e identidade são conceitos que se integram. Parecem constituírem-se harmoniosa e necessariamente. Para refletirmos sobre a formação de meninas e

¹⁴ Conferência disponível em: <https://vimeo.com/search?q=Etienne+samain>

meninos na escola, e sobre a nossa própria, não podemos desconsiderar esses conceitos e sua conexão.

A proposta de contribuir para a construção de realidades e a possibilidade de novas leituras dos sujeitos nos espaços cotidianos criando possibilidades de autoconhecimento, de enxergar e reconhecer o outro como também sujeito de ações, indica o caminho para as construções identitárias. Corroboram para esta as discussões tecidas por alguns estudiosos, alguns na atualidade.

Refletir sobre identidade/alteridade no momento atual é urgente. No entanto, o que aparece como primeira necessidade são as ações oriundas dessas falas. O que é necessário fazer, após ter compreendido, de certa forma, esses conceitos? Que ações realizar após ter compreendido a necessidade delas?

A pedagogia da alteridade, fundamentada nas ideias de Lèvinas tocam profundamente no pensar a existência de outrem. Enxergar o Outro e suas subjetividades. E entender que “As diferenças não devem ser simplesmente respeitadas ou toleradas” deve ser “[...] colocadas permanentemente em questão” (SILVA, 2005, p.88).

Procura-se um sentido da inteligibilidade que não envolva mais o humano, que o sujeito evoque um princípio que não seja envolvido pelo cuidado com a destinação humana. Em compensação quando digo que a consciência, na relação ao outro, perde seu primeiro lugar, não é naquele sentido; quero dizer, ao contrário, que na consciência assim pensada há o despertar para a humanidade. A humanidade da consciência não está absolutamente nos seus poderes, mas na sua responsabilidade. Na passividade, no acolhimento, na obrigação a respeito de outrem: é o outro que é primeiro, e aí a questão da minha consciência soberana não é mais a questão (LÈVINAS, 2004, p. 153).

Quando Lèvinas fala da necessidade de enxergar o Outro, é importante retornar a Paulo Freire e a importância dos sujeitos como praticantes nos processos da aprendizagem. O conceito de alteridade aqui, também corrobora para que pretensamente se perceba a potencialidade do ensino de Arte através da produção fotográfica.

As discussões que constituem esta pesquisa pretendem uma reflexão a partir das fotografias de seus sujeitos. Colocamos os conceitos alteridade e identidades como primordiais, numa pesquisa que investiga a possibilidade de reconhecimento do Outro como agente formador da constituição do sujeito, pelo ato fotográfico.

Entendemos que fotografar o cotidiano possibilita olhar com atenção o visto e o não visto no recorte feito pela câmera, mais ainda, a possibilidade de enxergar o Outro nesse processo. E enxergar o Outro é sabê-lo importante. É não desprezar seus interesses e seus saberes. É entendê-lo e respeitá-lo em sua diferença. Olhar o Outro possibilita olharmos para nós mesmos, refazendo o exercício que fizemos com o Outro, o exercício de olhar. Um exercício que incentive a investigação de nós mesmos.

Na perspectiva da pedagogia da alteridade, a pedagogia tradicional como discurso do Mesmo tem a pretensão de se apoderar de tudo que é do Outro, transformando-o em Mesmo e destituindo-o de liberdade. Coloca o Outro num lugar de privações e obediência. O que importa é a necessidade própria, o que está relacionado ao eu.

Na educação tradicional, pelo recurso ao conceito universal, a razão desrespeita as singularidades e, inevitavelmente, constrói uma totalidade. Ou seja, neste modelo de educação formal, pelo qual o singular passa a universal, o Outro fica como que suspenso e privado de permanecer em sua alteridade, e acaba fazendo parte de um sistema total, ditando todas as regras, não lhe restando alternativa senão agir de acordo com as normas propostas pelo sistema (ALVES; GHIGGI, 2012, p. 581).

Pela noção de alteridade é possível refletir sobre o papel da escola no que tange às relações interpessoais. Sobre o posicionamento de cada um para com o Outro. Levantar questões como: de que forma a relação com o Outro nos toca? Qual o papel do Outro no processo de ensinoaprendizagem? No entanto, é necessário, antes, pensar na necessidade de reconhecimento de si, como parte na relação com o Outro. Há uma tendência própria dos seres humanos em exigir a participação do Outro, mas como domínio, como propriedade; como fonte a saciar as próprias necessidades.

A necessidade abre-se a um mundo que existe para mim – ela regressa-se a si. Mesmo sublime, como necessidade de salvação, é ainda nostalgia, saudade. A necessidade é o próprio regresso, a ansiedade do eu por si, forma original da identificação a que chamamos egoísmo. Ela é assimilação do mundo com vista à coincidência consigo mesmo ou felicidade (LÉVINAS, 1999, p. 233).

Geralmente, não reconhecemos ou identificamos nossas próprias dificuldades morais, talvez nos falte coragem e uma medida de esforço para relacionarmos o

sentimento (vontade) ao que lhe é próprio. E ocasionalmente elas estão relacionadas à nossa maneira de viver no mundo. A forma que lidamos com as variadas situações. Se estivermos atentos compreenderemos que para exercício do autoreconhecimento será necessário reconhecer no Outro a sua participação. O que vai depender também de capacidade própria de criar em nós lugares. Vazios necessários que permitam a entrada de conhecimentos que não sejam apenas os suficientes para nossas convenções. Acreditamos que este caminho possibilite a compreensão “eu e outro”. Além de favorecer ações diferenciadas, conscientes e éticas.

Segundo Ballengee-Morris, Daniel e Stuhr (2008, p. 271): “Reconhecendo nossa própria identidade sociocultural e nossos preconceitos, fica mais fácil entender as multifacetadas identidades culturais dos outros”. Essa proposição sugere a disponibilidade para uma relação que abdique da polaridade para permitir o encontro. Uma proposição também sustentada por Fernando González Placer (2001).

Talvez, para responder ao Outro seja necessário repensar-se e desentender-se de si mesmo, se tenha de distanciar-se de nossos deuses, de “nossa” Consciência Humanitária (de nossos símbolos e de nossos significados), se tenha de deixar de continuar sendo da maneira como somos, se tenha de deixar nomeando e olhando como o fazemos. Talvez, para sentir o Outro se tenha de contribuir a desgastar este nosso mundo, permitindo que se abram lugares de silêncios inesgotáveis e de palavras – que não são necessariamente conceitos – reveladoras. Talvez, para poder receber o Outro, seja necessário querer trabalhar, semear e cultivar em um lugar comum, uma terra e um mundo de ninguém, sem apropriações e sem limites. Talvez, para encontrar o Outro, se tenha de descarrilar destes tempos do possível e do previsível, desses tempos dominados pelos projetos e pelos cálculos, para deixar-se compassar e embalar em um tempo de ida e volta, um tempo elástico que recusa ser medido e contabilizado (PLACER, 2001, p.89).

Sobre identidade, alguns teóricos argumentam que as relações sociais, as formas de viver em sociedade, o olhar do outro sobre nós e o olhar sobre nós mesmos constituem a construção de nossa identidade/identidades. Stuart Hall (2005) entende identidade como um processo em formação. Sua discussão é estruturada em grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas. Delas decorre a abordagem de descentramento do sujeito, a partir do pensamento de Marx, Freud, Saussure, Foucault, entre outros, Hall reflete sobre identidade na pós-

modernidade. Aqui essa discussão complexa e ancorada em cinco vertentes (descentramentos) não será aprofundada. Serão tratados alguns aspectos convenientes a esta reflexão.

O denominado por Hall, segundo descentramento, pode ser compreendido a partir de Freud e a descoberta do inconsciente.

A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em nossos processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma “lógica” muito diferente daquela da Razão, arrasa com o conceito de sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada – o “penso, logo existo”, do sujeito de Descartes” (HALL, 2005, p. 36).

A partir das interpretações que Jacques Lacan faz de Freud, Hall (2005) fala da formação do eu no “olhar” do outro (grifo do autor). Diz que de acordo com Lacan, essa formação “inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica – incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual” (HALL, 2005, p. 37-38).

Ainda aponta alguns sentimentos que permanecem ao longo da existência de cada um e são aspectos-chave, nas palavras do autor, da “formação do inconsciente do sujeito”. São os sentimentos “contraditórios e não-resolvidos”. Como exemplo, “[...] o sentimento dividido entre amor e ódio pelo pai, o conflito entre o desejo de agradar e rejeitar a mãe, a divisão do eu entre suas partes “boa” e “má”, a negação de sua parte feminina ou masculina [...]” (HALL, 2005, p. 38). Todos esses sentimentos dividem o sujeito. Que apesar de dividido decide entender sua identidade da reunião deles. A ideia de pessoa unificada fantasiada na fase do espelho¹⁵. Sendo essa a origem contraditória da identidade, segundo esse tipo de pensamento. Então, a identidade “parece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.” (HALL, 2005, p. 38).

Nas palavras do autor

A identidade surge não tanto da plenitude que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de

¹⁵ “a criança que não está ainda coordenada e não possui qualquer auto-imagem como uma pessoa “inteira”, se vê ou se “imagina” a si própria refletida – seja literalmente, no espelho, seja figurativamente, no “espelho” do olhar do outro – como uma “pessoa inteira” (Lacan, 1977, *apud*, Hall, 2005, p. 37).

nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 2005, p. 39).

Em Bauman (2005, p.19) encontraremos o seguinte:

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltada e tornadas mais claras. As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.

As abordagens nos faz refletir sobre a formação de cada sujeito e o quanto cada um é parte nesse difícil processo de encontro/reencontro, descoberta/redescoberta de si. E a afirmação de ser um processo de formação e também, em nossa forma de entender, de transformação ao longo da vida.

1.3.1. Uma noção de patrimônio

O conceito de patrimônio para esta pesquisa propõe pensar a cidade como objeto de conhecimento. Pensar a cidade e sua história requer colocar em evidência quem a habita. Com sua memória, seus fazeres etc. Cabe aqui uma análise entre memória e história feita por Pierre Nora (1993). Os conceitos aparecem em nossa reflexão para melhor compreendermos a participação dos sujeitos e do que é gerado pelos mesmos quando colocamos a cidade no centro da discussão.

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge sempre de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há

tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p. 9).

Quando fala sobre museu de cidade e a divide em dimensões, Ulpiano Meneses (2003) faz uma abordagem da cidade como campo de forças “[...] imagem tomada de empréstimo à Física, para denotar espaço discernível de tensão, conflitos, interesses, energias em confronto constante, de natureza territorial, econômica, social, ideológica, cultural...” (MENESES, 2003, p. 262). E como representação social, que segundo o autor,

Não são imagens como reflexos a *posteriori* de uma realidade objetiva, mas imagens imbricadas na prática cotidiana do espaço urbano. São parte das relações sociais, condição de sua formação – e não apenas fenômeno psíquico, cognitivo ou afetivo. Não escamoteiam, dessa forma, a diferenciação, o conflito, a transformação. Dizem respeito mais ao *habitar* que ao *habitat* (MENESES, 2003, p. 263).

Vendo a cidade dessa forma teremos uma melhor noção de patrimônio cultural. Conceito ampliado pela Constituição Federal de 1988¹⁶ reconhecendo a existência de bens culturais de natureza material e imaterial na cidade¹⁷. Sendo a noção de como imaterial a definida pela UNESCO:

[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural e imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2006, art.2).

Meneses (2003), afirma que a cidade gera informação, mas, além disso, “[...] as representações urbanas dos habitantes devem ser entendidas como

¹⁶ Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216.

¹⁷ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>

componentes de sua prática social global” (MENESES, 2003, p. 263). E tais representações, que constituem o chamado *patrimônio ambiental urbano*, são antes de qualquer coisa, constituídas por “[...] sistema de bens que são selecionados pelas e nas práticas do espaço urbano, pelos habitantes, como parte de suas relações sociais globais, em virtude da capacidade de alimentarem representações do ambiente urbano” (MENESES, 2003, p. 264). Considerando, assim, *patrimônio ambiental urbano* como patrimônio cultural.

Talvez, a dificuldade para apreender conscientemente essa noção de patrimônio e promover ações que possibilite tal entendimento, como se constata nas práticas sociais que em geral não o valorizam, seja superada situando a cidade como objeto de conhecimento desde a escola. Utilizando suas forças para promovê-la. Ela, que em muitos casos, não se insere nos estudos escolares. Tal reflexão é possível se pensarmos que as ações para o desenvolvimento/promoção dependem da inserção dos sujeitos que a constitui e da apreensão da cidade como lugar de memória, de construção de identidades. Necessárias seriam ações educativas com foco nos sujeitos.

A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização de sua cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA, 1999, p. 6).

É fundamental despertar a necessidade de interação, de pertencimento. De compreensão da cidade como espaço de trocas. Como foi dito na introdução desse trabalho é preciso criar conhecimento sobre o lugar, tornar visível o patrimônio das memórias, dos recursos naturais, da história local. Da importância da pessoa no/para o lugar onde vive. Da interação com ele. A escola, nosso campo de trabalho e de trocas constantes pode estimular a descoberta de práticas sociais e de iniciativas de grupos culturais. Trabalhando o olhar para o lugar onde vive. Possibilitando mudança.

1.3.2. Ver, se ver e ver o outro: relações no cotidiano escolar

A escola pode ser lugar motivador e prazeroso para a produção de conhecimento, para a construção da identidade e respeito à diversidade. Nesse lugar diverso encontramos: os extrovertidos, os tímidos e introspectivos, os que gostam de chamar atenção, os que estão pelo convívio com os demais, os que vêm na aprendizagem o acesso ao mercado de trabalho, os que se sentem obrigados a permanecer na escola, os que se dizem negros, os que se consideram brancos, os que se assumem brancos – apesar das negras características –, o que se assumem negros (em quantidade muito menor que os anteriores), os de pele bem clara, os de pele mais escura, os mais magrinhos, os mais gordinhos, os que precisam de óculos e não usam para esconderem a dificuldade visual, os que possuem necessidades especiais de acesso ou de aprendizagem, os que apontam o outro, os que imitam o outro, os homossexuais, os heterossexuais etc.

A diferença pode ser notada, ainda, nas situações de aprendizagem, nas quais uma maior fluência em determinada área de conhecimento determinam êxito em determinados modelos de avaliação, estabelecendo valorações entre sujeitos. Do mesmo modo, alguns tipos são mais disciplinados outros são mais livres, o que em muitos casos influencia o desempenho escolar e favorece o surgimento de rótulos como nerd, emo, burro, etc.

Tais especificidades mediam as relações escolares, pela identificação consciente de pertencimento a esse ou aquele grupo, ou pela negação; pelo confronto entre grupos ou pelo respeito distanciado; pela soma de forças diante de desafios comuns, de que são exemplos os levantes contra atitudes autoritárias de gestores e os acontecimentos que despertam a comoção geral. A maneira como essas relações se estabelecem inibe ou potencializa o processo de ensinoaprendizagem tanto de indivíduos quanto de grupos. A promoção de situações de aprendizagem que favoreçam a todos de forma igualitária encontra na noção de alteridade subsídios para uma prática pedagógica inclusiva.

Particularmente no campo do ensino é preciso observar que “[...] o sentido de Outrem escapa à referência ao ser e ao saber, institui-se uma espécie de pedagogia ética, entendida como relação respeitosa para com Outrem, ficando resguardada e valorizada a sua dimensão de Outrem enquanto Outro – alteridade” (ALVES; GHIGGI, 2012, p. 581).

Temos visto estudantes privados de expor suas ideias, falar de seus desejos por acreditarem ideias sem valor. Inibem-se diante da estrutura da escola. Não é

difícil perceber o quanto falha o sistema que exclui o sujeito e não percebe a força de sua presença nas atividades escolares, sobretudo na produção de conhecimento. A falta de sentido na apresentação de conceitos torna-se um entrave a aprendizagem, principalmente, para muitos meninos e meninas de regiões marginalizadas pela sociedade e, conseqüentemente, desassistidos de um sistema efetivamente inclusivo.

Não se pretende apresentar soluções para a evasão escolar, para a exclusão, para erradicação desta ou daquela mazela social. O que se traz são reflexões que possam guiar as ações de forma consciente, para que seja possível colocar em evidência as potencialidades desprezadas e gradativamente enfraquecidas no cotidiano escolar, que determinam histórias de vida.

Por isso, o conceito de alteridade é essencial para que se perceba a potencialidade do ensino de Arte através da produção fotográfica. Onde os estudantes serão capazes de estabelecer relação mais estreita com o Outro e percebê-lo como fundamental para si. Não mais como Mesmo e sim como Outro respeitado na diferença, sem ser indiferente. “O saber ou teoria (pedagógica) significa, em primeiro lugar, uma relação tal com o ser que o ser cognoscente que deixa o ser conhecido manifestar-se, respeitando a sua alteridade e sem o marcar, seja no que for, pela relação de conhecimento.” (LÉVINAS, 2000, p.29). Nesse sentido, é possível (re) pensar o outro na sociedade, entendê-lo como participante, como agente de trocas, como ser transformador e produtor nessa rede de saberes. E a possibilidade de também se ver na sociedade. Que retomando Foerster (1996) é “a única maneira de ver-nos a nós mesmo que lhes posso sugerir é ver-se através dos olhos dos demais” (p. 73).

E nessa perspectiva, talvez seja possível tornar o processo ensinoaprendizagem prazeroso, enxergando a escola como viabilizadora de conhecimento significativo na construção da aprendizagem. Enxergar a escola como lugar que prioriza a autonomia dos sujeitos nessa construção. Como lugar que respeita e gera possibilidades para o singular e o plural. E que ajuda a respeitar a diferença aproveitando-a para significar a aprendizagem.

O trabalho com produção fotográfica pode ser um valoroso aliado para além da produção do conhecimento em Arte. Pode revelar o Outro e o Eu nos processos que levam à aprendizagem.

São muitas as possibilidades de criação através da imagem fotográfica. A sua potência é notória nos dias atuais. Retoma-se aqui, então, a oportunidade de reflexão sobre questões pertinentes a essa produção nas relações sociais, nos atos de comunicação. De que forma utiliza-se a imagem, hoje? Que uso é feito da imagem do Outro e de nossa própria imagem? O quanto colaboramos para a promoção nossa ou do Outro? O quanto colaboramos para nossa depreciação ou a depreciação do Outro? Quanto vale a exposição?

II – CONHECENDO SÃO JOÃO DE MERITI

Olhar uma cidade, falar sobre ela; apreciá-la; conhecer suas fragilidades e buscar potencialidades; contar suas histórias. Que motivações constroem os modos de ver um lugar? Como surgem as falas sobre um lugar?

Um modo de ver é pelo olhar de alguém. Seja pelo telejornal, pela mídia impressa ou digital, pela internet ou pelo que alguém disse. No documentário “Nunca fui, mas me disseram...” (2007)¹⁸ estudantes, pesquisadores, moradores da zona sul do Rio de Janeiro falam o que sabem sobre a Baixada Fluminense. Como pensam que seja, onde pensam estar localizada. E as pessoas expressam, na maioria dos depoimentos, o que ouviram de alguém e principalmente o que a mídia publicou e reiterou. Geralmente, sob um ponto de vista negativo são construídas falas e imagens de um lugar onde nunca se esteve. Influenciados por estes pontos de vistas, olhares vazios de experiência emitem opiniões, imprimem rótulos em pessoas e lugares.

Mas, então, como conhecer uma cidade?

Pelos indicadores socioeconômicos? Os que assim veem, em geral estão distantes. Conhecem através das estatísticas das instituições de pesquisas internacionais, de organizações da sociedade civil, de relatórios oficiais de governo, em final de exercício. Estatísticas que apresentam o lugar através de números: quantidades, porcentagens e categorizações. Longe dos seus costumes, da sua gente, da sua realidade cotidiana.

São João de Meriti, “Formigueiro das Américas”. Pequena extensão territorial e grande densidade populacional – a maior da América Latina. Para quem vê de longe, um amontoado de gente, somente. Mas, que outra visão se pode ter desse “formigueiro”? Sem ignorar as fragilidades, as potencialidades precisam ser evidenciadas, principalmente por quem nele vive. Será que se vêem como formigas?

O terceiro olhar, então, podemos considerar o de quem está no lugar. Que em primeiro lugar é afetado por ele. Que circula, age, vive! É o olhar de quem vê de perto. Mesmo admitindo que esse olhar possa ser influenciado, há que se considerar a mediação da experiência. É diferente de quem vê de longe e diz o que disseram e vê o que viram. O olhar de quem está mergulhado tem potencial para ser mais

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E8sUcveY6XA>

cuidadoso e dinamicamente carregado de novos sentidos. Sentidos que podem transformar o próprio olhar e potencializar intervenções no lugar.

2.1. Perspectivas do lugar

A abordagem aqui desenvolvida intenciona a reflexão sobre os modos de ver um lugar e de que forma esses olhares interferem ou não, na construção identitária do lugar e das pessoas que o habitam. E, ainda, perceber como o olhar de quem está mergulhado em determinado espaço pode ser o diferencial para experiências transformadoras, que expressem novas maneiras de ver, de sentir e descrever o lugar onde vive.

2.1.1. Olhares vazios de experiência

Para refletir sobre o olhar e o dizer de quem vê de fora para dentro Etienne Samain, recorre às reflexões de Margaret Mead¹⁹: “[...] é que chegava o momento onde não bastaria “falar e discursar” em torno do homem, apenas “descrevendo-o”. Haver-se-ia de “mostrá-lo”, “expô-lo”, “torná-lo visível” para melhor conhecê-lo”. (SAMAIN, 1995, p. 25).

Partindo dessa premissa o documentário “Nunca fui, mas me disseram...” (2007) situa a narrativa. Nela a partir de um olhar distante são construídas falas e imagens, na maioria, superficiais e quase fora da realidade da Baixada Fluminense. Olhares na maior parte depreciativos. O documentário descreve a falta de conhecimento a respeito da região e a facilidade de julgamento sobre ela e sobre as pessoas que nela vivem, a partir de vagas e isoladas informações. Transcrevemos algumas falas que sustentam esta afirmação:

“Acabei de fazer um levantamento no mês passado sobre todas as notícias que saíram no O Globo e no Jornal do Brasil sobre a Baixada. [...] são das chacinas, do menino que foi morto, baleado na Baixada. O que me chamou atenção foi justamente o fato de ter saído durante um mês, só notícia de violência sobre a Baixada”; “A mídia cria verdades e cria valores cada vez mais”; “O Jornal Nacional se coloca quase como uma ciência: *os dados dizem, os indicadores dizem...*”. Luciana Lago, professora universitária.

¹⁹ Antropóloga que dedicou sua vida e obra ao estudo da educação. In: GUSMÃO, N.M. M. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro.

“A gente só vê os problemas da Baixada. Esgoto aberto, ruas sem pavimentação [...] a violência”. Ticiania Shibata, estudante de Jornalismo.

“As várias notícias [...] são necessariamente negativas [...]. Eu acho que esse é o maior problema [...] as pessoas vêm pelo acesso que elas têm. Vêm em jornais, só notícias em relação a crime e tráfico”. Paulo Rufino, estudante de Direito.

“[...] Não posso ter nenhuma visão além dessa se eu nunca estive lá”. Ticiania Shibata, estudante de Jornalismo.

“A Baixada é simples”. Hananza Pacheco, cantora.

“[...] eles não se incomodam muito com lugar sujo”. Suely da Silva, do Lar.

“[...] devido a infelicidade do desnível social elas são mais alegres. Procuram ser felizes com o que tem [...] não tem tantas ambições. São felizes ali com seu churrasco todo fim de semana [...]. Acho que tem rodinha de samba. Acho que a galera vai pro bar na sexta-feira. Acho que o pessoal é mais feliz”. Maria da Silva, atriz.

Acreditamos que essas concepções se devem em grande parte ao que é noticiado na grande mídia, que reunindo fatos assemelhados produzem generalizações. Tais generalizações são apropriadas conforme a conveniência e os valores de cada um. E essa discussão está relacionada à forma de como aprendemos e nos acostumamos a ver. “Toda imagem nos oferece algo para pensar. Estimula o pensamento. Oferece o real e o imaginário”²⁰ (SAMAIN, 2016). Etienne Samain fala da nossa relação com o que vemos e o que dizemos do que vemos. E acrescentamos, do que ouvimos e criamos a partir desse conjunto de escutas e imagens construídas.

Interessa-me discutir aqui algumas assertivas da construção da nossa capacidade de olhar que, por sua vez, está diretamente relacionada com os atos de simbolização na perspectiva da criação e leitura de imagens. O olhar é aprendido, é treinado de forma articulada com outros olhares. O olhar não é individual, ele é determinado social e conjunturalmente. É em função do tipo de olhar de uma dada época que são determinados os tipos de imagens e de que forma as pessoas se relacionam com elas”. (ACHUTTI, 1997, p. 42).

Achutti (1997) traz uma abordagem significativa para ajudar a compreender de que forma é construída nossa maneira de olhar. Ele diz que aprendemos a olhar. E reiteramos que essa maneira de olhar está relacionada diretamente ao olhar da ciência moderna definida por Santos (2008) como paradigma dominante.

²⁰ Etienne Samain em conferência no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://vimeo.com/162587162>

Em contrapartida, o Data Labe - um laboratório permanente de dados na favela²¹, entre os dias 1 e 15 de junho de 2016, pesquisou os temas mais abordados no *Twitter* e nos jornais online sobre a Baixada Fluminense. O ensaio “Percepções e notificações sobre a Bxd na internet”, investiga quais são as narrativas predominantes sobre a Baixada Fluminense no *Twitter* e em dois jornais de grande circulação – O Dia e o Extra. Segundo Fábio Silva, o idealizador do Ensaio, “O resultado dessa investigação apontou que o tema da violência ainda mobiliza a maioria das notícias e parte das opiniões em referência à Baixada Fluminense, na rede social. Entretanto, temas de política e cultura se destacam muito mais nas opiniões, sem receber o mesmo destaque nas notícias dos grandes jornais”.

Cabe, portanto, destacar que a internet como espaço aberto a todos os públicos se expande como campo de trocas. Nela o lugar da opinião pessoal pode equiparar-se ao lugar da notícia tanto em visibilidade quanto em acesso. Embora no tocante à eficácia, à possibilidade de transformação, a fronteira ainda não foi transposta: quem noticia? Quem opina? Quem age?

2.1.2. O que podem dizer os números

A partir do parâmetro quantidade, os indicadores podem sugerir modos de intervir no lugar. A aproximação discreta é feita através de mapas geográficos e imagens de satélites. Esse conhecer é de outra ordem. Dos organismos internacionais aos regionais o olhar está centrado na estrutura e na relação perdas e ganhos. Tais indicadores oferecem um panorama da região apontando a situação econômica, social e política. Os indicadores dos organismos estaduais procuram mostrar um panorama pormenorizado. Comparam dados entre os municípios, o estado e o país.

²¹ Espaço composto por jovens oriundos de territórios populares que trabalham assimilando, produzindo e difundindo novas visões de mundo. Uma iniciativa do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro em parceria com a Escola de Dados Brasil, a Coding Rights, o Data Base / Rio de Janeiro e parceiros diversos.

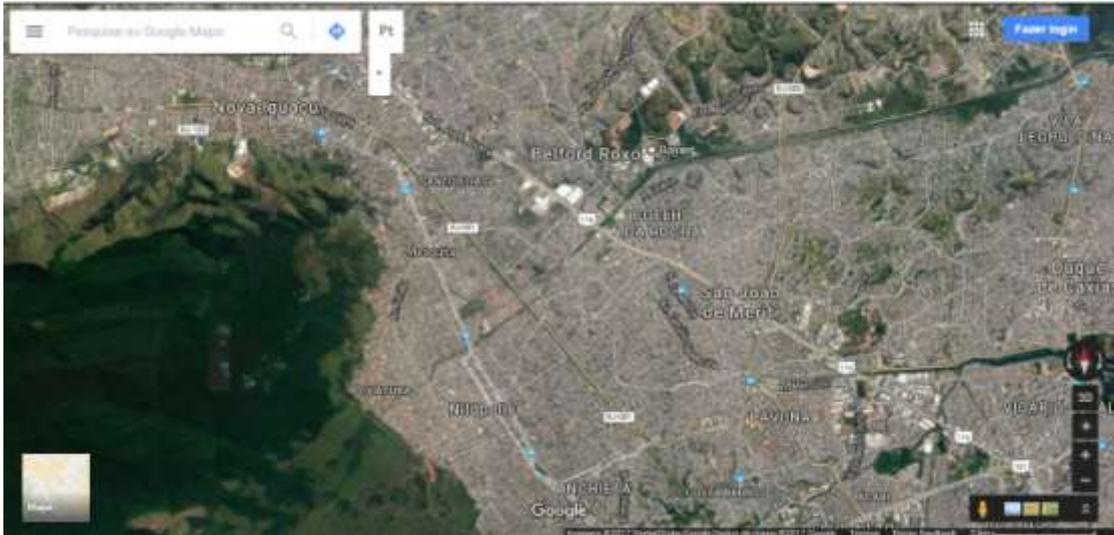


Figura 6 – Mapa do Município de São João de Meriti e do entorno de 2016. Nele é possível observar a ocupação do solo. Fonte: Google Earth, dezembro de 2016. Vê-se melhor 200%.



Figura 7 – Mapa do Município de São João de Meriti e do entorno. Destacando os limites do município. Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil

Área 35,15 km ²	IDHM 2010 0,719	Faixa do IDHM Alto (IDHM entre 0,700 e 0,799)	População (Censo 2010) 458.673 hab.
Densidade demográfica 13068,45 hab/km ²	Ano de instalação 1947	Microrregião Rio de Janeiro	Mesorregião Metropolitana do Rio de Janeiro

Tabela 1 – Dados do Município de São João de Meriti. Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil

Para os interessados, essas informações têm muitas serventias: conhecer, produzir textos com diferentes objetivos, planejar investimentos, elaborar ações para seu desenvolvimento. Esses indicadores mostram especificidades, apontam problemas, sugerem potencialidades. Suas contribuições são indispensáveis para

conhecer uma cidade. Pesquisadores, gestores, consultores, jornalistas e estudantes integram esse grupo, mas, também, o assunto é do interesse da população, em geral.

O relatório 2015 de estudos socioeconômicos dos municípios do Rio de Janeiro²² feito pelo Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro (TCE-RJ) informa que em 2014, a dependência de transferência de renda da União e do estado para o município correspondeu a 64% das despesas de custeio total. O que indica a necessidade de ações de desenvolvimento econômico do mesmo para suprir demandas de investimento e sociais. O relatório informa que 105% da receita total, de R\$ 480 milhões, foi gasto no custeio da máquina administrativa. Sendo o custeio per capita da população no valor de R\$1.080, 07, conferindo a 90ª posição dentre os municípios do estado, que possui 91 municípios.

Daí decorre que um atraso no repasse de verbas do Estado ou da União causa colapso nos serviços básicos. Destaque-se que tais atrasos têm sido frequentemente noticiados. Seja por inconsistência na prestação de contas municipais, por exigências burocráticas das administrações governamentais ou pela atual condição falimentar do Estado do Rio de Janeiro. Como melhorar a oferta dos serviços públicos de saúde; como aumentar o investimento em educação; como atender as demandas de habitação, de coleta de lixo?

A tabela 2, a seguir, que se baseia em alguns dados do relatório de estudos socioeconômicos, supracitado, e no censo demográfico 2010 realizado pelo IBGE²³, relativos aos municípios da Região Metropolitana, possibilita um exercício de compreensão da realidade socioeconômica do município de São João de Meriti comparada aos demais municípios da referida região.

Algumas considerações podem se feitas, em busca das respostas para as questões que se seguem, a partir dos dados sintetizados na tabela. Como aumentar o PIB per capita do município? Existe possibilidade de aumento na produção agropecuária? Existe possibilidade de aumento da produção industrial? Existe possibilidade na oferta de serviços? Para todas as respostas positivas segue-se a pergunta complementar: quais são essas possibilidades?

²² Disponível em: <http://www.tce.rj.gov.br/web/guest/estudos-socioeconomicos>

²³ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=330510&search=rio-de-janeiro|sao-joao-de-meriti>

POSIÇÃO DE SÃO JOÃO DE MERITI NA REGIÃO METROPOLITANA/RJ						
INDICADORES SOCIECONÔMICOS (2010–2013) DOS 18 MUNICÍPIOS						
Evolução dos valores adicionados em R\$ milhões – população – densidade demográfica						
	PIB per capta	Agropecuária	Indústria	Serviços	**População	**DD
Posição de São João de Meriti	11 ^a	17 ^a	10 ^a	5 ^a	6 ^o	1 ^a
Fonte: ** Relatório TCE-RJ 2015 (gráficos 33, 34, 35, 37 – p. 84-87, em anexo); **Censo Demográfico IBGE 2010.						

Tabela 2 – Posição do Município de São João de Meriti na região metropolitana do Estado/RJ.

Esta síntese de dados juntamente com as informações dos indicadores aqui trazidas, expressa com clareza a difícil realidade socioeconômica de São João de Meriti. Um município pobre, de ocupação territorial extrema, quase sem reservas naturais. Apesar do IDH considerado alto pela ONU²⁴ (0,719), o que o coloca entre os 30% dos municípios brasileiros com maiores índices de desenvolvimento humano, embora abaixo da média nacional (0,755).

Embora não expresse muitos aspectos da realidade do lugar, porque vê de longe, um elevado IDH é um importante ponto de partida para as transformações, pois reúne informações sobre todas as faixas etárias (educação, longevidade e renda) da população, viabilizando planejamentos de médio e longo prazo. Esse dado comporta um diferencial positivo deste município e dá especial relevância ao investimento em educação e na formação crítica do estudante. E reitera a importância de construção de um novo olhar sobre o lugar: crítico, mas afetivo. Um olhar de perto.

Afinal, é o cidadão que pode fazer a diferença, por isso, pensar desenvolvimento em São João de Meriti significa pensar na participação da população nesse processo.

Buscando respostas para as questões levantadas anteriormente, por considerar a densa ocupação do solo, há que se supor que na agropecuária talvez a hidropônica pudesse ser cogitada e a criação de pequenos animais. Na área de

²⁴ Fonte: Atlas Brasil 2013 Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

serviços, a localização estratégica próxima a um entroncamento rodoviário, quem sabe oportunizaria a logística de armazenamento.

Pensar em desenvolvimento em São João de Meriti é pensar em quais indústrias, além das instaladas, o município comportaria; em programas de recuperação ambiental sustentáveis; em preservar possíveis bens patrimoniais, físicos e imateriais.

Ainda, a partir desses indicadores muitas outras perguntas poderiam ser levantadas cujas respostas e propostas decorrentes poderiam traduzir grandes transformações. Mas, o foco deste estudo é conhecer o lugar em que se vive, para antes de tudo transformar-se. Voltemos, então, aos modos de ver.

Algumas falas do documentário citado na seção anterior chamam atenção para como as generalizações e a falta de conhecimento sobre o lugar geram estereótipos e rejeições. Observando o que traz ou não esses indicadores – que entram um pouco mais no lugar, vendo um pouco mais de perto a realidade – é possível refletir sobre as consequências negativas dos estereótipos.

Segundo o Censo de 2010²⁵ São João de Meriti possuía mais de setenta mil pessoas em domicílios com esgoto a céu aberto e mais de cem mil com lixo acumulado nos logradouros, por falta de coleta de lixo regular. No depoimento transcrito do documentário, a moradora da zona sul, de bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro, se refere às ações dos moradores da Baixada. Segundo ela “[...] eles não se incomodam muito com lugar sujo. Jogam lixo em qualquer lugar”.

Mesmo considerando a informação do censo 2010 sobre o acúmulo de lixos acumulados, cabe indagar: de fato as pessoas não se incomodam com lugares sujos? Em caso de respostas positivas, quais ações poderiam ser adotadas para mudar essa realidade? Assim, voltamos à educação escolar e ao investimento na formação humana.

2.1.3. Um olhar de dentro – de quem vive

Nasci em São João de Meriti, onde vivo. Costumeiramente aqui não falamos o nome completo da cidade em vão. Dizemos Meriti ou São João. Meritienses, somos muitos. Agitados, dividimos os poucos espaços em que circulamos.

²⁵ IBGE

Em São João um trem elétrico atravessa a cidade em uma cancela que bate bate. Bate quando vem trem e quando não vem. Às vezes, em silêncio o trem passa sem que a vida seja abortada. Na verdade não tem cancela, somente a passagem de nível – com sinal sonoro –, que é um território livre e desnivelado, onde trafegam cadeirantes e caminhões.

Passa idoso, passa criança, passa carro, passa trem, na cancela quase sempre sem guarda. Nem guarda corpo tem. Ninguém para informar o perigo. Vez ou outra há um louco sinaleiro, que autoriza e ri; outro que faz evoluções de mestre sala e a gente passa, sem aplaudir. Mas nunca vi um trem atropelar alguém na cancela, nem acidente na praça da matriz. É de surpreender como pouco se cai nas calçadas estreitas de meios fios irregulares, onde ciclistas, motociclistas e pedestres nunca concordam em ceder a vez.



Figura 8 – A cancela. Fonte: A pesquisadora, 2016 - 17.

Outro ramal de trem atravessa o município de poucas sombras nos quintais. Trem de carga, muitos vagões. Este sim volta e meia está envolvido em acidentes em suas muitas cancelas. Mas, os mais velhos sempre disseram que “o trem não sai dos trilhos pra pegar ninguém; que o povo deve respeitar”. Tem uma cancela aqui perto, que está batendo hoje sem parar.

Nos fins de semana, às 7 da manhã já tem futebol no campo do União, no campo do Éden, no Futebol Clube de Tomazinho, nas quadras gradeadas e nos

“rala coco” das peladas. Nas Vilas Olímpicas pouco conservadas tem gente sarada e gente esforçada, que se movimenta como dá. E pipas no ar.

Todo sábado tem aniversário, missa, terreiro, culto e jogo de baralho. Nas ruas de bueiros abertos e mais buracos, semáforos apagados e trânsito parado. Chevette, Santana, Corola, Hilux. Motos em vaivém e ônibus: poucos caros e empoeirados. E na noite adentro, samba, festa, funk. Cerveja, cachaça, karaokê. Onde? Quer mesmo saber?

Em Meriti cultura tem professor. Há dezoito anos novos profissionais da música são formados na Escola de Compositor²⁶. A presença de artistas respeitados é certa nas oficinas da escola. Gratuitas e abertas são encontros com “bambas” do choro, do samba; das raízes da cultura, da alma brasileira. Levada por instrumentistas, alunos de outros tempos, hoje, músicos-instrutores, a escola vai. Por crianças e jovens tem sobrevivido. E sido, mesmo com pouco patrocínio, lugar de formação.

E não é diferente noutra casa que forma músicos em nossa região. Essa faz outro som. A Escola Municipal de Música²⁷ tem orquestra, aulas de canto, violino e violão. E com ela a nossa cidade tem Banda de música também.

Apressando-se é possível conhecer em São João, o Horto da Venda Velha e em São Matheus, a velha estação.



Figura 9 – Estação São Matheus / Unidos da Ponte. Fonte: <http://www.galeriadosamba.com.br/>

²⁶ Escola de Música Casa do Compositor, da Associação do Movimento de Compositores da Baixada Fluminense (AMC da Baixada Fluminense). Localizada à Rua Duque de Caxias, 536 – Vilar dos Teles, São João de Meriti. Disponível em: <http://www.escolamc.com.br/>

²⁷ Escola Municipal de Música de São João de Meriti, localizada à Av. Automóvel Clube, 206 – Centro, São João de Meriti.

Na estação de São Matheus, não mais os trilhos, com destinos gerais. No lugar do ramal da linha auxiliar e do circular. Do trem que há muito deixou de passar. Também não há ensaios da Unidos da Ponte²⁸, que melhor que o trem vai e vem, e por lá parou um tempo depois que o trem passou. Hoje pouca memória, marcas da história. A plataforma ainda se vê. Nela, a lembrança de quem viu o trem passar. E o tempo.

Um Horto²⁹, quase não dá para acreditar em uma área verde em São João. Mas, saíram de lá, cinco mil mudas para reflorestar. O verde Parque Jurema³⁰! Um lugar criado para se respirar; para ser um novo pulmão da cidade. E será?

Ainda vem gente de todo lugar, apresentar quadrilhas e dançar. Encontrar e reencontrar na festa de São João, o Padroeiro do lugar. A Igreja da Matriz e a pia batismal imperial³¹. Viva a festa! A lembrança da infância, na juventude ansiosa espera por ela: a festa de São João.



Figura 10 – Pia batismal
Fonte: A pesquisadora, 2016



Figura 11 – Paróquia São João Batista. Fonte: A pesquisadora, 2016.

²⁸ Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Ponte, fundado em 03 de novembro de 1952, pelas famílias Macário e Oliveira, em São João de Meriti. Atualmente tem sede no bairro de origem, São Matheus. Na antiga estação de trem.

²⁹ O Horto Municipal de São João de Meriti foi criado em 2007. Ver mais em: <https://globoplay.globo.com/v/3513633/>

³⁰ O Parque Jurema foi criado no ano 2009. Ver mais em: http://meriti.rj.gov.br/sjm_2017/parque-jardim-jurema-ganhara-trilhas-ecologicas-e-mirantes-em-novo-projeto/

³¹ “A doação das terras da Freguesia da Matriz de São João Batista consta de 1873. Em 1875 teve início à construção da capela, com a doação de 30 contos de réis e mais a pia batismal pela Princesa Isabel, apoiada pelas famílias tradicionais do lugar como os Tavares Guerra, Telles de Menezes, entre outros.” Disponível em: <http://matrizdesaojoao.com.br/historico>.

Em nossa cidade a cultura tem Casa (da Cultura), que está de portas abertas para visitação. Para as escolas e a população. E não se pode esquecer, muito da cultura de fora e daqui,   possível viver no SESC Meriti.

E tem muito mais cultura em São João de Meriti. Porque tem muita gente. E gente guarda memórias. Há que se conhecê-las, para se reconhecer.

2.1.4. Um novo olhar

Com Boaventura Santos e Jorge Larrosa Bondía buscamos com esta pesquisa, refletir sobre a urgência de pensamentos e a es que reconheçam a capacidade de transforma o dos sujeitos e dos lugares destes, a partir de suas experiências. E como consequência a possibilidade de constru o de identidades partindo deste diálogo.

Para isso, relacionamos os conceitos de paradigma dominante e emergente (SANTOS, 2008) com o de experiência. Não da experiência como experimento, característica de uma visão fria sobre a realidade, mas da experiência como “[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (BONDÍA, 2002, p. 21). Ligadas diretamente aos modos de ver aqui descritos. E ao que afirma Esequiel Oliveira: “uma opção fértil porque possibilita o autoconhecimento e torna visível um saber científico que jamais seria possível no isolamento de um laboratório”. (OLIVEIRA, 2006, p. 66).

Das reflexões de Boaventura, extraímos a necessária crise que se abate sobre o paradigma dominante como mote da pesquisa. Onde pensamentos e a es estão mais próximos ao paradigma emergente – reconhecido pela capacidade de transforma o, do que ao paradigma dominante – movido pelo contrário e que “desconfia sistematicamente das evidências da nossa experiência imediata” (SANTOS, 2008, p. 24), possibilitam além de autoconhecimento, autodescobrimento.

Através da produ o fotográfica da escola e de lugares de São João de Meriti, estudantes do Ensino fundamental criam narrativas e aprendem-ensinam olhar os espaços com mais cuidado. Essas são possibilidades oferecidas pelo olhar através da câmera fotográfica, um ver *com outros olhos* a partir de um recorte e atentar para questões cotidianas, que nos envolvem a todo instante e que mal percebemos devido à correria cotidiana e a quantidade de informa es que imaginamos necessárias.

III – A PESQUISA DE CAMPO:

3.1. Ferramentas de análise (Metodologia)

Pesquisadores que intencionam conhecer e contribuir para a transformação de realidades tem na escuta sensível um significativo instrumento metodológico. A teoria psicossociológica existencial e multirreferencial de Barbier (1998) sugere três tipos de escuta: a *científico-clínica* (metodologia da pesquisa-ação); a *poético-existencial* (ações e especificidades individuais) e a *espiritual-filosófica* (valores que dão sentido à vida).

Esta pesquisa encontra na escuta sensível de René Barbier (2002), uma possibilidade metodológica pertinente à sua busca, através da participação dos sujeitos, de transformação na maneira de olhar e sentir o lugar que habita, a escola e os que desses lugares fazem parte. A escuta sensível dá pistas para a construção de sentidos durante os processos de formação.

A Pesquisa-Ação foi utilizada neste estudo, tendo em vista, seu caráter de participação, que é descrita por Thiollent (1988) como um tipo de representação empírica concebida e realizada com a participação tanto do pesquisador como dos participantes envolvidos na pesquisa. E em Barbier (2002), esse tipo de pesquisa coloca o pesquisador numa participação coletiva. Entendendo a necessidade dessa participação para compreensão do mundo afetivo dos sujeitos. Corroborando para o êxito no processo do conhecimento, que tem o pesquisador como intermediário.

A noção de escuta sensível possibilitou analisar as narrativas, as falas e expressões silenciosas nos momentos de apreciação e as entrevistas (diagnóstica e pós-atividades – ANEXO A). A proposta de Barbier (1998) traz para a pesquisa possibilidades de percepção onde a empatia é elemento fundamental. Propõe uma relação dialógica motivada pelo entrosamento do pesquisador com os pesquisados. Nesse sentido, gera oportunidades de reflexão sobre a maneira que ensinamos/aprendemos.

Com a abordagem qualitativa a pesquisa não pretendeu revelar os dados através de números. Importou perceber nos sujeitos pistas de transformação motivadas pela produção de fotografias dos espaços habitados e a habitar. A escolha se justifica em Boaventura (2008):

A ciência social será sempre uma ciência subjectiva e não objectiva como as ciências naturais; tenta compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético (SANTOS, 2008, p. 38).

Tendo em vista o que aponta Boaventura (2008), o caminho percorrido para que a análise fosse possível, foi constituído por atividades que procuraram a partir da produção dos estudantes recriar os espaços através da fotografia. Além de indagar sobre a contribuição de cada um ao ambiente que compartilha na busca de significados e novos sentidos para o fazer. Na escola e também fora dela.

Como ponto de partida uma entrevista diagnóstica, semiestruturada. Entendendo por semiestruturada o tipo de entrevista em que “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal” (GERHARD; SILVEIRA, 2009, p.72). Em seguida uma série de atividades com roteiro pré-estabelecido foram desenvolvidas à medida que os participantes produziam.

As atividades iniciais objetivaram preparar as atividades seguintes, que não foram, necessariamente, a sequência das anteriores, mas seus desdobramentos. A atividade intitulada “Coisa que guardam memória”, por exemplo, objetivou refletir sobre os sentimentos que um objeto desperta e os sentidos construídos a partir dele. Indiciando a ideia de patrimônio. E a atividade “Imagem viva”, com a possibilidade de exteriorização das imagens que povoam o imaginário dos estudantes e a identificação de elementos fotográficos, como pose, ponto de vista, etc.

Outras atividades consistiram em experimentar fazer escolhas (recortes fotográficos) sem utilizar câmeras; sentir o ambiente que circulam cotidianamente, com os olhos vendados; utilizar as câmeras ou celular para fotografar a escola, o entorno, a rua, enfim, lugares diversos. Realizar expedição para conhecer o Horto Botânico Municipal e sua importância para um município que tem 100% de área urbana, onde residem mais de 13.000 habitantes por Km². As buscas eram por lugares e objetos que passam despercebidos cotidianamente na maioria das vezes e que possibilitavam revelar algo.

Como parte primordial desse processo, os participantes puderam conhecer um pouco da história do município onde a escola se localiza (com ênfase nos bairros em torno da escola e os que eles residem) através de material fotográfico digitalizado e imagens da internet.

Foi proposta também entrevista com os familiares e/ou pessoas moradores da região que tivessem alguma história do lugar para contar.

Nessas buscas a câmera fotográfica, o celular, o MP4 foram os meios utilizados para os registros fotográficos, para as entrevistas e filmagens.

Todas as fotografias produzidas pelos estudantes foram exibidas em sala de aula e objeto de leituras e possíveis diálogos. Do mesmo modo, as imagens apresentadas pela pesquisadora para conhecimento do lugar nas atividades de ambientação e, mesmo, imagens do grupo capturadas durante a realização das atividades. As imagens produzidas constituíram a exposição “Olhares” e também cartões-postais. Após a exposição, foi realizada a entrevista pós-atividades, intencionando perceber as impressões que o trabalho deixou. As entrevistas foram registradas em vídeo e áudio – bem como todo o processo –, e transcritas (ANEXO B).

3.2. O campo

A pesquisa foi realizada no CIEP Brizolão 398 Mário Lima, escola da rede estadual do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense, no município São João de Meriti. A Unidade oferece o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Os estudantes em sua maioria residem no bairro ou em bairros vizinhos.

A pesquisadora, que atua como professora de Arte na escola, em turmas do sétimo ano, entre outras séries, já havia feito uma sondagens. A intenção era realizar a pesquisa neste ano de escolaridade. Por alguns motivos: o tema fotografia constar no currículo do sétimo ano – o que não seria um impedimento à realização do trabalho se não estivesse – e, principalmente, a dispersão dos estudantes nas aulas e a falta de interesse em aprender. Algo comum nessa faixa etária.

A presença da fotografia no currículo da série contribuiu para algumas reflexões sobre a proposta de abordagem do tema. No currículo de Arte da rede estadual do Rio de Janeiro, a fotografia está listada no programa do 3º bimestre do 7º ano e no 4º bimestre do 9º ano do Ensino Fundamental, como um conteúdo a ser

“ensinado”, com ênfase na técnica. Fazendo ressalva à concepção reducionista, a proposta serviu-se desta oportunidade para promover na experiência escolar a construção de sentido, o reconhecimento de si como sujeito ativo capaz de conduzir a própria formação e a participação nas construções coletivas de possibilidades de novas escritas da realidade.

É preciso esclarecer que apesar de ser docente naquela série, durante a pesquisa de campo houve o benefício da licença, institucional para estudo. O que possibilitou a dedicação total à experiência, uma vez que não havia preocupação com outras tarefas na escola. Por outro lado, este fato exigiu acordos quanto à definição do grupo participante da experiência e o atendimento do mesmo. Em conversa com a coordenação pedagógica da escola foi definido o grupo de sujeitos da pesquisa: a turma 703. A turma era composta por estudantes com idade entre 12 e 15 anos, com visível defasagem idade-série e rotulada como mal comportada.

Os encontros foram organizados para atender os objetivos da pesquisa, que intenciona um trabalho aplicável à realidade das aulas de arte da rede estadual e dos espaços disponíveis. Uma inquietação permanente na caminhada é (e não era), compreender a prática através pesquisa docente. O ser professora-pesquisadora. O fazer pesquisa dentro do horário estipulado para as aulas de Arte (2 horas-aula) foi o desafio assumido e positivamente acolhido.

Um fator relevante no desenvolvimento da pesquisa foi o período de greve. O início do processo foi em meio à greve de professores que durou um semestre inteiro. A escola encontrava-se esvaziada, pois uma parte dos professores havia aderido a greve. Assim, o trabalho caracterizou-se como atividade especial. No entanto, merece destaque, o fato do grupo ter participado das atividades, durante o período e ter permanecido após o retorno das aulas regulares. O grupo tinha dezessete alunos que se inscreveram espontaneamente, devido a não obrigatoriedade decorrente da greve. Embora variável a frequência média nas atividades era de quatorze participantes.

3.3. O início do processo – primeiros encontros

O primeiro contato com a turma, para falar da pesquisa, foi muito breve. Aconteceu em abril de 2016, numa conversa com os estudantes nos minutos finais de uma aula de Língua portuguesa, que aconteceu excepcionalmente. Foi uma fala

breve sobre a pesquisa, quando foram entregues os bilhetes de convocação para os responsáveis. A reunião foi marcada para a mesma semana. Havia poucos estudantes na turma neste dia.

No dia marcado estiveram presentes à reunião nove responsáveis, aos quais a pesquisa foi explicada. A participação das crianças deveria ser espontânea. Foram esclarecidas as saídas (expedições) no entorno da escola e a possível saída por alguns lugares do município. A documentação necessária para autorização de participação dos alunos na pesquisa foi entregue.

Três das responsáveis presentes fizeram perguntas a respeito da pesquisa. A primeira perguntou se poderia participar das saídas, porque é fotógrafa e gostaria de estar junto. A segunda, se as atividades seriam somente com aquela turma, porque seu outro filho, na mesma série e em turma diferente tinha dificuldades de se relacionar. E ela considerava as atividades boas para ele. Aos responsáveis foi respondido que a pesquisa estava direcionada aos estudantes daquela turma, mas que a proposta intencionava tornar as atividades da pesquisa uma prática no dia-a-dia da escola. Apesar de estarem presentes apenas nove responsáveis, de uma turma de trinta na listagem, pode se considerar um bom início.

A expectativa era grande. O encontro para o início das atividades foi combinado. No dia e horário marcado, apenas dois estudantes compareceram. E depois de uns trinta minutos, mais um, apenas. O motivo, a pessoa responsável do turno e por informar os estudantes se haveria aula no dia ou não, não tinha informação do início da pesquisa. Então, os que estiveram na escola foram dispensados. Enquanto aguardava a presença de mais alguns, a conversa com a uma professora de Língua portuguesa, readaptada como agente de leitura reafirmou a necessidade de se olhar mais para escola e para quem faz parte dela. Um depoimento baseado numa docente com vinte e dois anos na unidade.

A segunda tentativa de um primeiro encontro de atividades também falhou. Efetivamente, as atividades começaram em maio.

3.4. As atividades

Os encontros aconteceram de maio a novembro de 2016. Eram semanais e no horário das aulas de Arte – entre greve, recesso, enfermidade da pesquisadora, ausências do grupo na semana de provas e Conselhos de Classe. As expedições,

que eram chamadas de saídas, aconteciam no mesmo dia das aulas de artes e, quando o deslocamento era maior, excediam um pouco o horário das mesmas. Apenas uma, das duas atividades dessa natureza, aconteceu em dia e horário diferente – a visita ao Horto Botânico Municipal.

Foram dezessete encontros com propostas de atividades que buscavam despertar o interesse pela linguagem fotográfica, a percepção do espaço e do sujeito no espaço, percepção do outro e a relevância das próprias produções. Geralmente, era realizada uma atividade a cada semana ou duas quando possível.

A cada encontro os participantes ficavam à vontade quanto a participação nas atividades da pesquisa. A intenção era que a presença fosse espontânea, assim como a realização das atividades propostas. Para que fosse possível perceber a vontade de realização das atividades mesmo não sendo estas pontuadas.

3.4.1. Entrevista – diagnóstica

A primeira entrevista com o grupo teve por objetivo se fazer um diagnóstico. Intencionava conhecer um pouco as motivações dos estudantes para estarem na escola, para realização das atividades escolares, sobre suas atividades fora do ambiente escolar e sobre os lugares que frequentavam.

Com as cadeiras dispostas em círculo, a cada estudante foi proposto escrever em um pedaço de papel os lugares que costumava frequentar. A turma precisava estar de alguma forma organizada para que fosse possível iniciar a entrevista individual. O equipamento foi colocado no fundo da sala. Foi necessária a colaboração dos participantes. Um para a filmagem e outro para a fotografia da pessoa entrevistada. Não foi fácil realizar uma entrevista individual na sala com a turma reunida. Aos poucos, do meio para o final da atividade os estudantes começaram a prestar atenção nas entrevistas e a respeitar a ordem para sentar-se em frente a câmera manipulada pelos colegas que se revezavam.

Para o encontro seguinte a proposta foi levar algum objeto de valor afetivo.

3.4.2. Coisas que guardam memória

Esta atividade teve o objetivo de levar à reflexão sobre como as coisas que estão à nossa volta nos tocam, sejam objetos ganhados ou comprados; ou que

fazem parte dos lugares circulados; ou qualquer outra coisa que tenha algum significado. A atividade intenciona despertar a ideia de patrimônio. Perceber a partir de um objeto de estima a relação objeto-memória-patrimônio-identidade. Consistiu em apresentar o objeto de estima e falar sobre sua representação. E ainda refletir sobre os objetos de memória dos lugares. Perguntas como: Qual a importância do objeto? Que lembrança o objeto traz e que sentimento provoca? E as cidades, elas possuem objetos de memória? Tais perguntas faziam parte do repertório que procurava estimular as falas sobre os objetos que haviam levado.

3.4.3. Fotografia viva

Para esta atividade a turma foi dividida em grupos com até quatro integrantes. A proposta era de uma representação estática – como uma fotografia – uma cena qualquer do cotidiano. Os outros grupos deveriam dizer uma palavra que representasse a imagem apresentada. Surgiram palavras como tráfico, louvor, *self*, entre outras. A atividade em contribuição para a investigação objetivou incentivar a expressão a partir do imaginário e da linguagem fotográfica. Pensar em pose, pontos de vistas, planos. Elementos que constituem a imagem fotográfica. A mesma possibilitou entender um pouco as imagens que habitam o imaginário das crianças e quais narrativas surgem a partir de uma imagem construída.

3.4.4. Fotografia às cegas³²

Nessa atividade, cada estudante circula no espaço da escola com uma venda nos olhos, na companhia de um colega que orienta o caminho. O participante vendado precisa reconhecer o espaço. Explorando-o. Tocando-o. Sentindo-o. Devem revezar entre vendados e acompanhantes. Depois de perceber o lugar tentam fotografá-lo com a venda nos olhos. Depois de explorar o lugar responder perguntas como: O que sentiu quando estava vendado? Confiou no colega que estava conduzindo? Foi fácil identificar os lugares sem enxergar? Conseguiu fotografar determinado lugar com os olhos vendados?

³² Desdobramento OiKabum *Imagine-se*.

O objetivo da proposta foi possibilitar o reconhecimento do lugar através de outros sentidos e aguçar a sensibilidade para a produção fotográfica do espaço, a partir de percepções anteriores.

3.4.5. Fotografia sem câmera³³

Para essa atividade foram utilizados dois instrumentos. A luneta (pedaço de papel enrolado como um canudo) e retângulos de papel cartão, vazados, em tamanhos diferentes. A ideia era que observassem o espaço – a sala de aula e o quintal da escola – através daqueles recortes e descrevessem suas escolhas. O objetivo foi promover a compreensão da fotografia como um recorte do todo. Um recorte escolhido. E incentivar as narrativas a partir das escolhas.

3.4.6. Fotografia da escola

A proposta era fotografar. Os estudantes tiveram liberdade na escolha. Foi um primeiro exercício com a câmera na mão, efetivamente. Os celulares foram os maiores aliados nesse momento. No entanto, nem todos levavam o aparelho para a escola. A solução foi dividir a turma em grupos. Foram disponibilizados três celulares e duas câmeras. Sendo dois celulares de estudantes. A turma se dividiu em duplas e trios. Os participantes podiam circular pelos espaços da escola, dentro – no prédio e fora – no pátio. O objetivo da atividade foi observar quais eram suas escolhas e como observavam aquele espaço. Que lugares eram vistos e quais os não vistos antes das fotografias.

3.4.7. Sobre o lugar – imagens de São João de Meriti

O conhecimento do lugar é um dos motes desta pesquisa. São João de Meriti é o lugar onde a escola está localizada, onde a pesquisadora e os estudantes habitam. O objetivo da atividade foi proporcionar maior conhecimento do lugar. Reconhecer-se como parte dele e ele – do lugar – como parte de um todo. Conhecer/reconhecer os patrimônios da cidade, sendo eles materiais ou imateriais.

³³ Desdobramento OiKabum *Imagine-se*.

Nessa atividade uma série composta de slides com imagens foi exibida para os estudantes. As primeiras imagens eram de satélite, de um recorte do mapa do Estado Rio de Janeiro onde era possível visualizar parte da Baía de Guanabara, alguns municípios da Baixada Fluminense e os rios que a atravessam e desaguam na Baía. A sequência de cinco mapas aproximava e ampliava o lugar da pesquisa. O último mostrava as ruas do entorno da escola. E os slides seguiam com imagens sobre a história do lugar. Mais adiante, a figura de João Cândido, o “Almirante negro”, morador do município. Para finalizar a apresentação, uma série de imagens disponíveis na internet mostrava o município em aspectos artísticos, culturais e patrimoniais.

3.4.8. Fotografia do lugar

A atividade intencionava olhar o lugar de circulação cotidiana, São João de Meriti, fazendo registros fotográficos. Da mesma maneira que olhar a escola poderia despertar, a partir da imagem, um outro olhar para o visto e um olhar para o não visto, a fotografia do entorno intencionava o mesmo. Provocada por duas perguntas: Como gostariam de mostrar o lugar? Como gostariam de vê-lo representado? As perguntas surgiram quando percebemos a carência de imagens sobre São João de Meriti, na *WEB*. São poucas as disponíveis e informam pouco sobre o lugar.

Para realizar o trabalho o grupo saiu em expedição pelo entorno da escola com o propósito de fotografar o que de interessante fosse encontrado no caminho e que proporcionasse identificação. Surgiram fotografias de ruas, casas, fábrica, igreja, lojas comerciais. As lentes capturaram, ainda, imagens da Rodovia Presidente Dutra, do rio Sarapuí, Vila Olímpica e do campo de Futebol do União Futebol Clube.

Todo esse conjunto compõe o repertório do entorno da escola. Onde se destacam as pessoas e histórias. O campo do União Futebol Clube, espaço de administração privada, foi explorado e fotografado. E sua história contada pelo zelador através da entrevista realizada pelos estudantes. Na Vila olímpica não foi diferente. Fotografia e (re) conhecimento do lugar. Onde uma entrevista também foi realizada. A Vila, de administração pública, mantém algumas atividades esportivas e o acesso à comunidade para caminhadas e corridas na pista de atletismo.

3.4.9. Telefone sem fio³⁴

Nesta atividade, uma imagem é escolhida. Um participante a analisa em segredo. O mesmo descreve a imagem analisada para um colega, sem que os demais escutem; o colega que escutou a descrição da imagem deve, então, narrar o que foi descrito para o outro participante e assim por diante; quando a descrição chegar ao ouvido do último participante este deve desenhar a foto narrada; feito o desenho, mostra-se a fotografia original e os participantes são instigados a falar sobre as diferenças e semelhanças entre a imagem e o desenho, pensar sobre os elementos fotográficos e gráficos como composição, planos, ponto de vista, cor, luz, etc., a partir da descrição da imagem fotográfica. Foram utilizadas imagens do acervo da pesquisadora de alguns lugares da Baixada Fluminense. O objetivo da atividade foi descrever o lugar e pensar sobre elementos que compunham a fotografia, conhecê-lo.

3.4.10. Identidades

A explosão de ideias a partir da pergunta “O que pensam ao escutarem a palavra identidade?” foi a motivação para o início da atividade, que consistiu na construção de um diagrama que mostrasse em poucas palavras, de que forma cada pessoa se identifica. Que aspectos são levados em conta para determinar a identidade. O objetivo era investigar o que cada estudante entendia e refletir sobre o conceito identidade. Também refletir sobre os possíveis aspectos escolhidos para suas identificações. Intencionou, principalmente, despertar o conceito identidade e refletir a interferência dos aspectos escolhidos para as identificações.

3.4.11. Uma roda de conversa

A roda de conversa teve origem na necessidade de ouvir sobre o lugar a fala de alguém de fora do grupo da pesquisa, de fora da escola. Porém, alguém que como os participantes, morador do município. Uma pessoa que pudesse falar sobre seu modo de ver o lugar. Foi sugerido que os participantes convidassem alguém de sua família, um vizinho, um morador antigo da vizinhança, para ir à escola. Mas não

³⁴ Desdobramento OiKabum *Imagine-se*.

foi possível. Então, a professora convidou o escritor Lasana Lukata. Ele levou para a conversa um olhar valoroso sobre a cidade e para o conhecimento da turma, a existência do Horto botânico em São João de Meriti.

3.4.12. Visita ao Horto

Alguns espaços no município não são conhecidos mesmo por aqueles que moram no lugar. Esses espaços, geralmente, não são mencionados na escola. A intenção inicial era conhecer alguns deles. Estar neles. O objetivo foi visitar lugares, onde fosse possível a identificação do patrimônio material e imaterial, espaços de eventos, de ações culturais etc.

A ida ao Horto botânico foi a única saída marcada no contra turno das aulas dos participantes da pesquisa. A frequência neste dia e horário foi baixa. A saída seria realizada em dois dias diferentes. Mas somente uma foi possível e apenas este pequeno grupo visitou o Horto. Os outros participantes puderam conhecê-lo através das fotografias produzidas pelos colegas que participaram da pequena expedição. A visita reuniu conversas, descobertas e encantamento.

3.4.13. Dominó fotográfico³⁵

O jogo é composto por um conjunto de imagens fotográficas produzidas pelos participantes e pela pesquisadora. Os participantes são estimulados a pensar sobre os elementos fotográficos a partir das imagens produzidas. A atividade se desenvolve com a disposição das fotografias sobre a mesa. Um participante escolhe uma imagem e coloca sobre um espaço vazio. A cada participante é solicitado escolher uma fotografia e colocar junto a sequência anterior. A cada fotografia combinada, uma fala do por que da escolha e o que a conecta a imagem anterior. A sequência é dada à montagem até que a última imagem seja escolhida. A atividade possibilita ainda a construção de outro objeto artístico – a imagem composta pelo conjunto das imagens organizadas pelos estudantes. O objetivo da atividade é promover construções de sentido, conhecer a linguagem fotográfica e estimular a estética e a criação artística.

³⁵ Desdobramento OiKabum *Imagine-se*.

3.4.14. Experimentações – pontos de vista

Com o objetivo de provocar deslocamentos, os estudantes foram desafiados a experimentar a fotografia por pontos de vista diferentes. A se colocarem em lugares que não estavam acostumados para produzir uma fotografia. Foi sugerido que pensassem em posicionamentos diferentes e usassem materiais na frente da lente da câmera ou do celular para dar ideia de camada. Os lugares para as experimentações foram os espaços circulados e visitados.

3.4.15. Apreciações

Foram momentos de ver a produção. Para cada atividade de produção fotográfica um encontro de apreciação. Os participantes eram convidados a observação do material produzido. A intenção era reproduzir as imagens através do Datashow ou da TV. O meio disponível. O principal objetivo da atividade era a apreciação de sua produção e da produção do outro. E perceber-se como participante, tanto da produção como do produto, além de criar narrativas a partir das imagens produzidas.

3.4.16. A exposição

Objetivando inicialmente apresentar o resultado do processo inicialmente, a exposição também tem o objetivo de ativar o aumento da autoestima. Imaginou-se que vendo em exposição o trabalho autoral, os estudantes perceberiam o valor de seu fazer e do fazer do outro – participante da mesma atividade – à medida que este fazer fosse exposto para toda a comunidade escolar. Valorizando assim seu fazer e percebendo-o valorizado pelos que apreciam a exposição pensa-se possível a elevação da autoestima de cada menina e menino participante do processo.

A atividade se iniciou pela curadoria do material. Depois de organizar, tanto o que foi produzido por elas e eles e os registros fotográficos de suas participações, foram selecionadas as imagens que fizeram parte da exposição. Umas com ajuda dos estudantes-fotógrafos e outras selecionadas pela pesquisadora. Foram montadas em um tipo de *passe-partout* e penduradas no corredor da escola. Foi proposta uma categorização onde as imagens fossem organizadas por temas de

grupos supostamente afins. A turma participou tanto da categorização quanto da montagem. A intenção era protagonizar todas e todos, provocando a participação geral.

3.4.17. Entrevista – pós-processo

Optou-se para análise dos resultados desta pesquisa, a escuta sensível. Na tentativa de respostas de afirmação ou refutação das hipóteses, as entrevistas aconteceram no início e no final das atividades com os estudantes. O objetivo era observar atentamente o comportamento e principalmente a fala das meninas e meninos, antes e depois das atividades propostas. Esta não foi realizada com a turma reunida. A intenção era que respondessem espontaneamente, sem interferências. Além das entrevistas, as conversas entre uma apreciação e outra também foram utilizadas para as análises.

IV. RESULTADOS

4.1. Descobertas

Algumas inquietações da professora, que motivaram a pesquisa e já mencionadas no texto, foram contempladas nesse processo. Uma delas merece destaque e inicia esse conjunto de descobertas. Trata-se de importância do fazer docente na aula de arte na formação do estudante. Durante as atividades foi muito interessante observar meninos e meninas indo para a escola no horário da aula de Arte (só para a aula de Arte), pois, devido à greve, não tinham mais aulas naquele dia. Mas, para isso um caminho precisou ser percorrido. Por isto, nessa seção licencio-me para falar na primeira pessoa. Do modo como falei de São João.

Encontrei uma turma marcada pela indisciplina e pelo desinteresse. As meninas e meninos que fizeram parte deste grupo haviam assumido, de forma consciente ou inconsciente, esse papel. Chegavam atrasados, queriam entrar e sair sem comunicar. Conversavam em tom alto, todos ao mesmo tempo e parecendo querer demonstrar desprezo pelas atividades escolares. Difícil compreender ou aceitar a intenção de muitos de nós, em tornar difícil nosso próprio trabalho atingindo o desenvolvimento dos estudantes quando priorizados grupos estigmatizados.

Entrevistei quinze estudantes. As expressões e falas eram constituídas de apatia, desinteresse, desprezo e certa expectativa. Tais aspectos revelaram a fragilidade de um grupo que busca, entre gritos e silêncios, orientação.

Essa primeira entrevista me mostrou uma turma agitada, que está na escola mais por obrigação do que por vontade. A afirmativa se fundamenta nas falas e nas expressões diante da pergunta sobre a motivação de ir para a escola. Hora a pressão da mãe, hora a “preocupação” com o futuro.

“Não gosto de ficar em casa. Minha mão fica me enchendo o saco” (Ana Beatriz).

“Ah, quando às vezes não tem nada pra eu fazer em casa” (Davi).

“O único dia que eu gosto de ir pra a escola é o dia que eu saio cedo” (Deborah).

“Porque se eu não vier pra escola eu não vou ter futuro” (Gabrielle).

“Eu venho pra escola porque sou obrigada” (Livia).

“Pelo futuro, que vem à frente” (Sarah).

As falas e expressões demonstram pouco interesse nas atividades escolares, principalmente as realizadas dentro da sala de aula. A maioria respondia com “Não” a pergunta sobre gostar de ir à escola. E em relação as atividades e o que gosta de fazer na escola, as respostas eram as seguintes:

“Conversar com meus amigos” (Alexandre).

“Educação física. Porque tem futebol, basquete e eu gosto” (Davi)

“Gosto de fazer física. Porque Educação física é a única aula que não tenho que ficar escrevendo. Só quando tem trabalho. Não tem que ficar trancada na sala de aula fazendo uma coisa que não gosto” (Deborah).

“Ah, conversar, tirar foto” (Dhandara).

“Eu gosto de conversar” (Gabrielle).

O desinteresse, provocado muitas vezes, pela ausência de significação do fazer e da produção de sentidos nas atividades escolares, inclusive nas de Artes (a qual nenhuma fala espontânea, mostrou interesse), pode ser um dos motes para a dificuldade em aprender e utilizar o que aprende.

Constatarei que “as amizades” é uma motivação comum. A escola é um ponto de encontro. Falas como as descritas anteriormente que coloca a conversa com os amigos, as amizades, esses encontros, como o mais interessante a fazer na escola. Diante dessas falas cabe sempre perguntar: o que estamos fazendo para transformar em conhecimento significativo o que permeia essa constatação? Quais as possibilidades de reversão/aproveitamento de um quadro que está posto e visível?

Como mencionei anteriormente, as atividades da pesquisa não eram obrigatórias. E logo, no primeiro encontro, um dos estudantes não quis participar. Deixei-o à vontade, procurei não insistir. O mesmo procurou mostrar todo o desinteresse e desprezo em seu comportamento.

Através das respostas também constatarei que a maioria não participava de atividades ligadas à cultura, arte, esporte ou lazer. Desconheciam e/ou desprezavam este tipo de atividade no bairro onde moravam ou no município. Para muitos, a diversão estava apenas nas ruas, no papo com os amigos ou nos celulares (se por desventura não tivessem perdido, tivesse sido roubado ou não possuíssem).

A fotografia faz parte do cotidiano desses estudantes, como é comum, nos dias atuais. Com os celulares fazem *selfs*, fotografam os amigos, os bons momentos

e partilham as imagens, principalmente no Facebook. Sendo estas constatações resultantes da entrevista.



Figura 12 – No cotidiano escolar. Fonte: A pesquisadora, 2016.



Figura 13 – No cotidiano (self). Fonte: Vitória, 2016.

A atividade “fotografia viva” possibilitou perceber um pouco sobre as imagens que habitam a memória daquelas meninas e meninos. No momento de criar uma cena estática surgiram representações do cotidiano e cenas do momento presente. Acomoda-se aqui sustentando esta constatação, a reflexão de Efland (2008) sobre a capacidade cognitiva e uso da imaginação, abordada anteriormente, na discussão sobre arte e conhecimento escolar.

A criatividade estava ali viva. Foram representadas cenas de violência, momentos na instituição religiosa, coisa que gostavam de fazer. Até o tempo (estado atmosférico) foi representado. Estava chovendo naquele dia. No entanto, o que me impressionou foi a maneira como as narrativas surgiram e o diálogo entre as cenas foi acontecendo. Da atividade, o que se esperava era a possibilidade de investigar o imaginário daquele grupo, instigar a leitura daquelas cenas remetendo-as a imagem fotográfica. O retorno superou minhas expectativas. A imagem do menino com guarda-chuva (representando o tempo) foi relacionada a tristeza e a um enterro/velório. Relacionaram esta imagem ao sujeito que (supostamente) havia morrido no assalto. E dessa maneira as relações foram acontecendo. A atividade consistia em criar a cena e dizer uma palavra relacionada a ela. Refletir sobre o

momento fotográfico. No entanto, além das palavras surgiram narrativas a partir das cenas ali produzidas e registradas na memória de cada um.

Em outra atividade, quando pedi para levarem objetos para sala, poucos apresentaram o que acreditavam guardar uma memória. Os que apresentaram levaram álbuns fotográficos, capa de celular feita pela mãe, imagem fotográfica do objeto estimado e, também, fotografias de objetos quaisquer no celular, por não se lembrarem de levar o objeto físico para escola. Os que levaram seus objetos incentivaram – sem ter consciência disso – os outros a falarem, mesmo tendo esquecido da atividade. Dentre os objetos a fotografia de uma aluna – quando pequena – com uma boneca. A boneca era seu objeto. Mas preferiu levar a fotografia. Declarou não se lembrar do momento do registro. A fotografia era a prova da boneca sempre ter sido dela. O que nos remete a Dubois (2006, p. 25) quando diz que “A foto é concebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra”.

Outro participante mostrou a fotografia do pai falecido, no celular. Disse que não se lembrava dele. Mas que a fotografia o deixava vivo em sua memória. A conversa foi construindo sentidos e significados. A fotografia foi o principal objeto de memória naquele momento. Narrativas foram construídas e percebi o resgate de memórias à medida que eles e elas falavam. Procurando dar mais ênfase às narrativas perguntei, se as cidades teriam objetos e lugares que contassem alguma história, que guardassem memória. E se sabiam de histórias sobre o lugar onde moravam. Uma das alunas disse que os lugares têm história e guardam memória. Porque sua avó até hoje conta que a rua era de barro, que as crianças ficavam correndo na rua sem medo de assalto, sem medo de morrer.

“Bem que eu queria ter nascido nesse tempo. Hoje, quase sete horas da noite, chegando em casa, tiro comendo...” (Gabrielle).



Figura 14 – Objetos de memória. Fonte: A pesquisadora, 2016.



Figura 15 – Fotografia viva. Fonte: A pesquisadora, 2016.

Habitualmente algumas alunas iam à escola, mas não entravam na sala de aula. O período da pesquisa foi complicado, faltavam funcionários para coordenar o turno. Os estudantes facilmente “matavam aula” dentro da escola. Eu percebia as ausências durante as atividades. Um participante ou outro informava que o colega ausente estava na escola, mas não queria mesmo participar.

Por outro lado, após as primeiras atividades percebi, em alguns, maior interesse. Percebi também uma atenção maior às propostas de atividades. As movimentações para as atividades eram boas. Eles se antecipavam um pouco, mostravam-se eufóricos a cada atividade fora da sala de aula.

Realizamos duas atividades de percepção: “Fotografia às cegas” e “Fotografia sem câmera”. Vendar os olhos e confiar a alguém a orientação do caminho, não é tarefa fácil. Nessa atividade foi possível perceber, através da fala dos participantes, primeiro, o estranhamento. Andar sem olhar por um lugar por eles conhecido. Depois, a dificuldade de orientar e ser orientado e de reconhecer o espaço com a venda nos olhos. Alguns acharam que foram bons orientadores. Imaginaram, com preocupação, a dificuldade da pessoa com deficiência visual. Experimentaram fotografar o que haviam percebido, com os olhos vendados. Alguns conseguiram o resultado esperado, outros não. A atividade nos remete ao trabalho da fotógrafa Sonia Soberats³⁶. Que tem a memória como sua principal aliada, na produção de suas fotografias.

Ao usarem canudos e retângulos de papel para observação da sala, das coisas ao redor, da escola, perceberam que as escolhas são recortes de um todo observado. Viram um poste se transformar em torre; perceberam uma imagem dentro da outra quando viram a fotografia do retângulo que observavam. Tiveram vontade de experimentar. Queriam registrar. Dessa forma, a experiência e as falas dos estudantes validaram a hipótese de que a produção de imagens no cotidiano da escola potencializa o conhecimento da Arte.

“Olha, é uma torre”;

“Achei estranho, porque a fotografia não está ali. Só imaginamos”;

“A gente pode fotografar com a mente”;

³⁶ Sonia Soberats, 77 anos de idade, cega. Perdeu a visão em 1990 e começou a fotografar alguns anos depois. Em suas fotografias utiliza a técnica de light painting. Depois de sentir com as mãos os sujeitos, Sonia coloca várias fontes de luz que dão o efeito esperado para as suas fotos e passa instruções para o seu assistente abrir e fechar o obturador da câmera. Fonte: <http://www.zupi.com.br/sonia-soberats-uma-fotografa-cega/>

“Olha professora, que lindo! Porque não tirei uma foto disso?” (informação verbal)³⁷.



Figura 16 – Fotografia às cegas (superior e inferior à esquerda) e fotografia sem câmera (superior e inferior à direita). Fonte: A pesquisadora, 2016.

Antes de iniciarmos as atividades com a câmera fotográfica conversávamos de forma descontraída sobre o que havíamos realizado nos dias que não estávamos no grupo. Conseguíamos conversar sem muitos atropelos, sem muitas interrupções. O que ainda atrapalhava eram os constantes atrasos. Alguns estudantes chegavam muito atrasados. Era algo muito comum que me incomodava bastante. Precisava sempre a cada início de atividade falar um pouco da atividade anterior, principalmente para aqueles que faltavam. Havia um grupo com presença certa em todos os encontros. Outro com alternâncias de presenças e ausências. Então, achava melhor relembrar. Solicitava que um ou mais participantes narrassem o que havíamos realizado. Reforçava assim um dos objetivos desta pesquisa – estudantes como coadjuvantes no processo ensinoaprendizagem. Enquanto os estudantes

³⁷ Fala dos participantes durante a atividade “fotografia sem câmera”.

narravam o que havia acontecido, alguns acréscimos, como os aspectos fotográficos compreendidos passavam a fazer parte da conversa. Escolhas, recortes, composição, distância focal, eram temas discutidos.

Antes de sair para a primeira atividade em que efetivamente a fotografia aconteceria, mostrei uma câmera analógica. Ficaram encantados ao experimentar. Olhar pelo visor, aproximar e distanciar a imagem através da lente. Era uma novidade. Escolher, recortar e imaginar. A câmera mexia com o imaginário, não podiam ver os resultados, a fotografia em si. Ficava tudo por conta da imaginação e do prazer pela experimentação. Num diálogo sobre maneiras de fotografar conheciam um pouco mais sobre fotografia.

A atividade proposta para o dia era de uma investigação fotográfica. Era fotografar o que o olho buscasse. Dentro ou fora da escola. Coisas, pessoas ou paisagens. Alguns disseram não ser possível, porque não havia nada na escola para fotografar. Saímos da sala e marcamos um ponto de encontro no pátio para conversarmos depois das experimentações. Mas ainda era necessário organizar a divisão dos equipamentos disponíveis. Organizaram-se sob minha orientação para que todos pudessem fotografar. Com os poucos celulares e câmeras disponíveis decidimos um revezamento. E a cada sequência produzida individualmente comunicavam-me. Eu fazia as anotações no diário de campo nomeando e numerando as fotografias produzidas. O que era produzido em seus celulares enviavam-me por *bluetooth* ou pelo *WhatsApp*.



Figura 17 – Fotografando a escola. Fonte: A pesquisadora, 2016.



Figura 18 – Fotografando a escola. Fonte: A pesquisadora, 2016.



Figura 19 – Fotografia da escola. Fonte: Gabriel, 2016 (superior à esquerda); Juan, 2016 (superior à direita); Raysha, 2016 (inferior à esquerda); Leticia, 2016 (inferior à direita).

O encontro em que se conheceu um pouco a história de São João de Meriti foi surpreendente. Iniciei apresentando o mapa do Rio de Janeiro destacando o município e seus limites. Os mapas que seguiam aproximando e destacando São João de Meriti provocaram manifestações dos estudantes em relação ao lugar que moravam. Estavam visíveis, no mapa, os rios – Sarapuí e Meriti-Pavuna, que aparecem nas regiões limítrofes. Impressionou-me a reação de algumas crianças em reconhecer naquele momento o “valão” – rio Sarapuí – que passa perto da escola, e a euforia do “cadê minha rua?” e “Eu moro aqui”.

Sobre o rio conhecido as falas se sucederam fizeram questionamentos, logo que perceberam a ligação dos rios à Baía de Guanabara: “Mas é todo sujo”; “suja o mar”. Então, pudemos conversar sobre meio ambiente. Sobre responsabilidades tanto do cidadão como dos órgãos governamentais. Os diálogos surgiram quando alguns participantes responsabilizam apenas os cidadãos pela degradação dos rios.

À medida que o município ampliava-se no mapa era possível ver os bairros e as ruas. Elas identificavam ruas próximas as suas residências, as escolas próximas,

o rio, a própria escola. E assim, as imagens dos mapas renderam diálogos significativos.

A história de São João continuou sendo contada a partir desses reconhecimentos e das fotografias digitalizadas de um livro sobre o lugar. Muitas perguntas foram feitas. Como o porquê da emancipação. Pela quantidade de questionamentos e identificações pude perceber que os alunos gostaram do que estavam conhecendo. Ficaram surpresas. Cada história era uma novidade. Conversamos sobre nosso lugar, aparentemente “desconhecido” pelos estudantes.

Puderam perceber a transformação do município. De lugares que hoje só estão nas fotografias ou na memória das pessoas. Alguns lugares transformados em outros, com finalidades diferentes. Como o espaço do atual CAp-Unigranrio – localizado atrás da Igreja São João Batista, conhecida como Igreja da Matriz – que foi um cemitério. Comentamos sobre a linha férrea, o trecho desfeito e o aquele que ainda permanece e o trem passa, perto da escola. Bem próximo à casa de alguns (Éden e Vila Norma). Os nomes dos bairros do município, a mudança dos nomes e o surgimento de outros, também constituiu nosso diálogo.

A imagem de João Cândido aparece em um dos slides. Não conseguiram identificar. João Cândido fazia parte do grupo de imagens exibidas por ter sido morador de São João de Meriti. Então, sua luta e fundamental importância na história foram narradas aos estudantes. Logo se lembraram da escola vizinha. Um CIEP no bairro Grande Rio, a duas quadras do CIEP Mario Lima, que recebeu o nome de Marinheiro João Cândido. Daí surgiram perguntas sobre a importância das pessoas. E dos seus nomes nos lugares. Questionaram sobre a importância das pessoas para terem seus nomes em ruas.

Ainda através das imagens percorremos os lugares de cultura, de esporte e lazer do município. Uma aluna informou que participa de atividade artística, mas em outro município. Os estudantes desconhecem ou não quiseram falar sobre frequentar espaços de lazer. A vila olímpica é vizinha da escola. E poucos a frequentam. Assim fomos conhecendo através das imagens os lugares de um município que eles dizem não ter nada.

Alguns lugares que eles viram nas imagens antigas, aparecem degradados nas imagens mais recentes buscadas na internet. Existem poucas imagens de São João de Meriti disponíveis na internet. E dizem:

“Professora é porque a cidade é pobre” (Gabrielle)
 “As pessoas não se interessam” (Dhandara)

Propus, então, que fizéssemos imagens para apresentarmos o lugar para quem não o conhecia. Como mostrar o bairro, a escola, a rua? Contando a história através das imagens. Percebi o quanto eles se interessaram. E o quanto os temas fotografia e cidade circundam e atravessam áreas distintas do conhecimento.

No dia da “saída” (expedição) pelas ruas do bairro, seguimos um roteiro pré-estabelecido. Éramos oito pelas ruas dos bairros vizinhos Vila Jurandir e Grande Rio. Fotografamos o caminho até chegarmos ao União Futebol Clube. No trajeto, a fábrica vizinha, de produção de papel – apontada e fotografada por uma das meninas – e a rua com árvores na esquina, de um lado e de outro, com copas entrelaçadas, ao lado da escola. O caminho para o campo era curto, porém, com muitas possibilidades fotográficas. No campo, o administrador foi bem solícito (a visita estava agendada) e nos deixou entrar. Os meninos e meninas exploraram aquele campo de futebol, vazio no momento, frequentado por alguns deles, durante a semana, na escolinha de futebol e nos finais de semana com os times que se formavam com as pessoas de diferentes bairros – segundo um dos alunos de nosso grupo, que se orgulhava em partilhar tal informação. Alguns entravam pela primeira vez. Quiseram andar pelo campo; quiseram saber o que era aquele espaço antes de se tornar campo de futebol. Após o momento de reconhecimento do lugar conversamos com o senhor Evanir, o zelador. Foi muito atencioso respondendo perguntas que fazíamos sobre o lugar.

[...] dizem que isso aqui era um terreno vazio. Aqui [...] esse pedaço aqui, era uma lagoa, um brejo, né. Aí começaram a jogar terra, terra. Nesse aqui (*apontando os campos, que são três*). Esse, foi até os mineiros que começaram a cavar, separar, cortar as matas. Aí fizeram lá no meio [...] um burquinho, aí botaram, duas madeiras, um estradozinho e dali começou. E esse aqui demorou depois de uns dez anos que começaram a jogar aterro. Era uma área toda vazia. Inclusive ali onde é o Mario Lima era uma área toda vazia.

Foi fundado em 1981 (*O campo*).

Aqui trabalha-se especificamente com futebol. Hoje, não tá muito assim fluente, não. Mas, há um tempo atrás, até dois, três anos atrás estava bem fluente. Tinha feminino, futebol de criança, escolinha, entendeu? E adulto, veterano, pessoas de idade também jogam. Tínhamos o feminino, mas o pessoal acabou desistindo. Não tinha muito incentivo. Aí elas acabaram desanimando.

Como tem dois campos, aos sábados, o rapaz que faz a administração, seu Valmir, ele sempre mantém um campo com os horários sempre vazios. Justamente para os garotos aqui da comunidade brincar, pro lazer, né. Os

pais trazem as crianças pra brincar, uns garotos vem jogar bola, vem pra soltar pipa também.

Às vezes, aqui, tem época que eles montam as competições, campeonatos, né, de futebol. Aí o que acontece, vem equipes, times de outros bairros, de bairros vizinhos, dentro aqui de São João, vem até de fora, convidados, até de Nova Iguaçu, Mesquita, vem até aqui, entendeu? Aí essa integração com o futebol, tem muito. E toda vez que tem competição isso aqui fica lotado de gente.

Tem que passar pra eles (*para os estudantes*), procurarem na internet pra ver São João. Tem coisa bonita em São João é que a gente não sabe. Tem ponto turístico, só não sei onde é (risos). Tem coisa esquisita, mas tem coisa boa. Tem tanta gente boa que mora em São João. Olha, quando tiver umas garotas que queiram jogar um futebol, arruma um time lá (Evanir, zelador do União Futebol Clube).

E saímos do campo conhecendo um pouco de sua história. E percebendo que por mais reduzidas que sejam algumas opções de lazer são encontradas no lugar. O campo, como mencionado antes, é de iniciativa privada. É possível perceber o zelo dos administradores e principalmente do público que o frequenta.

Continuamos nossa caminhada. Um dos alunos perguntou se íamos também às escolas, para fazermos perguntas. Ele falava do CIEP Marinheiro João Cândido, que foi mencionado por eles, quando conversávamos sobre a história do município em um de nossos encontros. Mas, apenas passamos pela escola e fotografamos. E João Cândido foi lembrado, sua importância de alguma forma reforçada, dando nome a uma escola no lugar em que ele morou. Essa pequena trama aponta para a noção de patrimônio e memória dialogada nesta pesquisa. Seguimos nossa caminhada pelas ruas do bairro para chegarmos à Vila Olímpica. Fotografaram o comércio, as casas, as escolas. Os que ali moravam apresentavam o que conheciam. Os demais ouviam.

Na Vila Olímpica fomos recebidos pela funcionária Sandra que nos deixou à vontade. Os estudantes encantados com o espaço queriam brincar. O lugar estava todo reformado, mas com áreas cercadas com fita de isolamento aguardando a inauguração de reforma. Os moradores participantes da pesquisa não eram frequentadores do lugar, apesar de ser aberto ao público. Não procuravam as atividades que Vila Olímpica disponibiliza.

Reunimo-nos para fazer perguntas junto a quatro funcionários que estavam em horário de trabalho. A entrevista foi direcionada a senhora Neli, mas acabou virando uma conversa onde todos participavam. Algumas falas se misturavam e não conseguimos captar muito bem. A fala da senhora Neli revela o carinho com seu local de trabalho independente das condições que o município oferece. Falo aqui do

descaso, do governo do município (falta de pagamentos) com os funcionários. Uma das estudantes se encarregou de fazer as perguntas que havíamos organizado anteriormente. Estavam relacionadas ao ano de fundação, ao horário de funcionamento, o público que frequenta e as atividades desenvolvidas, que foram respondidas atenciosamente.

Desde 1996 (*existência*).

Funciona de sete as vinte uma e trinta. De manhã tem muita gente caminhando e durante o dia sempre tem. E quando chega as 18h fica lotado.

A Vila Olímpica é do município. Então vem gente de todo lado.

Olha, as atividades, atualmente, atualmente a Vila Olímpica não está funcionando à pleno vapor. Atualmente nós temos o jiu-jitsu, a capoeira, MMA, judô e a ginástica, não é a ginástica olímpica, é destinada a terceira idade, mas todas as idades fazem. Nós temos isso de manhã e temos à noite. De manhã enche mais (Neli, funcionária da Vila Olímpica).

Falamos também, da carência de lugares destinados ao esporte e lazer em São João e de alguns espaços extintos.

Tanto o campo União como a Vila Olímpica estavam vazios no horário que lá estivemos. Não havia frequentadores. Fomos à tarde, em uma quarta-feira. O campo tem sua movimentação nos finais de semana e a Vila olímpica, apesar de funcionar todos os dias, tem uma movimentação maior pela manhã e à noite.



Figura 20 – O entorno. Fonte: A pesquisadora, 2016; Ana Beatriz, 2016.



Figura 21 – O entorno. Fonte: Gabrielle; Gabriel; Raysha (superior); Davi; Gabriel; Raysha (inferior), 2016.



Figura 22 – O entorno. Fonte: Thamires (superior); Raysha; Ana Beatriz (inferior), 2016.

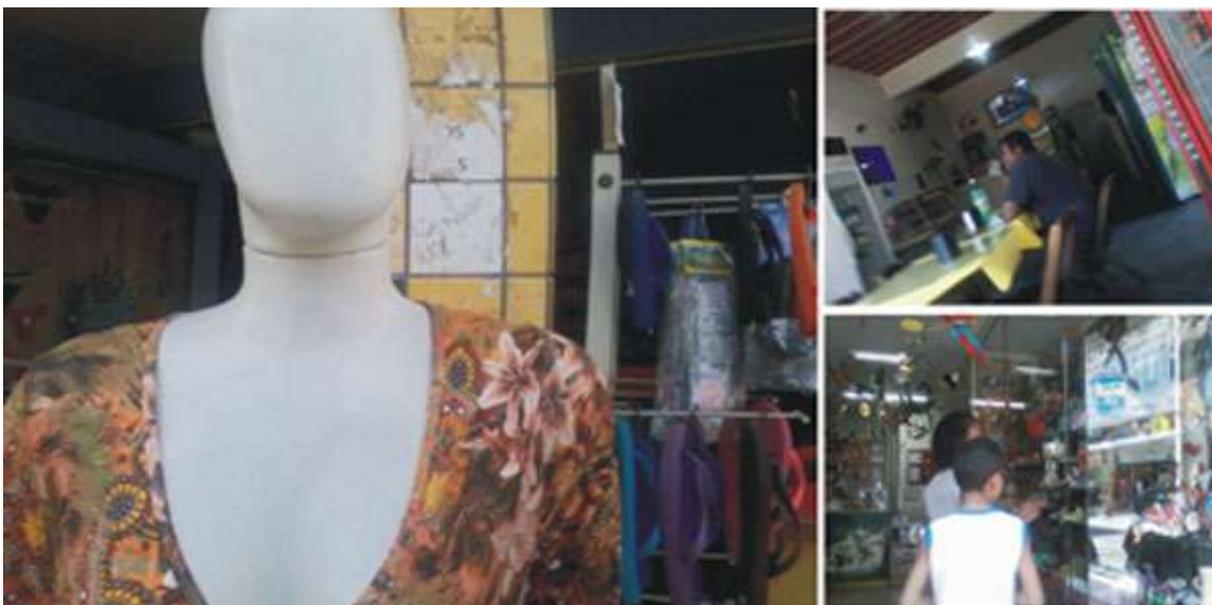


Figura 23 – O entorno. Fonte: Raysha; Gabriel (superior à direita); Thamires (inferior à direita), 2016.



Figura 24 – A Vila Olímpica. Fonte: Lívia, 2016.

Para desenvolver a atividade “Telefone sem fio” levei para sala de aulas algumas imagens impressas de outros lugares da Baixada que eu havia fotografado em outra época. Estavam bem tranquilos nesse encontro, ouvindo, esperando a vez. Expliquei como procederia a atividade e sem demora, Gabriel levantou, para ser o primeiro a descrever a imagem e falar para um integrante do grupo. Os colegas não fizeram objeções. Saí da sala com ele para mostrar a imagem que ele precisaria descrever para alguém, sem que ninguém ouvisse. Dei um tempo de três minutos para que ele pudesse observar a imagem. Então, voltamos para a sala e iniciamos já descrita anteriormente. Sem ignorar as dificuldades do processo, avalio que foi um momento enriquecedor.

A reação da turma e o que pude perceber em cada atividade realizada surpreendia-me. Nesta atividade, em que falar ao ouvido era um critério, pude perceber a aproximação que a atividade proporcionou. Porque de alguma forma, no dia a dia de sala de aula, existe certo distanciamento entre um e outro estudante. E os motivos podem ser muitos. Vergonha, preconceito e uma série de fatores difíceis de precisar. Percebi que ao falarem ao ouvido, além de carregar a responsabilidade de falar corretamente o que ouviu, essa ação carrega certa aproximação.



Figura 25 – Telefone sem fio. Fonte: A pesquisadora, 2016.



Figura 26 - Telefone sem fio e Estação Guia de Pacobaíba, Magé. Fonte: A pesquisadora, 2016;2014.



Figura 27 – Telefone sem fio; Porto Iguaçu velho. Fonte: A pesquisadora, 2016; 2014.

Dia a dia as descobertas foram animadoras. Tornou-se perceptível a mudança de comportamento com o passar das semanas. Ainda falavam bastante, demoravam um pouco para se concentrarem, mas ouviam. Mostravam-se satisfeitos com o trabalho que estava sendo realizado. Mas, estranhamente, alguém ainda perguntava se a atividade era obrigatória. E percebi que essa pergunta não tinha mais sentido ali. Porque mesmo sabendo que a atividade não era obrigatória, eles a realizavam. Sem reclamar. Éramos um grupo pequeno enquanto a turma estava sem professor (às quartas-feiras) nos dias de nossos encontros. Após o recesso alguns outros alunos passaram a compor o grupo. Mais dois, apenas. Sendo um deles, Ramon. O menino que no primeiro dia se recusou a participar. Passou a participar das atividades. E permaneceu até o fim.

Na atividade sobre identidade, quando pedi para que me dissessem o que pensavam quando escutam a palavra identidade, eles responderam que pensavam no próprio nome, na certidão de nascimento, na carteira de identidade. A maioria mostrou pensar em identidade como documento. Outros responderam: “Identidade mostra o que eu sou”. Sugeri que fizessem o desenho em forma de pizza e escrevessem em cada fatia algo que os identificava. Depois da atividade perceberam (alguns) que o modo de ser os identificavam. Disseram que os lugares que frequentam determinam a maneira de se comportar. E o comportamento é bom ou ruim por interesse.

Dos 16 estudantes presentes na atividade, dez mencionaram cor de pele, cinco mencionaram estado emocional, dezesseis mencionaram o nome, três mencionaram o nome dos pais e quatorze mencionaram os gostos e a idade como determinantes para a identidade (gráfico 1). Ainda não tinham consciência do lugar

como um determinante também da identidade, talvez ainda não tenham. O objetivo de nossas atividades e conversas intencionava esta noção.

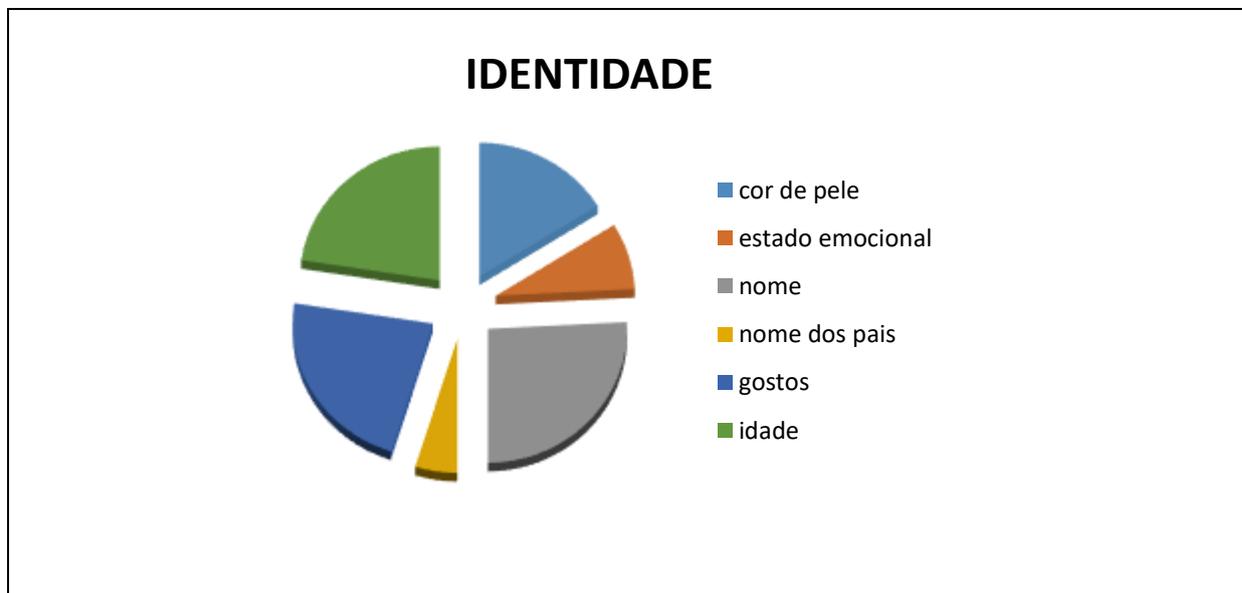


Gráfico 1 – Identidade



Figura 28 – Identidades. Fonte: A pesquisadora, 2016.

A participação do escritor Lasana Lukata em nossa roda de conversa trouxe um pouco mais de conhecimento sobre São João de Meriti. Além de falar sobre as

potencialidades do lugar, o escritor falou sobre a importância de estar na escola e falou de nossas inclinações. Dizendo que cada um é bom em alguma coisa. Que precisamos prestar mais atenção ao que gostamos de fazer. A conversa ficou mais interessante à medida que os estudantes interagiam. Uma das meninas participou bastante quando o escritor falou de sua infância no Morro da Caixa d'água, na Vila Tiradentes, lugar onde ele nasceu. E é o lugar onde a aluna mora. Ela teve oportunidade de falar do lugar sem que a violência fosse o fator mais relevante, como é atualmente. No diálogo ele lembrou-se de lugares e perguntou se ela os conhecia. A conversa interessou a todos e promoveu interação. Parecia ser bom ouvir alguma história do lugar. Leram trechos do livro do escritor e quiseram saber mais sobre seus livros. Dialogaram sobre o texto lido. Leram e falaram sobre poesia. E sobre possibilidades e inclinações.

O visitante informou que em São João de Meriti há legislação para produções culturais. Legislação que pode viabilizar peças teatrais, produções musicais e publicações de livros, de graça. Alertou sobre a importância de sabermos o que temos direito e o que está disponível; para o fato de algumas possibilidades culturais no município que devem ser exploradas.



Figura 29 – Roda de conversa. Fonte: A pesquisadora.

A visita ao Horto foi momento de encantamento com tanto e variado verde em São João de Meriti. Fotografaram o que os olhos puderam buscar. Exploraram o lugar. Souberam que o Horto é uma parte do Sítio Carioca. Sítio que pertenceu à família Telles de Menezes. Família que foi muito influente em São João de Meriti e dona de muitas terras, no lugar. Conheceram a Fonte Carioca. Fonte de água natural que abastecia o bairro, em outros tempos. E hoje está poluída. A vizinhança joga lixo no terreno do Horto e o esgoto das casas do entorno – do alto do morro – é

despejado também, de alguma forma, na fonte, desde o início desordenado das construções das casas. Entrevistamos o funcionário Claudio (escritor Lasana) que falou sobre a importância daquela área verde para São João de Meriti.

A importância do horto pra São João de Meriti? Veja bem. [...] ninguém quer ir mais embora de São João de Meriti. Então nós temos hoje, neto, bisneto, trineto, quadrineto. Então, tem que fazer o tal do puxadinho. Aumentar a casa, né? E o que tá ocorrendo? Tem que ter espaço. E às vezes nesse espaço está uma árvore. E aí, que que se faz? [...] aí começa a questão da prioridade. A pessoa vai lá e corta a árvore. E aí tem uma situação delicada. [...] foi constatado, que a maioria das árvores estão para dentro dos quintais em São João de Meriti. [...] A prefeitura fez esse estudo. Que que ocorre? As pessoas vão cortando... o ar de São João já é complicado. A poluição do ar de São João já é muito grande, muito problema de saúde, bronquite. [...] Então, com os cortes das árvores, o ar ficou mais comprometido. O calor... Éden, por exemplo, parece está à cinquenta graus. Tem esquina que você pensa que tem cinquenta graus. É muito quente. [...] Então, o que que ocorre? [...] o horto entra nessa história como esse amenizador. Porque ele vai fazer a produção de mudas para reflorestar, o que hoje a gente chama de o pulmão de São João de Meriti. Que é o Parque Jurema. [...] E houve o plantio inicial de cinco mil mudas e depois de quinze mil. [...] Hoje não só o reflorestamento do pulmão de São João de Meriti, que é o Parque Jurema, mas também a questão estética da cidade. Que são as praças. Não é? Nós não tínhamos na cidade [...] paisagista concursado. Hoje temos. Nós não tínhamos biólogos, geólogos. [...] Engenheiro florestal. Nós já temos esses profissionais capacitados pra atuar em São João de Meriti. [...] Então no momento a gente tem assim, teve um avanço, na área do meio ambiente. Mas no momento agora, a gente tá em fase de transição, a gente vai esperar pra ver como é que fica (Lasana Lukata, funcionário do Horto).

Na escola conversamos um pouco sobre nossa visita a partir das imagens produzidas. Aos participantes que não foram ficaram as impressões daqueles que vivenciaram aquele momento. E observando as imagens podemos falar sobre foco, ponto de vista, sobre técnicas fotográficas. O conhecimento sobre fotografia perpassava as narrativas construídas a partir daquelas observações. E questões como saneamento básico, responsabilidade política e social são apontadas por estudantes da turma de “comportamento ruim”. Algumas falas apontam a afirmação:

“Tentei tirar foto da montanha de lixo. Pra mostrar porque o lugar tá ficando tão sujo. A qualquer momento isso pode desabar [...]” (Brenno)
 “Será que não passa o caminhão de lixo lá?” (Raysha).

Impressionada e motivada via a maneira como as discussões se desenvolviam e os pontos de vistas eram expostos. É urgente a necessidade de construção de sentidos para melhor aproveitamento do processo. Abro aqui um

parêntese para retomar um trecho da citação de Ana Mae Barbosa, no momento em que abordamos arte como conhecimento.

[...] A Arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos (BARBOSA, 2008, p. 17-18).



Figura 30 – Horto botânico. Fonte: A pesquisadora, 2016.



Figura 31 – Horto botânico. Fonte: Ramon, 2016.

Na realização do dominó fotográfico percebi, inicialmente, o encaixe das imagens à partir das semelhanças entre os espaços fotografados. À medida que estas semelhanças foram se esgotando procuraram aproximar pelas cores e pelos pontos de vistas, incluindo se a imagem estava no formato “retrato” ou “paisagem”.



Figura 32 – Dominó fotográfico. Fonte: A pesquisadora, 2016.

A atividade, que propunha estimular o pensamento sobre os elementos fotográficos a partir das imagens produzidas pelos participantes, possibilitou a construção de outra imagem, de um possível objeto artístico, constituído pelas imagens que combinavam semelhanças entre seus elementos. A participação, sempre alegre, não se limitava a simples busca de combinações, mas a interação e o diálogo sobre as fotografias e suas autorias.

Em todas as atividades os participantes eram convidados a experimentar. Fossem as fotografias sem câmeras, ou às cegas. Fosse explorando o espaço escolar ou outros espaços. Entre uma e outra proposta o desafio para experimentarem pontos de vistas diferentes e usar materiais para interferir na fotografia na hora de sua produção. Tivemos como respostas imagens que surpreendeu cada um de nós. Apenas mudando a posição do corpo e da câmera na hora de fotografar; encostando a câmera no chão ou inclinando-a, enfim, experimentando. Criando possibilidades e leituras de uma imagem vista por pontos de vistas diferentes. Recortes que expressam, além do prazer pela descoberta, sensibilidade e estética.



Figura 33 – Experimentações. Fonte: Gabriel (superior); Thayane (inferior), 2016.



Figura 34 – Experimentações. Fonte: Gabriel e Dhandara, 2016.

A qualidade das participações nas atividades teve grande variedade. Mas preciso destacar o retorno do aluno que fez questão em não participar no início. Esse mesmo aluno, depois de participar de um momento de apreciação das fotografias se envolveu e não teve mais falta. Participou ativamente.

O aluno ele expressou a falta que sentiu de sua imagem nas fotografias (no período que se recusara a participar), quando murmurou: “não tem uma foto minha”. Percebi em sua fala discreta (naquele momento) a vontade de fazer parte. Não só sua fala dizia, mas sua expressão. Percebi sua expressão quando revia as imagens da atividade em vídeo. Será que no Talvez, dia-a-dia da sala de aula eu teria percebido esse detalhe.

Precisamos não deixar passar despercebidas as atitudes dessa garotada. Que por mais “levada” e dispersa que seja nas atividades escolares traz uma

bagagem de vivências e sentimentos que são válidos para nossa atuação enquanto docentes. A participação dessas meninas e meninos pode ser a luz que buscamos para revelar o melhor caminho para lidarmos com a falta de interesse, o mau comportamento e uma série de outras coisas que podem dificultar o bom andamento do trabalho. Dificuldades que tanto tem nos angustiado.

Cada momento de apreciação chamava muito a atenção de todos. A maioria ficava o tempo todo de olho nelas. Com pequenas exceções. E habitualmente o momento da apreciação despertava o interesse naqueles que não tiveram contato com a atividade.

Os autores mostravam-se sempre muito satisfeitos com as produções. Empolgavam-se quando viam as fotografias. Provocam-me profunda alegria aqueles sorrisos revistos em minha memória. Ao ver, na fotografia, os lugares, eles rememoravam aqueles e outros momentos. As imagens os remetiam a experiências vividas no lugar. Ou em outros lugares semelhantes, por onde passaram.

Momentos como esse incentivaram a produção. Alguns participantes traziam e enviavam-me pelo *whatsapp* fotografias que faziam fora da escola, estimulados pelos resultados.



Figura 35 – Apreciação. Fonte: A pesquisadora, 2016.



Figura 36 – Apreciação (imagem capturada de vídeo). Fonte: A pesquisadora, 2016.

Todas as atividades foram momentos de muita aprendizagem. Momentos de trocas onde ensinamos e aprendemos. Cada fotografia, cada narrativa, cada saída da sala de aula apresentava uma motivação diferente. Não ignorando as dificuldades comuns do ofício. No entanto, um momento em especial teve grande significância. A exposição.

Para organizar a exposição sugeri que fizéssemos uma categorização e que organizássemos as imagens de acordo com a mesma. A admiração pelas fotografias montadas em passe-partout com etiquetas que traziam o nome de quem as produziu era grande. Antes de organizar quiseram mesmo olhar. Olhar o trabalho construído pela turma 703. Antes marcada pelo mau comportamento e pelo desinteresse.

Agruparam as fotografias por temas. Definiram aproximações. Eram os retratos, as fotografias na escola, as fotografias do entorno, as fotografias onde experimentaram pontos de vistas diferentes e uma espécie de camada com material alternativo, como os bobes para cabelo, por exemplo. E penduramos as obras nas paredes do corredor, do primeiro pavimento.

Com o trabalho em exposição, a comunidade escolar pode fazer a apreciação. Funcionários de apoio, direção, coordenação, professores, alunos de outras turmas e nós. Eram expressões de admiração e encantamento. Além das falas. Que contemplavam os lugares das fotografias e a sensibilidade dos autores. Acompanhavam o questionamento: “Como foi possível?”. E no grupo, a alegria pelo reconhecimento do trabalho. Das fotografias foram produzidos também cartões-postais, que foram entregues aos participantes. Na intenção de nossa proposta de

mostrar o lugar a partir de nossas escolhas. Da maneira como vemos e escolhemos ver.

Um episódio causou-me imensa emoção. Voltando à escola no dia seguinte à abertura da exposição deparei-me com a mãe e o pai de Gabriel olhando o trabalho. Os dois com sorrisos no rosto apontavam para a fotografia do filho e buscavam as produções do menino. Fui surpreendida com um agradecimento e lágrimas nos olhos. A mãe queria ver o que o menino tanto falava. E ele falava sobre o lugar. Falava sobre o que fez. Falava de como o seu retrato ficou bonito.



Figura 37 – A exposição. Fonte: A pesquisadora, 2016.



Figura 38 – A exposição. Fonte: A pesquisadora, 2016.

Para fechar o ciclo constituído por todas as atividades da pesquisa incluindo a exposição, que mostrou o lado participativo da turma 703, a entrevista pós-atividades ajudou a refletir sobre o que pode contribuir para a construção de sentidos nas atividades escolares. Além da percepção através da escuta e do olhar, das motivações geradoras do conhecer e do fazer das meninas e dos meninos da pesquisa.

4.2. Discussão dos resultados

Discutiremos aqui o que foi possível perceber em todo processo. O que a investigação pôde ou não afirmar das hipóteses construídas. As respostas das entrevistas, as narrativas, os questionamentos diante das fotografias nas apreciações, as atividades em si serão o *corpus* de nossa discussão. Vale ressaltar a ausência de alguns dos participantes na entrevista pós-atividades e que participaram da entrevista diagnóstica, também, a presença de alguns que estão na última e não participaram da primeira. O quadro justifica-se pela não obrigatoriedade da participação. Alguns poucos estudantes ou não estavam presentes nos dias destinados às entrevistas ou não quiseram responder.

A primeira hipótese considera que a produção de imagens no cotidiano da escola potencializa o conhecimento da Arte. Levando em consideração a

participação nas atividades, os comentários durante as atividades, as respostas das entrevistas e a produção. A hipótese pode ser confirmada. Falamos aqui de conhecimento a partir da produção autoral das meninas e dos meninos. Onde as falas e imagens a seguir indicam um começo. Apontamos, sem sermos categóricos, um despertar. Não podemos assegurar completa transformação. E remeteremos a Bosi (1999) para sustentar nossa afirmação. O autor fala que o processo artístico é a possibilidade da investigação do “*ser da arte enquanto modo específico de os homens entrarem em relação com o universo e consigo mesmos*” (p. 8). Nas falas, os estudantes demonstram suas percepções das experimentações, da produção e das apreciações, durante o processo. Percebem, e vale destacar, que a fotografia em arte pode permear outras áreas do conhecimento.

“[...] A gente aprende a calcular o ângulo da foto, o tamanho...” (Gabriel).

“[...] Tudo fica mais bonito. Até aquilo que era feio fica mais bonito” (Raysha).

“Eu acho que envolve mais a arte. Por parte das fotografias... da arte mesmo” (Sarah).

“Geografia. Acho que geografia, só geografia [...] Não fala de novo... Arte, matemática... arte né, arte (*ri*). Acho que a história e a geografia (Wellerson).

“Ah, a natureza é... é um ótimo lugar pra poder tirar foto tem coisas interessantes, bichos, plantas diferentes, árvores... várias coisas que a gente pode escolher pra tirar uma foto” (Brenno).

“Artes, né? Que mexe com esse negócio do visual... fotografia. Acho que única que envolve isso é arte”; “Ah, eu achei até legal porque... Eu nunca tinha aprendido esses negócios assim em arte. Já tinha aprendido algumas coisas, né, claro. Mas esse negócio assim de mexer com fotografia... não”; “O engraçado é quando a gente tá assim normal, zoando, não percebe como é o lugar direito. Mas quando a gente para pra observar, vê que é mais bonito do que a gente pensa” (Gabrielle).



Figura 39 – Fotografia sem câmera. Fonte: A pesquisadora, 2016.

Nota: “Quando afasta mais fica menor a distância. Fica melhor. Vai fechando a imagem” (Gabriel).



Figura 40 – Fotografia da escola. Fonte: Mauro, 2016; Sarah, 2016.

Nota: “Eu percebi... as paisagens... que não é olhar só a situação horrível da escola. Sempre tem... uma coisa que a gente fica sempre admirada” (Sarah).

A segunda hipótese é de que a produção de imagem sobre o lugar onde se vive produz conhecimento, que pode se converter em ideias/ações de transformação da realidade. Nesse sentido, o estudante se reconhece como sujeito social e transformador. Participante ativo da sociedade. A hipótese se sustenta no que nos diz Dubois (2006) quando potencializa o ato fotográfico; no que diz Freire (2003)

quando coloca o sujeito no centro da construção do próprio conhecimento sendo capaz de transformar a realidade, a partir do reconhecimento da mesma. E ao que diz Bencosta (2011) quando atribui à fotografia o conhecimento por meio do olhar. Acrescentando que “A fotografia informa porque permite pensar sobre certos aspectos, conhecer” (BENCOSTTA, 2011, p.408). Importante destacar a contribuição de Sontag (2007, p.13) quando afirma que “A fotografia tornou-se um dos principais expedientes para experimentar alguma coisa, para dar uma aparência de participação”. Os pensadores apontam o que foi de certa forma possível perceber durante a pesquisa. O olhar passando de despercebido à cuidadoso. A produção direcionando esse olhar. Do momento que se produz ao momento que o material produzido é visto e revisto. E os lugares revisitados através das imagens.

“[...] Na verdade prestei até mais atenção. Porque às vezes, quando a gente sai pra ir em outros lugares, você só vai, você não olha ao seu redor o que tem. Mas aí, quando a gente saiu, foi tipo isso, a gente teve que olhar em volta. Quando a gente passa, assim, correndo, a gente nem repara na escada, nas ruas, nas coisas que tem ao nosso redor” (Raysha).

“[...] estava todo mundo empolgado fazendo a mesma coisa. Todos juntos”.

“Eu acho... que todo mundo... com essas atividades vai ficar mais unido. Porque tem vezes que a gente fica um pra lá, um decide uma coisa outra decide outra... acaba todo mundo se ajuntando e escolhendo uma coisa só. E esse trabalho ajudou sim na nossa convivência... de respeitar o lado dos outros. Dando opinião... e tudo”.

“[...] pode-se dizer que a foto que a gente tirou foi um... como posso dizer... um ponto de vista que as pessoas quase nunca vêm da escola, as árvores, as plantas, o céu lá trás. Aquela natureza toda... quase ninguém vê. Aí quando a gente tirou as fotos e botou ali na exposição todo mundo reparou direito” (Breno).

“E esse lugar ajuda a preservar as árvores que a gente não vê. E ainda ajuda a levar pra outros lugares que não tem” (Breno).

“Oh, eu percebi que eles queriam conhecer mais sobre São João. [...] como se diz... eh... querendo saber mais” (Welerson).

“Porque a pessoa pode conhecer melhor o lugar que mora. Vê as fotos que... que lembra a escola... e... conhecer um pouco da história... as pessoas que foram chegando foram falando um pouco. Que esse bairro aqui era de pouca vizinhança... começou a encher... e é conhecido como formigueiro... eu nem sabia disso também” (Gabriel).

“Eles estavam, mas tinha uns que não estavam. Pela fotografia eles viram” (Ramon).

“Que eu fui lá pra perguntar pro moço o que que era que eles estavam construindo lá. Aí ele falou que era uma fábrica de papel. Aí fiquei ali

pensando, aqui nesse lugar sem fábrica, esse negócio? Achei interessante e fiquei curioso. Aí fui lá e perguntei pra ele” (Gabriel).

“Tentei tirar foto da montanha de lixo. Pra mostrar porque o lugar tá ficando tão sujo. A qualquer momento isso pode desabar...”; “Será que não passa o caminhão de lixo lá?” (Brenno).

“Não é motivo pra eles fazerem isso. Se o lixeiro não passa na minha casa vou jogar na casa do vizinho?” (Raysha).

“Constrói uma lixeira, umas caixas de papelão, bota o lixo dentro e fecha” (Brenno).

A terceira hipótese aponta que a escola que trabalha valores motiva o estudante a aprender, estabelecendo um canal de motivação para que este seja sujeito de seu conhecimento. Esta tem relação estreita com a segunda e diz respeito à atenção dada ao que os sujeitos trazem de vivências e como poderemos contribuir na construção de sentidos ao que se ensina e aprende ou ensinaprende. A pesquisa ajudou a refletir sobre a relevância dessa questão.

“Sim. Eu não ligava muito pra arte porque... quando eu tinha essas aulas era só pintar aí ficava desenhando... nunca ía pra rua, tirar foto ou ía pros lugares... quando a gente começou a fazer esse projeto a gente ficou saindo, tirando foto, fazendo esse documentário...várias coisas mais interessantes”.

“No caso, quando foi eu sendo a fotógrafa, fotografando outras coisas, eu me senti bem”.

“Quem diria que a setecentos e três faria algo assim?”.

“Vi a alegria no rosto deles. De tirar foto. Aquela emoção. Pô primeira vez que eu tiro uma foto minha assim do lado de alguma coisa que eu nunca tirei. Eh... tirar foto com o próprio amigo... foi bom”.

“Na exposição... eu vi que nada... é tudo tipo... olhar de outra forma. é interagir com as pessoas... gostei de ver porque me lembra um momento alegre, não um momento triste. Sempre um momento que todo mundo sorriu... essas coisas assim”.

“Eu senti orgulho de mim. Cada foto maravilhosa que tirei... sério senti orgulho de mim. Não... da turma também, né. Porque todo mundo fez um trabalho muito bonito. Mas eu senti muito orgulho de mim” (Gabrielle).

“Senti como se fosse aqueles... aqueles caras que faz eh... arte. Aquelos homens... pô, manero”.

“Ter uma foto que eu tirei, numa exposição assim. Nunca tive nada meu assim numa exposição e tal... foi legal. Ter vista minha foto que eu mesmo tirei”.

“Passei ali vi a foto que tirei pendurada. Ah, eu gostei. Dá tipo um nervoso”. (Ramon).

Uma atenção especial precisa ser dada ao que essas falas revelam. E para isso retomaremos a fala de Freire (2003, p.16): “O homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns [...]”. Para muitos de nós, uma série de dificuldades que atravessam a caminhada do trabalho docente, sejam elas, a falta de recursos, o currículo obrigatório e de curta duração (das aulas de Artes) ou a falta de interesse dos estudantes, impede esse olhar e escutas mais atentas. E a dúvida sobre as possibilidades que puderam ser percebidas na pesquisa. Sendo assim, o protagonismo importa. Motivar as falas, ouvir e compartilhar histórias, provocar diálogos, interagir para conhecer. Um estímulo à produção de conhecimento e reconhecimento dos sujeitos como parte, além do sentimento de pertencimento.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, como resposta às inquietações da pesquisadora afirmam suas hipóteses. As imagens produzidas por meninas e meninos, do ensino fundamental de uma escola estadual em São João de Meriti apontou através das atividades desenvolvidas o quanto o estímulo à produções pode gerar conhecimento. Conhecimento em Arte e em outros campos. As respostas reveladas através de escutas e olhares ao que acontecia, indicam que a produção de imagens da escola e do lugar em que mora é capaz de potencializar o conhecimento em Arte. Entendo Arte como construção e expressão, como apresenta Alfredo Bosi foi possível perceber em todo trabalho o peso da afirmação. Construindo, os estudantes desenvolveram habilidades, descobriram suas potencialidades. Conheceram sobre o lugar, conheceram lugares, sobre o papel de lugares e de pessoas nesses lugares, conheceram sobre fotografia, se descobriram fotógrafos. Através das imagens que produziram do lugar foram capazes de discutir sobre responsabilidade social. Revelaram preocupação com o lugar. Pensaram em soluções. A transformação no olhar dos estudantes para o que está ao redor, um vislumbre da pesquisadora, foi percebida, senão a transformação, um começo dela. As falas, transcritas para a pesquisa revelam essa ideia. No entanto, as expressões de surpresa, ao rever a imagem aparecem na memória desta pesquisadora e a surpreendem.

O que a pesquisa leva-me a compreender é que o prazeroso também pode estar dentro da escola, que as buscas podem partir das relações estabelecidas nela e no lugar que se habita.

O que carrega uma imagem fotográfica?

Diante do que foi experimentado pode-se dizer que a resposta a essa pergunta está nas muitas narrativas sobre as pessoas, sobre os lugares e a escola; sobre a igreja da Matriz, sobre o horto, o campo, a Vila olímpica e a fábrica; sobre o lugar “feio” que fica bonito quando visto com outros olhos; sobre o que se tornou importante; sobre São João de Meriti e sobre o patrimônio que se começa a descobrir. Cabe também na resposta a aproximação no falar ao ouvido, o reconhecimento ao ver a beleza no trabalho do outro e perceber seu trabalho reconhecido – sinais da alteridade. A preocupação com os problemas da cidade – consciência social. O prazer de produzir – sinais de autoestima elevada. Revelados

em “Eu senti orgulho de mim”. O que carrega uma imagem fotográfica está expresso nas revelações dessa experiência.

Que os sujeitos da pesquisa saibam que a bagagem de vivência que carregam, importa. Que é possível construir conhecimento a partir dela. Que a fotografia do lugar que mora possa mostrar o que não era visto, o que passava despercebido por eles e por outros sujeitos daquele lugar. Onde agora olham pelo seu ponto de vista, pela escolha sua e do outro. Reconhecem-se no lugar porque resgatam memória através das imagens do lugar que passou, que brincou, que conversou etc. Se encontram naquele lugar. Lugar muitas vezes ignorado pelo próprio sujeito. Fotografar o lugar incentiva a conhecer a história desse lugar. Instiga a reflexão sobre seu papel, sua importância naquele espaço. Durante a exposição de imagens sobre a cidade, as crianças perguntavam, queriam saber sobre significados das coisas. Mas esse comportamento não deveria estar apenas em uma atividade de pesquisa para a academia. Deveria ser comum nas atividades diárias das aulas. O que falta para despertarmos essa vontade de ensinar e aprender? Não dá pra pensar em mudança pensando em atividades estanques, descontextualizadas. Será necessário mudar os modos de fazer em nossa prática cotidiana.

A pesquisa possibilitou a criação de um livreto. Material pedagógico que reúne atividades que possibilitam descobertas a partir da produção de fotografias dos lugares. Além do livreto, também foi produzido um documentário sobre São João de Meriti, resultante dos registros e descobertas proporcionados pela investigação. Embora não exclusivo, o material foi desenvolvido pensando, especialmente nos docentes dessa região. Com a proposta de pensar o lugar e de se reconhecer nele. Docentes e discentes.

Espera-se que a proposta contribua para aqueles que pretendem de alguma forma, ajustar laços e fazer dos conhecimentos trazidos, ou seja, das vivências de cada um, conhecimentos validos para novas produções, recriações e vivências e, além disso, possibilitar o aumento da autoestima das meninas e meninos de outros lugares.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. A.; GHIGGI, G. Pedagogia da alteridade: o ensino como condição ético-crítica do saber em Lèvinas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 119, p. 577 -591, abr./jun., 2012. Disponível em [http: <http://www.cedes.unicamp.br>](http://www.cedes.unicamp.br). Acesso em: 25 jul. 2015.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho – o cotidiano da escola nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs). **Pesquisa no / do cotidiano das escolas – sobre redes e saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, 2. ed. Metodologia e Pesquisa do cotidiano.

_____. **Pesquisar o cotidiano na lógica das redes cotidianas**. Disponível em: [<http:// www.cfch.ufrj.br/gtcurriculo/ >](http://www.cfch.ufrj.br/gtcurriculo/). Acesso em: 2 ago. 2015.

_____. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, n.23, Rio de Janeiro, maio/ago., 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782003000200005&lng=pt&nrm=isoível>. Acesso em: 26 abr. 2016.

ANDRADE, M. (org.). **A diferença que desafia a escola**. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.

ARAÚJO, H. M. M. **Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades**. 2012. 238f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BALLENGEE-MORRIS, C.; DANIEL, V. A. H.; STUHR, P. L. Questão de diversidade na educação e cultura visual: comunidade, justiça social e pós-colonialismo. In: BARBOSA, A. M. (Org.) **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, A. M. As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, A. M. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução por Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002. Série Pesquisa em Educação, v.3.

_____. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (Coord). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **O óbvio e o obtuso**. Portugal: Edições 70, 2014.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENCOSTTA, M. L. Memória e Cultura Escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. **História**, Franca, vol.30, n. 1, jan./jun., 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010190742011000100019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 5 ago. 2016.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, v.1).

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abril. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782002000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 jul. 2016.

BOSI, A. **Reflexões sobre a arte**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1**, artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução de Marina Appenzeller. 9. ed. São Paulo: Papyrus, 2006.

EFLAND, A. D. Imaginação na cognição: o propósito da arte. In: BARBOSA, A. M. (Org.) **Arte/Educação Contemporânea**: consonâncias internacionais. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

EISENSTEIN, S. **O Sentido do filme**. Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FERRAÇO, C. E. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisa no / do cotidiano das escolas** – sobre redes e saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F.R. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FOERSTER, H. Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem. In: Schnitman, Dora F. (Org). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FRANGE. L. B. P. Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões. In: BARBOSA, A. M. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

| FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. 12. ed. Paz e Terra. Biblioteca digital Paulo Freire, 2003.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. UAB/UFRGS; SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HORTA, M. L. P; GRUNBERG, E; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Iphan; Museu Imperial, 1999, p.6.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia**. São Paulo: Ateliê, 2007.

KRAMER, S. A educação como resposta responsável: apontamentos sobre o outro como prioridade. In: FREITAS, M. T. A. (Org.). **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LÉVINAS, E. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Tradução de Pergentino Stefano Pivatto. – Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

_____. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger** (1949). Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

_____. **Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade**. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Ediciones 70, 2000.

MACEDO, E. Currículo e conhecimento: aproximações entre educação e ensino. **Cadernos de Pesquisa**, v.42, n.147, p.716-737, set./dez. 2012.

MACHADO, A. **O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

MENESES, U. T. B. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-23, 2003.

_____. **O museu de cidade e a consciência da cidade**. Conferência proferida no encerramento do Seminário Internacional “Museu & Cidades”. 17 out. 2003.

NEVES, R. A.; DAMIANI, M. F. Vigotsky e as teorias da aprendizagem. **Unirevista**, vol.1, n.2, abril, 2006. Disponível em: <<http://www.miniweb.com.br/educadores/Artigos/PDF/vygotsky.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. Proj. História. São Paulo, dez. 1993.

NUNES, B. **Introdução à filosofia da arte**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

OLIVEIRA, E.R. **“Imagem eu sei ler e uso para escrever”**: um estudo do potencial da linguagem visual na elaboração do conhecimento na educação básica. 2006. 207 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estrado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, I. B. Espaços educativos cotidianos em imagens. In: OLIVEIRA, I. B.; SGARBI, P. (Orgs.). **Fora da escola também se aprende**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, R. P. Da universalização do ensino fundamental ao desafio da qualidade: uma análise histórica. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100, p. 661-690, out. 2007.

PLACER, F. G. O outro hoje: uma ausência permanentemente presente. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Orgs.). **Habitantes da babel**: políticas e poéticas da diferença. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

RAMOS, M. M. Fotografia e arte: demarcando fronteiras. **Contemporânea**, n. 12., 2009. Disponível: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/index>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

SAMAIN, E. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a Fotografia. Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

_____. Conferência realizada em parceria do LEPPAIS, com o Programa de Pós-graduação em Antropologia e o Centro de Artes, da UNICAMP. São Paulo, 18 fev. 2016. Disponível em: <<https://vimeo.com/search?q=Etienne+samain>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, T. T. Diferença e identidade: o currículo multiculturalista. In: SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed., 9ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. E-book.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1988.

UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris: UNESCO, 2003. Tradução: Brasília, 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores. Disponível em: <www.jahr.org>. Acesso em: 20 nov. 2015.

_____. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007 - Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

ANEXO A – Entrevistas - roteiros**Roteiro utilizado para orientar a entrevista diagnóstica realizada com os participantes da turma 703, 7º ano do Ensino Fundamental.**

Dados pessoais: nome e idade

1. Você gosta de vir para escola? O que o (a) motiva a vir?
2. Tem alguma atividade que você goste mais de fazer aqui (na escola)?
3. Tem alguma disciplina que você goste mais? Você sabe dizer por quê?
4. Você acha importante o que aprende na escola? Aprende com facilidade?
5. E em Arte, você tem afinidade com essa disciplina? Tem exemplo de uma atividade que tenha sido legal de fazer (algo que você tenha gostado de aprender)?
6. Com o que você aprendeu (em Arte) foi possível realizar alguma coisa fora da escola (em casa, com os amigos, nos lugares que frequenta)?
7. Você realiza alguma atividade fora da escola? Dentre estas, qual você faz com mais vontade?
8. Como você se diverte e com quem, geralmente?
9. Você costuma fotografar o que você faz e os lugares que você vai? Pode dar alguns exemplos do que você fotografa?
10. Você costuma se fotografar? E o que faz com sua imagem?
11. E fotografa outras pessoas? O que faz com essas imagens?
12. Com o que você fotografa?
13. (Dependendo da resposta anterior). Você acha que o celular e/ou a câmera fotográfica pode ser utilizado (a) nas atividades escolares?
14. Você conhece o bairro/a cidade que você mora? Qual o bairro e o que tem nele (como se diverte, o que visita etc.)?

(Caso diga que não conheça). Acha que seja possível conhecê-lo? Qual seria a melhor maneira?

Roteiro utilizado para orientar entrevistas dos alunos a outras pessoas (familiares, morador antigo do bairro, vizinho etc.)

Dados pessoais: nome

1. Qual o seu nome e há quanto tempo mora neste lugar?
2. Conhece algum patrimônio (um prédio, um objeto, um lugar) deste bairro/cidade?
3. Existem atividades culturais, gratuitas, para as pessoas, no seu bairro/cidade?

Roteiro utilizado para orientar a entrevista com as agentes de leitura do CIEP 389 Mario Lima.

Dados pessoais: nome

1. Desde quando trabalha nesta escola? Podem falar um pouco da escola e da vivência de vocês aqui?
2. A presença da escola no bairro mudou alguma coisa? Foi importante?
3. Vocês moram aqui em São João de Meriti?

Roteiro utilizado para orientar entrevistas dos alunos nas expedições (União futebol clube, Vila Olímpica e Horto Botânico).

Dados pessoais: nome

1. Quem procura esse lugar?
2. Quem tem acesso?
3. Vê importância na presença desse público? Pode dizer por quê?

Roteiro utilizado para orientar a entrevista após realização das atividades da pesquisa.

1. Você realizou atividades para uma pesquisa. A atividade estava relacionada a alguma (s) disciplina (s)? Qual ou quais?
2. Você fotografou tudo o que via ou fez escolhas antes?
3. Alguém interferiu em suas escolhas nas atividades (a professora, algum colega...)? Isso foi bom ou ruim?
4. Sentiu-se impossibilitado de realizar a atividade em algum momento?
5. Ao fotografar a escola e seu entorno, alguma imagem foi significativa para você? Por quê?
6. Alguma imagem produzida pelos seus colegas, da escola, foi significativa para você? Por quê?
7. Você pôde perceber algo além do que você já havia percebido antes de fotografar esses lugares? Pode dar exemplos?
8. Você acha que as atividades realizadas poderão ser repetidas por você quando estiver fora da escola? Será bom realizar algo parecido nos lugares que você frequenta?
9. As atividades realizadas ampliaram seu conhecimento em Arte ou em outra área (você sabe mais um pouco sobre algumas coisas, agora)?
10. Você achou importante ver e fotografar lugares que você conhecia e também os que você não conhecia? Sabe dizer por que foi importante?
11. O fato de você ter visto, explorado e fotografado os lugares, ter realizado atividades em grupo e individualmente pode ajudar nas demais atividades escolares?
12. Você pôde conhecer melhor o lugar onde você mora e onde a escola se localiza? Como isso foi possível?
13. Ver os colegas realizando a atividade fez você perceber alguma coisa?
14. Você consegue descrever o que sentiu quando viu suas produções em exposição na escola?

ANEXO B – Entrevistas - transcrições

Entrevista diagnóstica realizada com os participantes da turma 703, 7º ano do Ensino Fundamental.

Alexandre – 13 anos

- Você gosta de vir pra escola?
- Gosto
- O que o (a) motiva a vir?
- Estudar.
- Tem alguma atividade que você goste mais de fazer aqui (na escola)?
- Ciências.
- Sim. Mas quando você vem pra escola, o que você gosta mais de fazer?
- Conversar com meus amigos.
- Tem alguma disciplina que você goste mais? Você já falou, não é?
- É. Ciências.
- Por que você gosta de Ciências?
- Porque explica as coisas. Explica bastante como é o ser humano, como formou a Terra.
- E você acha importante o que se aprende na escola?
- Sim.
- E você aprende com facilidade?
- Sim. Aprendo.
- E em Arte, você tem afinidade?
- Gosto bastante.
- Tem exemplo de alguma atividade que tenha sido legal de fazer?
- Teve uma vez um trabalho que teve que fazer uma escultura.
- E quando você aprendeu a fazer essa escultura, por exemplo, você conseguiu reproduzir em casa?
- Aham.
- Então uma coisa que você aprende na escola pode fazer fora da escola também?
- Uhum.
- Você realiza alguma atividade fora da escola?
- Realizo.
- Dentre estas, qual você faz com mais vontade?
- Fora da escola? Eu gosto muito de jogar bola.
- Como você se diverte e com quem, geralmente?
- Com meus amigos. Conversando, jogando.
- Você costuma fotografar o que você faz e os lugares que você vai?
- Não, não gosto. (Balança a cabeça em sinal negativo).
- Não fotografa nada? Não utiliza o celular?
- Utilizo, mas eu não gosto muito de ficar tirando foto não.
- Mas você gostaria de experimentar?
- (Sorri).

- Usar a câmera, o celular, na escola pra fotografar, pra fazer alguma atividade. Você acha que isso seria possível, seria legal?
- É. Porque tem pessoa que gosta, né, mas tem pessoa que não gosta.
- Você conhece o bairro que mora?
- Hã?
- Conhece bem, conhece a história dele?
- A história? Conheço, eu vivo lá há muito tempo.
- Qual o bairro?
- Eu moro na Vila Norma.
- Como você se diverte? O que tem na Vila Norma pra fazer?
- (entre um sorriso discreto). Pouca coisa. Vou pra quadra com meus amigos, vou... vou pra poucos lugares lá, não gosto muito de sair de casa, não.
- Acha que seja possível conhecer?
- Acho que é possível.
- Você uma ideia de qual seria a melhor maneira?
- Pesquisando.

Ana Beatriz – 15 anos

- Você gosta de vir para escola?
- Gosto.
- O que a motiva vir pra escola?
- Não gostar de ficar em casa. Minha mãe fica me enchendo o saco.
- Isso te motiva?
- Me motiva. Acho que por isso que vim pra essa aula.
- Tem alguma atividade que você goste mais de fazer aqui na escola?
- Arte.
- E você sabe por quê?
- Porque eu gosto de pintar.
- Você acha importante o que aprende na escola?
- Aprende com facilidade?
- Sim.
- Você aprende com facilidade?
- Dependendo da matéria, sim.
- Tem exemplo de alguma coisa na escola que tenha sido legal de fazer (algo que você tenha gostado de aprender)?
- Lembro. Desenho livre. É. (com certa ironia enquanto olha pra colega que filma).
- E você realiza atividades fora da escola?
- Sim.

- Das atividades que você faz fora da escola. Qual você faz com mais vontade. Fora da escola. Qualquer coisa que você goste de fazer.
- Ficar tentando falar inglês. Eu gosto. É maneiro *fessora*.
- Como você se diverte e com quem, geralmente?
- É só assim que você se diverte ou sai vai em algum lugar?
- Tentando falar os negócios em inglês, *fessora*. Minha não entende nada. (rindo).
- Você costuma fotografar o que você faz e os lugares que você vai? Pode dar alguns exemplos do que você fotografa?
- Aham. Com certeza.
- O que você fotografa?
- Eu, que sou linda (risos).
- E o que você faz com sua foto?
- Posto. No facebook.
- E fotografa outras pessoas? O que faz com essas imagens?
- Eu mando pra elas, se elas se elas me pedir. Postar no meu facebook, eu não posto não.
- Com o que você fotografa?
- Com o celular, as vezes câmera.
- Você acha que o celular e/ou a câmera fotográfica pode ser utilizado (a) nas atividades escolares? (Se tivesse alguma atividade na escola que utilizasse a câmera, ou celular?).
- Adoraria.
- Você conhece o bairro/a cidade que você mora?
- Aham.
- Você conhece a história dele?
- Ah, isso aí nem tanto. Só sei que ele era de mato.
- Qual é o bairro?
- Vila Norma.
- E que tem lá nesse bairro?
- Hi, não tem nada, professora.
- Será?
- Tem nada. Bom, tem igreja lá que eu vou. Mas tirando isso, mais nada. E as lanchonetes que vou pra comer, com certeza.
- Você acha possível, então, conhecê-lo?
- Acho. Eu já tentei, já. Só que é muito difícil. É muito feio entender essa história. Bairro feio, horroroso. Gostei não.

Davi – 13 anos

- Você gosta de vir para escola?
- Não.
- O que o (a) motiva a vir?

- Ah, quando as vezes não tem nada pra eu fazer em casa.
- Tem alguma atividade que você goste mais de fazer na escola?
- Educação física.
- Por quê?
- Porque tem futebol, basquete e eu gosto.
- Mas, ficar na sala, estudando...
- Não gosto muito, não.
- Mas em educação física você também está estudando, não é?
- É.
- Você acha importante o que aprende na escola? Aprende com facilidade?
- (Balança a cabeça em sinal afirmativo). Um pouco.
- E em Arte, você tem afinidade com essa disciplina?
- Eu gosto de desenhar.
- Com o que você aprendeu (em Arte) foi possível realizar alguma coisa fora da escola?
- (Balança a cabeça em sinal afirmativo).
- Você realiza alguma atividade fora da escola?
- (Balança a cabeça em sinal afirmativo).
- Dentre estas, qual você faz com mais vontade?
- Jogo basquete.
- Como você se diverte e com quem, geralmente?
- Com minha família, com meus amigos.
- Você costuma fotografar o que você faz e os lugares que você vai?
- (Balança a cabeça em sinal afirmativo).
- O que você costuma fotografar?
- Eu, minha família, meus amigos.
- O que faz com sua foto?
- Coloco no facebook (as dele).
- E fotografa das outras pessoas? O que faz com elas?
- Algumas eu posto também.
- Quais você posta?
- As melhores.
- Com o que você fotografa?
- Celular.
- Você acha que o celular e/ou a câmera fotográfica pode ser utilizado (a) nas atividades escolares?
- Acho.
- Você conhece o bairro/a cidade que você mora?
- (Balança a cabeça em sinal afirmativo). Pouquinho.
- Qual o bairro?
- Éden

- O que tem no bairro pra se divertir?
- Nada (sorriso).
- Você acha que seja possível conhecer esse bairro?
- Acho.
- Qual seria a melhor maneira?
- Andando.

Deborah – 13 anos

- Você gosta de vir para escola?
- Não. Odeio. (sorrindo).
- O que o (a) motiva a vir?
- O único dia que eu gosto de ir pra a escola é o dia que eu saio cedo. Só.
- Tem alguma atividade que você goste mais de fazer aqui na escola?
- Gosto de fazer física. Porque Educação física é a única aula que não tenho que ficar escrevendo. Só quando tem trabalho. Não tem que ficar trancada na sala de aula fazendo uma coisa que não gosto.
- Você acha importante o que aprende na escola?
- Sim. Senão não estaria aqui.
- Aprende com facilidade?
- Se eu prestar atenção na matéria...
- Você costuma prestar atenção?
- Dependendo da matéria e de quem está do meu lado, sim (sorri).
- E em Arte, você tem afinidade com essa disciplina? Tem exemplo de uma atividade que tenha sido legal de fazer (algo que você tenha gostado de aprender)?
- Tipo, conhecer eu não conheço muito, não. Mas no outro colégio, sem ser aqui. No colégio que eu estudei. Teve uns trabalhos com Arte que eu gostei. A gente conheceu Monalisa, alguns artistas e eu gostei bastante.
- Com o que você aprendeu (em Arte) foi possível realizar alguma coisa fora da escola?
- Quando a professora, não foi esse ano, não foi aqui. Quando a professora passou um trabalho. Coisa que a gente não precisa mais. Tipo o que fez, não sei explicar. Pra fazer de novo e ficar mais bonito, pra ser utilizado. Eu consegui fazer em casa.
- Você realiza alguma atividade fora da escola? Dentre estas, qual você faz com mais vontade?
- Sim. Qualquer coisa não esteja dentro de casa ou da escola, pra mim tá bom. Eu faço com maior prazer.
- Como você se diverte e com quem, geralmente?
- Quando estou com meus amigos. Fazendo alguma coisa que eu gosto.
- Você costuma fotografar o que você faz e os lugares que você vai? Pode dar alguns exemplos do que você fotografa?

- Dependendo do lugar, sim. Paisagens. Algum momento que eu acho bonito. Eu tiro foto espontânea. Momento que eu acho bonito, assim, eu pego e fotografo.
- Você costuma se fotografar? E o que faz com sua imagem?
- Bastante. Dependendo da foto, se eu gostar, as vezes posto no instagram, no facebook ou deixo guardado.
- E fotografa outras pessoas? O que faz com essas imagens?
- Sim. Se for uma pessoa muito íntima da família, sim. Dependendo da foto eu guardo ou posto, se a pessoa deixar...
- Com o que você fotografa?
- Depende. Celular, câmera...
- Você acha que o celular e/ou a câmera fotográfica pode ser utilizado (a) nas atividades escolares?
- Sim. Acho que seria bem melhor. Uma dinâmica diferente do que a gente está acostumado.
- Você conhece o bairro/a cidade que você mora?
- Um pouco.
- Qual o bairro?
- Éden.
- O que tem pra fazer em Éden?
- Aqui? Já teve mais. Agora tem mais violência do que outra coisa. Mas tem umas praças, sábado a gente fica na praça, a maioria das pessoas ficam lá. Quando a gente sai, tem algumas pessoas que a gente encontra. Aqui como é um bairro pequeno, a maioria é tudo conhecido, então a gente sempre encontra gente na rua. É a única coisa também.
- Acha que seja possível conhecê-lo? Qual seria a melhor maneira.
- Sim. Andando por aí. Aí você conhece melhor.

Dhandara – 13 anos

- Você gosta de vir para escola?
- Gosto.
- O que o (a) motiva a vir?
- As amigas (sorrindo)
- Tem alguma atividade que você goste mais de fazer na escola?
- Não.
- Nada?
- Ah, conversar, tirar foto.
- Tem alguma disciplina que você goste mais?
- Ciências
- Por quê?
- Porque eu quero ser médica.
- Você acha importante o que aprende na escola?
- Sim.

- Aprende com facilidade?
- Um pouco
- E em Arte, você tem afinidade com essa disciplina?
- Mais ou menos.
- Tem exemplo de uma atividade que tenha sido legal de fazer?
- Sim.
- Com o que você aprendeu foi possível realizar alguma coisa fora da escola?
- Não.
- Você realiza alguma atividade fora da escola?
- Sim.
- Dentre estas, qual você faz com mais vontade?
- Ler.
- Como você se diverte e com quem, geralmente?
- Ah, saindo, no shopping, ficar na rua conversando com as amigas.
- E você costuma fotografar o que você faz e os lugares que você vai?
- Bastante.
- Pode dar alguns exemplos do que você fotografa?
- Ah, se eu viajar, ir num lugar bonito. Se eu vejo um lugar bonito eu fotografo.
- Você costuma se fotografar?
- Bastante.
- E você faz o que com sua foto?
- Posto nas redes sociais.
- E fotografa outras pessoas?
- Sim.
- O que faz com essas fotos?
- Posto.
- Você pede as pessoas para postar as fotos?
- Peço.
- Com o que você costuma fotografar?
- Celular.
- Você acha que o celular e/ou a câmera fotográfica pode ser utilizado nas atividades escolares?
- Sim.
- Você conhece o bairro/a cidade que você mora?
- Sim.
- Qual o bairro?
- Vila Tiradentes.
- O que tem pra se divertir na Vila Tiradentes?
- Nada.
- Você acha que seja possível conhecê-lo?

- Sim.
- Qual seria a melhor maneira?
- Andar pelos lugares, explorar mais.

Gabriel – 12 anos

- Você gosta de vir para escola?
- Gosto.
- O que o (a) motiva a vir?
- Minha mãe.
- Tem alguma atividade que você goste mais de fazer na escola?
- Educação física... História. Matemática.
- O que você gosta mais de fazer na escola?
- De fazer na escola, educação física.
- Você sabe dizer por quê?
- Eu acho legal aprender.
- Você acha importante o que aprende na escola?
- Acho.
- Aprende com facilidade?
- Mais ou menos.
- E em Arte, você tem afinidade com essa disciplina?
- Eu gosto.
- Tem exemplo de uma atividade que tenha sido legal de fazer ou aprender?
- Aprender as formas geométricas, desenhos.
- Com o que você aprendeu em Arte foi possível realizar alguma coisa fora da escola?
- Não.
- Você realiza alguma atividade fora da escola?
- Não. Fico dentro de casa mesmo, vou pra rua.
- Dentre estas, qual você gosta mais de fazer?
- Ir pra rua.
- Como você se diverte?
- Jogando bola, vídeo game, mexendo no celular.
- Você costuma fotografar o que você faz e os lugares que você vai?
- Costumo.
- Pode dar alguns exemplos do que você fotografa?
- Eu fotografo estátua, paisagem, lugares onde eu vou, tiro foto. Só.
- Você costuma se fotografar?
- Uhum. Costumo.
- E o que faz com sua imagem?
- Eu salvo e boto na internet. Facebook.

- E fotografa outras pessoas?
- Fotografo.
- O que faz com as fotos?
- Eu edito, boto no face.
- Com o que você fotografa?
- Coma máquina, com celular.
- Você acha que o celular e/ou a câmera fotográfica pode ser utilizado (a) nas atividades escolares?
- Acho que pode.
- Você conhece o bairro/a cidade que você mora?
- Conheço. Mais ou menos.
- Qual o bairro?
- Éden.
- Conhece a história desse bairro?
- Não.
- Acha que seja possível conhecê-lo?
- Acho que seria.
- Qual seria a melhor maneira?
- Eu fico pensando, mas...

Gabrielle – 13 anos

- Você gosta de vir para escola?
- Às vezes
- O que o (a) motiva a vir?
- Porque se eu não vier pra escola eu não vou ter futuro.
- Tem alguma atividade que você goste mais de fazer na escola?
- Eu gosto de conversar.
- Tem alguma disciplina que você goste mais?
- Português, inglês e artes.
- Você sabe dizer por quê?
- Porque são as que eu aprendo com mais facilidade e que me interessam.
- Você acha importante o que aprende na escola?
- Acho.
- Aprende com facilidade?
- Não, nem todos. Mas as que eu falei são as que eu consigo aprender mais fácil.
- Tem exemplo de uma atividade que tenha sido legal de fazer?
- Tem. Ó, gostei muito de fazer mosaico. Releitura, ampliação.
- Com o que você aprendeu foi possível realizar alguma coisa fora da escola?
- Sim. Releitura eu fiz na escola e depois eu fui fazendo em casa.
- Você realiza alguma atividade fora da escola?

- A única atividade que eu faço quando saio da escola é ficar lendo livros.
- Como você se diverte?
- Saindo com a família.
- Você costuma fotografar o que você faz e os lugares que você vai?
- Costumo.
- Pode dar alguns exemplos do que você fotografa?
- Quando eu viajo pra algum lugar bonito eu gosto de tirar foto do que tem no lugar.
- Você costuma se fotografar?
- Muito.
- E o que faz com suas fotos?
- Eu posto nas redes sociais.
- E fotografa outras pessoas?
- Sim.
- O que faz com as fotos?
- Quando eu tiro foto com as pessoas, eu posto.
- Com o que você fotografa?
- Celular.
- Você acha que o celular e/ou a câmera fotográfica pode ser utilizado (a) nas atividades escolares?
- Pode.
- Seria bom?
- Seria.
- E geralmente é utilizado em atividades escolares?
- Não.
- Você conhece o bairro/a cidade que você mora?
- Conheço.
- Conhece bem?
- Conheço.
- O que tem no bairro?
- Nada que preste. Pode até ter em bairros vizinhos, mas onde eu moro, nada.
- Qual é o bairro?
- Vila Tiradentes.
- Acha que seja possível conhecer o bairro, sua história?
- (Balança a cabeça em sinal afirmativo)
- Qual seria a melhor maneira?
- Visitando as partes que eu não costumo visitar de onde eu moro. Só pra eu entender um pouco.

Letícia – 15 anos

- Você gosta de vir para escola?
- Não. Tenho preguiça.

- Não tem nada que te motiva a vir?
- Tem. Quero aprender pro meu futuro.
- Tem alguma atividade que você goste de fazer na escola?
- Atividade física mas sala de aula, só história e ciências.
- Você sabe dizer por quê?
- Porque em história a gente pode saber do passado das coisas, como está acontecendo hoje em dia. Em ciências você pode saber mais sobre a terra, o corpo humano.
- Você acha importante o que aprende na escola?
- Muito.
- Aprende com facilidade?
- Não.
- E em Arte, você tem afinidade com essa disciplina?
- Não. Eu gosto, mas não tenho afinidade não.
- Tem exemplo de uma atividade que tenha sido legal de fazer?
- Não.
- Mas você aprendeu alguma coisa em artes, não aprendeu? O que você aprendeu, você conseguiu repetir fora da escola?
- Não me lembro.
- Você realiza alguma atividade fora da escola?
- (Balança a cabeça em sinal afirmativo).
- O que você faz?
- Fico mexendo no celular
- O que você mais gosta de fazer?
- Mexer no celular.
- Como você se diverte?
- Mexendo no celular (risos).
- Você gosta de fotografar?
- Gosto.
- Pode dar alguns exemplos do que você fotografa?
- A mim, minha família, paisagem.
- Então você se fotografa? O que faz com sua fotografia?
- As ficam na minha galeria e as vezes eu posto.
- E fotografa outras pessoas, não é? O que faz com as fotos dessas pessoas?
- Quem eu fotografo ou é da minha família ou são meus amigos, aí eu deixo guardado ou eu posto.
- Você pergunta pra eles antes de postar?
- Claro.
- Com o que você fotografa?
- Com celular.
- Você acha que o celular e/ou a câmera fotográfica pode ser utilizado (a) nas atividades escolares?

- Uhum.
- Você conhece o bairro/a cidade que você mora?
- Mais ou menos. A história não.
- Qual o bairro?
- Grande Rio.
- Você anda pelo bairro?
- Já andei. Agora não. Tá perigoso.
- Acha que seja possível a gente conhecer a história do lugar, conhecer o lugar?
- Acho.
- Qual seria a melhor maneira?
- Pesquisando, conversando com os moradores daqui.

Livia – 13 anos

- Você gosta de vir para escola?
- Não.
- Não tem nada que a motiva vir pra escola?
- Eu venho pra escola porque sou obrigada.
- Tem alguma atividade na escola que você goste de fazer?
- (Balança a cabeça em sinal negativo)
- Tem alguma disciplina que você goste mais?
- Tem. Educação física.
- Por quê?
- Porque eu jogo queimado.
- Você acha importante o que aprende na escola?
- Acho.
- Aprende com facilidade?
- Não. (sorri).
- E em Arte, você tem afinidade com essa disciplina?
- Eu gosto um pouco.
- Você lembra alguma atividade que você tenha feito e gostado?
- Não.
- Você realiza alguma atividade fora da escola?
- Não. Nada.
- Como você se diverte e com quem, geralmente?
- Ah, eu fico na rua conversando com meus amigos.
- Você costuma sair com a família?
- Saio.
- E você não se diverte desse jeito?
- Me divirto. (com expressão séria)

- Você costuma fotografar o que você faz e os lugares que você vai?
- Não.
- Você gosta de fotografar?
- (Balança a cabeça em sinal afirmativo).
- O que você costuma fotografar?
- Eu. (sorri).
- E o que faz com sua imagem?
- Edito e coloco na rede social.
- E fotografa outras pessoas?
- Meus amigos.
- O que faz com as fotos deles?
- Edito a foto deles e mando pra eles.
- Com o que você fotografa?
- Com celular.
- Você acha que o celular e/ou a câmera fotográfica pode ser utilizado (a) nas atividades escolares?
- Pode.
- Você conhece o bairro/a cidade que você mora?
- Conheço.
- O que tem pra fazer nele?
- Nada.
- Qual o bairro?
- É na barreira.
- O nome do bairro é barreira mesmo?
- (Balança a cabeça em sinal afirmativo e ri)
- Qual o nome do bairro?
- (Balança a cabeça em sinal negativo e ri). Uma colega responde por ela.
- Éden.
- Mas o que é a barreira?
- É uma rua.
- E o que tem pra se divertir?
- Nada.
- Acha que seja possível conhecer o bairro?
- Acho.
- Qual seria a melhor maneira?
- Não sei.

Raysha – 13 anos

- Você gosta de vir para escola?
- Não.

- Tem alguma coisa que te motiva vir pra escola?
- Algumas pessoas.
- Tem alguma atividade que você goste mais de fazer na escola?
- Não.
- Tem alguma disciplina que você goste mais?
- História e inglês.
- Você sabe dizer por quê?
- História eu acho muito interessante. inglês porque, eu gosto de inglês.
- Você acha importante o que aprende na escola?
- Sim. Bastante.
- Aprende com facilidade?
- Só um pouquinho.
- E em Arte, você tem afinidade com essa disciplina?
- Ah, gosto bastante.
- Tem alguma atividade que você tenha feito e sido legal de fazer?
- Não me lembro.
- Você realiza alguma atividade fora da escola?
- Sim.
- Dentre estas, qual você gosta mais de fazer?
- Sair pra lanche.
- Como você se diverte e com quem, geralmente?
- Indo pra festas.
- Você costuma fotografar o que você faz e os lugares que você vai?
- Não. Só de mim mesma.
- E o que faz com sua foto?
- Ah, eu edito, posto em algumas redes sociais. Ou então, as vezes, deixo guardadas no meu celular.
- E fotografa outras pessoas?
- Sim.
- O que faz com elas?
- Zouo (zoar). Eu zouo a foto deles (ri).
- Por que você faz? Eles permitem?
- Não.
- Com o que você fotografa?
- Com meu celular. É mais prático.
- Você acha que o celular e/ou a câmera fotográfica pode ser utilizado (a) nas atividades escolares?
- Acho que poderia sim.
- E o bairro, você conhece o bairro que você mora?
- Sim.

- Qual o bairro?
- Éden.
- O que tem de bom em Éden?
- Nada. Absolutamente nada.
- Como as pessoas se divertem no bairro?
- Não dá pra se divertir. A única coisa que dá pra você fazer é sair ou lanchar. Ou então ir pra outros lugares. Porque ali mesmo não dá pra se divertir.
- Acha que seja possível conhecer o bairro?
- É. Não.
- Por quê?
- Porque é horrível.
- Você acha, então, que as pessoas não se interessariam?
- É.

Sarah – 12 anos

- Você gosta de vir para escola?
- Mais ou menos.
- O que o (a) motiva a vir?
- Pelo futuro, que vem à frente.
- Tem alguma atividade que você goste mais de fazer na escola?
- Estudar ciências.
- Você sabe dizer por quê?
- Porque eu quero estudar medicina.
- Você acha importante o que aprende na escola?
- Sim.
- Aprende com facilidade?
- Sim.
- E em Arte, você tem afinidade com essa disciplina?
- Sim. Eu sei um pouco desenhar. Só um pouco.
- Tem exemplo de uma atividade que tenha sido legal de fazer em arte?
- Desenhos. Desenhos artísticos, esculturas.
- Com o que você aprendeu (em Arte) foi possível realizar alguma coisa fora da escola ?
- Sim.
- Você realiza alguma atividade fora da escola?
- Sim.
- Dentre estas, qual você faz com mais vontade?
- Tocar piano.
- Como você se diverte e com quem, geralmente?

- Na casa das amigas. Saindo no final de semana. Sexta-feira também, que eu mais gosto. Que eu saio bastante.
- Você costuma fotografar o que você faz e os lugares que você vai?
- Sim.
- Pode dar alguns exemplos do que você fotografa?
- Paisagem quando viajo e minha família, meus parentes.
- Você costuma se fotografar?
- Sim, bastante.
- E o que faz com sua foto?
- Posto no face.
- E fotografia das outras pessoas?
- Também posto no face.
- Você pede a ela pra postar??
- Não. Tipo, ninguém pede pra mim, também não vou pedir.
- Com o que você fotografa?
- Com celular, notebook.
- Você acha que o celular e/ou a câmera fotográfica pode ser utilizado (a) nas atividades escolares?
- Sim. Deveria.
- Você conhece o bairro/a cidade que você mora?
- Mais ou menos.
- Qual o bairro?
- Éden.
- O que tem lá pra fazer?
- Nada.
- Acha que seja possível conhecê-lo?
- Eu acho que as pessoas não se interessariam.
- Mas se fosse possível conhecer, qual seria a melhor maneira?
- Sei lá. Fazendo algum evento para as pessoas se interessar mais. Ou colocar temas, coisas do próprio bairro.

Thamyres – 12 anos

- Você gosta de vir para escola?
- Gosto.
- O que o (a) motiva a vir?
- Não sei. Pra aprender, né?
- Tem alguma atividade que você goste mais de fazer na escola?
- Não.
- Tem alguma disciplina que você goste mais?
- Inglês.

- Você sabe dizer por quê?
- Porque é uma língua diferente.
- Você acha importante o que aprende na escola?
- Sim.
- Aprende com facilidade?
- Mais ou menos. Algumas matérias sim.
- E em Arte, você tem afinidade com essa disciplina?
- Tenho.
- Tem exemplo de uma atividade que tenha sido legal de fazer em arte?
- Tenho. Ano passado, com a professora, que nós fizemos uns instrumentos de reciclagem.
- Com o que você aprendeu você utilizou fora da escola?
- Não.
- Mas seria possível?
- Acho que sim.
- Você realiza alguma atividade fora da escola?
- Não.
- Como você se diverte e com quem, geralmente?
- De jeito nenhum.
- E você costuma fotografar?
- Sim.
- Pode dar alguns exemplos do que você fotografa?
- Quando eu saio, eu tiro fotos de mim, dos meus parentes.
- E o que faz com sua foto?
- Posto.
- E a fotografia das outras pessoas?
- Não. Só posto foto minha.
- Com o que você fotografa?
- Telefone.
- Você acha que o celular e/ou a câmera fotográfica pode ser utilizado (a) nas atividades escolares?
- Não.
- Não pode...
- Não pode e também eu não gostaria.
- Você acha que não é legal utilizar?
- Não é legal.
- Você conhece o bairro que você mora?
- Não.
- Qual o bairro?
- Éden.
- Mas você sabe como se diverte lá?

- Não.
- Acha que seja possível conhecê-lo?
- Sim.
- Qual seria a melhor maneira?
- Andando por ele.

Thyanne – 12 anos

- Você gosta de vir para escola?
- Gosto.
- O que o (a) motiva a vir?
- As amigadas.
- Tem alguma atividade que você goste mais de fazer aqui (na escola)?
- Não.
- Tem alguma disciplina que você goste mais?
- História.
- Você sabe dizer por quê?
- Porque o professor é muito legal (ri).
- Você acha importante o que aprende na escola?
- Acho.
- Aprende com facilidade?
- (Balança a cabeça com sinal afirmativo).
- E em Arte, você tem afinidade com essa disciplina?
- Não.
- Não gosta nem um pouquinho?
- Não.
- Sabe dizer por quê?
- Não aprendi nada. A professora não explicou nada, não ensinou.
- Mas em nenhum ano escolar?
- Foi na de música. No ano passado.
- Tem exemplo de uma atividade que tenha sido legal de fazer?
- O negócio de instrumentos. De reciclagem.
- Com o que você aprendeu foi possível realizar alguma coisa fora da escola?
- Consigo.
- Mas chegou a fazer?
- Cheguei.
- Você realiza alguma atividade fora da escola?
- (Balança a cabeça com sinal negativo).
- Não faz nada fora da escola?
- Ah, faço.

- Dentre estas, qual você faz com mais vontade?
- Ir pra rua, ficar mexendo no telefone.
- Como você se diverte geralmente?
- Saio com as amigas.
- Você faz alguma coisa com a família?
- Sair.
- Você costuma fotografar o que você faz e os lugares que você vai?
- (Balança a cabeça com sinal afirmativo). Muito.
- Pode dar alguns exemplos do que você fotografa?
- Quando eu vou sair pra algum lugar eu tiro foto, assim, do lugar.
- Então você costuma se fotografar?
- (Balança a cabeça com sinal afirmativo).
- E o que faz com as fotos?
- Boto no face.
- E fotografa outras pessoas?
- (Balança a cabeça com sinal afirmativo). Uhum.
- O que faz com as fotos delas?
- Eu posto também.
- Você pergunta pra elas se pode postar?
- Não, eu que tiro e elas pedem pra eu postar.
- Com o que você fotografa?
- Com celular.
- Você acha que o celular e/ou a câmera fotográfica pode ser utilizado (a) nas atividades escolares?
- Pode.
- Você conhece o bairro que você mora?
- Conheço. Muito não.
- Conhece a história do bairro?
- (Balança a cabeça com sinal negativo).
- Qual o bairro?
- São João.
- É no Centro ou em Éden, Vila Tiradentes...?
- Éden.
- O bairro é Éden.
- Acha que seja possível conhecê-lo?
- Uhum.
- Qual seria a melhor maneira?
- Indo nos lugares.

Entrevista de Letícia Llouveras à familiares (mãe e pai).

- Qual o seu nome e há quanto tempo mora neste lugar?
 - Simone. Nome todo?
 - Não precisa não.
 - Moro aqui há 40 anos.
 - Como era o bairro quando chegou aqui?
 - Poucas casas, não existia o CIEP, era um terreno baldio, não tinha ruas asfaltadas era tudo rua de barro, vala negra.
 - Conhece algum patrimônio importante, algum prédio, um lugar?
 - Em São João de Meriti ou aqui no bairro?
 - Pode ser em São João de Meriti.
 - Tem a Igreja da Matriz, no colégio Fluminense ali era um cemitério antigamente, ainda existem ainda as caixinhas com os ossos.
 - Você guarda algum objeto que tenha importância?
 - Teu cordão umbilical, mas nem sei onde tá mais.
 - Tá comigo. (risos)
 - É... existe alguma atividade cultural e gratuita aqui no bairro?
 - Que eu saiba, não.
 - Você acha que deveria mudar alguma coisa no bairro?
 - Muita coisa. Segurança, saúde, educação tá uma porcaria.
-
- Qual o seu nome e há quanto tempo mora aqui?
 - Meu nome é Carlos Roberto e moro aqui há 22 anos.
 - Como era o município quando você chegou aqui?
 - Hã?
 - Como era o município ou o bairro quando você chegou aqui?
 - Tá do mesmo jeito.
 - Tá?
 - Tá.
 - Ela falou aqui não tinha o CIEP, a rua era de barro...
 - Só tinha uma praça aqui, hoje é uma quadra.
 - Chegou aqui quando estava tudo pronto já?
 - Era praça.
 - Tá.
 - Conhece algum patrimônio importante, um prédio...?
 - Conheço prédios. Tem o da prefeitura, o Fórum.
 - Você guarda algum objeto que tenha alguma importância?
 - Não.

- É... Existe atividade cultural grátis para as pessoas do município?
- No município? Não. Que eu saiba não.
- O senhor gostaria que mudasse alguma coisa aqui. Gostaria de relatar?
- Sim. Gostaria que mudasse tudo. Que os hospitais funcionassem, que as escolas funcionassem, tivesse segurança...
- É isso que o senhor te a dizer sobre o seu bairro hoje em dia?
- Meu bairro está entregue às moscas.
- Tá abandonado?
- O prefeito não faz obra, só tem corrupto na política, um bando de mentirosos. Prometem as coisas e não fazem.
- Obrigada.

Entrevista no União Futebol Clube

Entrevistado: Evanir

- Meu nome é Evanir e trabalho aqui há uns treze anos.
- O que era aqui antes?
- Antes isso aqui era... dizem, né. Não cheguei a pegar o começo, não. Mas dizem que isso aqui era um terreno vazio. Aqui eu cheguei a lembrar esse pedaço aqui, era uma lagoa, um brejo, né. Aí começaram a jogar terra, terra. Nesse aqui (apontando os campos, que são três). Esse, foi até os mineiros que começaram a cavar, separar cortar as matas. Aí fizeram lá meio, ele é dividido do meio ali. No meiozinho, um buraquinho, aí botaram, duas madeiras, um estradozinho e dali começou. E esse aqui demorou depois de uns dez anos que começaram a jogar aterro. Era uma área toda vazia. Inclusive ali onde é o Mario Lima era uma área toda vazia.
- O senhor está aqui desde essa época, do vazio?
- Eu moro aqui em São João a quase cinquenta anos. Quase a minha idade. Eu vim pra cá com sete anos.
- Há quanto tempo o clube existe?
- Foi fundado em 1981.
- Quais atividades acontecem aqui?
- Aqui trabalha-se especificamente com futebol. Hoje, não tá muito assim fluente, não. Mas há um tempo atrás, até dois, três anos atrás estava bem fluente. Tinha feminino, futebol de criança, escolinha, entendeu? E adulto, veterano, pessoas de idade também jogam. Tínhamos o feminino, mas o pessoal acabou desistindo. Não tinha muito incentivo. Aí elas acabaram desanimando.
- Quem tem acesso?
- Como tem dois campos, aos sábados, o rapaz que faz a administração, seu Valmir, ele sempre mantém um campo com os horários sempre vazios. Justamente para os garotos aqui da comunidade brincar, pro lazer, né. Os pais trazem as crianças pra brincar, uns garotos vem jogar bola, vem pra soltar pipa também.
- Olhando de fora não percebemos a dimensão desse espaço.

- São dois campos de futebol e os dois tem tamanho oficial. Sendo que aquele ali é um pouquinho maior, entendeu? O espaço pertence a mesma família até hoje.
- O senhor acha importante a presença do público? Pode dizer por quê?
- Acho que tem sim. Tem, tem importância sim. Às vezes, aqui, tem época que eles montam as competições, campeonatos, né, de futebol. Aí o que acontece, vem equipes, times de outros bairros, de bairros vizinhos, dentro aqui de São João, vem até de fora, convidados, até de Nova Iguaçu, Mesquita, vem até aqui, entendeu? Aí essa integração com o futebol, tem muito. E toda vez que tem competição isso aqui fica lotado de gente.
- Tem muitas coisas no nosso município que as crianças não sabem ou não tem acesso. Não é verdade?
- Tem que passar pra eles, procurarem na internet pra ver São João. Tem coisa bonita em São João é que a gente não sabe. Tem ponto turístico, só não sei onde é (risos). Tem coisa esquisita, mas tem coisa boa. Tem tanta gente boa que mora em São João. Olha, quando tiver umas garotas que queiram jogar um futebol, arruma um time lá.
- Precisa pagar?
- Quando é time, campeonato assim, paga uma taxa, pra manter, né? Mas assim da comunidade, não tem problema.
- Muito obrigada. Foi muito saber essas coisas.

Entrevista na Vila Olímpica

Entrevistada: Neli

- Há quanto tempo trabalha aqui?
- Trabalho há 16 anos.
- Há quanto tempo a Vila existe?
- Desde 1996.
- Quais atividades acontecem aqui?
- Olha, as atividades, atualmente, atualmente a Vila Olímpica não está funcionando à pleno vapor. Atualmente nós temos o jiu-jitsu, a capoeira, MMA, judô e a ginástica, não é a ginástica olímpica, é destinada a terceira idade, mas todas as idades fazem. Nós temos isso de manhã e temos à noite. De manhã enche mais.
- Quem procura esse lugar?
- Quem queira praticar esportes.
- O pessoal do bairro procura?
- Procura. Não só do lugar. Todo o município. A Vila Olímpica é do município. Então vem gente de todo lado.
- Quem pode frequentar?
- Todos podem frequentar. É um espaço público. Então é aberto a todos.
- A presença desse público é importante? Pode dizer por quê?

- Muito. Porque sem público não existiria, né? Só teria o material físico não adianta. Tem que ter material humano. Isso só é bonito se tiver gente aqui dentro, fazendo atividade, brincando.
- Qual o horário de funcionamento?
- Funciona de sete às vinte uma e trinta. De manhã tem muita gente caminhando e durante o dia sempre tem. E quando chega as 18h fica lotado.
- Obrigada.

Entrevista realizada no Horto Botânico Meritiense

Entrevistado: Lasana Lukata

- Qual sua função aqui no Horto?
- Vigia. Eu trabalho como vigia. Estou aqui há cinco anos. A idade dessa palmeira atrás da gente, aqui, né. Ela já está com vinte sete gomos. Eu conto pelos gomos da palmeira a minha estadia aqui. E a gente toma conta do prédio. Mas a gente acaba se envolvendo também nos trabalhos da plantação. Porque é muito envolvente a questão do meio ambiente e acaba puxando a gente pra essa consciência. Desperta.
- Qual a importância desse Horto pra São João de Meriti?
- A importância do horto pra São João de Meriti? Veja bem. É... eu tenho cinquenta e dois anos. Nos anos setenta pra se chegar ao Rio de Janeiro era uma eternidade. Então, quando você ia arrumar emprego, no Rio de Janeiro e dizia que morava em São João de Meriti, os donos das empresas não queriam você. Porque gastava mais de uma passagem, era complicado, e isso com o aumento da velocidade, quando foi ficando mais moderno, mais veloz – nós estamos vivendo a era da velocidade, alguns disse que até da pressa – então, a velocidade hoje aoitenta quilômetro, São João ficou praticamente um quintal do Rio de Janeiro, da cidade do Rio (pausa por causa do som do carro de um vendedor) a vida é essa mesmo. Mas São João de Meriti se tornou praticamente um quintal não da cidade, mas do Estado do Rio de Janeiro. E hoje com cinquenta ou sessenta minutos você está no Rio de Janeiro. Qual a consequência disso? A consequência é que ninguém quer ir mais embora de São João de Meriti. Então nós temos hoje, neto, bisneto, trineto, quadrineto. Então, tem que fazer o tal do puxadinho. Aumentar a casa, né? E o que tá ocorrendo? Tem que ter espaço. E Às vezes nesse espaço está uma árvore. E aí, que que se faz? Entre o morar... aí começa a questão da prioridade. A pessoa vai lá e corta a árvore. E aí tem uma situação delicada. A maioria das árvores, foi constatado, que a maioria das árvores estão para dentro dos quintais em São João de Meriti. Isso foi estudado pela engenharia. A prefeitura fez esse estudo. Que que ocorre? As pessoas vão cortando... o ar da São João já é complicado. A poluição do ar de São João já é muito grande, muito problema de saúde, bronquite. Eu trabalhei dez anos na área de saúde. E a gente via as criancinhas chegando pra ser atendidas. Pra tomar nebulização. Não é fácil. É um fato. Então, com os cortes das árvores, o ar ficou mais comprometido. O calor... Éden, por exemplo, parece está à cinquenta graus. Tem esquina que você pensa que tem cinquenta graus. É muito quente. Parece até que você tá andando em Bangue. Entende? Então, o que que ocorre? É... o horto entra nessa história como esse amenizador. Porque ele vai fazer a produção de mudas para reflorestar, o que hoje a gente

chama de o pulmão de São João de Meriti. Que é o Parque Jurema. Nisso, o Sérgio Luís que foi vereador em São João, ele idealizou o projeto, trouxe pra cá essa ideia, é... ele mora em Venda Velha. Ele mora perto do Parque Jurema, então, a ideia deu certo. E houve o plantio inicial de cinco mil mudas e depois de quinze mil. E ele já chegou a dizer que é de vinte e uma mil mudas. E esse trabalho agora que a gente está fazendo, né. De fazer o reflorestamento. Hoje não só o reflorestamento do pulmão de São João de Meriti, que é o Parque Jurema, mas também a questão estética da cidade. Que são as praças. Não é? Nós não tínhamos na cidade... é... paisagista concursado. Hoje temos. nós não tínhamos biólogos, geólogos. Hoje a gente já tem esses pro... Engenheiro florestal. Nós já temos esses profissionais capacitados pra atuar em São João de Meriti. Aí depende da visão do governante. Se ele for pró meio-ambiente, o meio ambiente vai à frente. Então no momento a gente tem assim, teve um avanço, na área do meio ambiente. Mas no momento agora, a gente tá em fase de transição, a gente vai esperar pra ver como é que fica.

- E você enquanto morador de São João de Meriti. Fala pra gente um pouquinho sobre o morar nesse lugar. Sobre viver, trabalhar, se agitar nesse lugar. O que você falaria de São João enquanto morador de São João?
- São João de Meriti, as pessoas querem por decreto dizer que não é mais cidade dormitório. Mas ainda é, sim. É só você ficar parada na praça de São João, ali de frente á igreja católica, você vê ali o êxodo que chega, né? Lá no metrô. Desce aquela multidão para poder ir pra casa. Então não mudou muita coisa, não. São João trabalha muito com o comércio. O serviço terciário. E não absorve toda mão-de-obra. A gente ainda funciona como dois braços para o Rio de Janeiro. Assim como São Gonçalo oferece dois braços para Niterói. Há essa semelhança entre São Gonçalo e São João. Eu fico triste porque deveria absorver mais essa mão-de-obra, mas a questão comercial é muito forte. E há prefeitos que diz que não existe espaço para indústrias em São João. E... eles não tem criatividade pra isso. Existe o espaço vertical. Nós temos aqui, se não me engano, a fábrica de biscoito, a fábrica Kadore. A fábrica Kadore, ela emprega o pessoal. Mas são poucas as indústrias em São João de Meriti. É. Morar aqui. A terra sempre será boa. O problema é quando quem está sentado na cadeira, tá dirigindo o município, ele só se preocupa com a politicagem. Não com a política, como ciência, pra resolver realmente o problema da comunidade. As vezes a pessoa só vê seu interesse. Às vezes ela só tá interessada no poder e na glória de mandar, mais nada. Entendeu? E é o que temos visto muito por aí. As pessoas não estão interessadas... é... na Grécia antiga existiram duas cidades e dois prefeitos. A casa desses prefeitos era muito humilde. Isso está escrito em livros. E as cidades deles eram belas. Hoje houve uma inversão. A cidade fica feia e as casas dos prefeitos são maravilhosas. Então, da Grécia antiga pra cá, nós tivemos uma inversão. Uma queda muito grande na questão pública. Eu enquanto pessoa e escritor, né? Eu fico triste quando eu olho pro rio, às vezes vem, também tem que se dizer esse fato. Vem pessoas aqui falar “ah, mais não faz nada”. A SERLA vai lá dentro do rio, desassoreia o rio. E enquanto a máquina tá desassoreando o rio há sacolas de lixos sendo lançadas pra dentro do rio. Então a questão educacional também é muito ruim. É feita, a questão educacional é feita, mas as pessoas resistem. Muitas vezes,

porque que o governo é ruim, aí elas atacam o governo, elas dizem que vão continuar daquela mesma maneira. Não querem mudar, por si mesmas, vendo seu próprio bem-estar. E aquela região do Rio Meriti, ali... é alagadiça. Entope tudo. Entendeu?

— Você mora...?

— Eu nasci na antiga estrada de Minas, hoje Getúlio de Moura. E fui criado na Vila Tiradentes, a rua Abílio Machado e hoje moro em Éden. É interessante que antigamente... as pessoas não olham pra questão histórica de um lugar. A política não respeita. Prefere colocar o nome do pai, da mãe dele. Que não teve nenhuma intervenção histórica, no município. Querem só fazer a homenagem, né? Uma glória que nem é merecida. Então, São João de Meriti era Vila Tiradentes, grupo escolar Tiradentes e estrada de Minas, que realmente ia dar em Minas Gerais, por onde vinha o ouro, que era o caminho novo. Então havia esse joguinho, não é? Grupo escolar Tiradentes, bairro Vila Tiradentes e estrada de Minas. Aí alguém foi lá e colocou Getúlio de Moura. E alguém foi lá e trocou o nome pra Alzira dos Santos Silva, né? Mas antigamente era grupo escolar Tiradentes. Uma coisa que me incomoda muito em São João de Meriti, é uma cidade que tem mais de sessenta anos, já não é uma menina, então, nós nunca fizemos concurso público para bibliotecário, eu acho isso muito complicado. Não é um dado muito bom. A gente tem poucas bibliotecas. Não funcionam direito e não tem o profissional para orientar. A gente vive só do Sesc, que não tem uma biblioteca literária, pra uma formação literária, né? Então, o Sesc foi o que mais, assim, se aproximou culturalmente e que vem sendo, assim, o polo pra absorver a parte cultural de São João de Meriti. A Escola de Música existiu depois, bem depois. Mas, tradicionalmente é o Sesc que funciona como captação desse talento humano de São João. Fez festivais de poesia, a partir dos anos noventa, com uma mulher chamada Neide Rocha. Ela era bibliotecária de São João de Meriti, no Sesc. E ela tinha um sonho, ela possuía um sonho. Que se criasse grupos de escritores em São João. Mas escritores pra valer, que pensassem também a terra. E aí ela fez o festival, como forma de atrair essas pessoas. No festival dava quatrocentas pessoas. Como plateia. Fora os escritores. E vários foram amadurecendo. Hoje, alguns tem livros publicados, eu tenho nove livros publicados. Estou pra lançar um romance. É... tinha um grupo Meriti Fazendo Arte. Formou-se o grupo Meriti Fazendo Arte. E apareceram pessoas boas como Mario Marins que já faleceu. É... o Cleber Roberto de Oliveira, Elineide Melo... são os escritores que estavam em São João de Meriti. Alguns já faleceram. O que a gente tem é isso. Não tem muita coisa. Porque a gente ficava muito preso a questão do churrasquinho, do futebol e da cerveja, não é? Aí a pessoas não tem aquela cultura do conhecimento, do lazer cultural propriamente dito. Cultura é corpo e mente. Não é só mente, também não é só corpo. Mas parece que os governos são assim. Tem uma síndrome de Jack estripador, um só faz cultura do corpo, outro só faz cultura da mente. Acho que tem haver aí a união, porque, é... a gente não pode viver numa sociedade esquizofrênica, né? Separa, dividida, desde Platão.

— O acesso a cultura, então, é precário?

— O acesso à cultura é muito precário. Muito precário, reduzido, limitado, né? Porque a... o que que acontece. A política esta sentada na cadeira. Então, ela quer movimento que dê número. O

critério não é de qualidade é de quantidade. Então, se o movimento tá dando cem pessoas, duzentas pessoas, trezentas pessoas... interessa pra política manter esse movimento. Por exemplo, poesia, que vem vinte, trinta pessoas, não interessa. Então há um interesse aí. De áreas.

- Em vista de tudo o que você falou, São João tem a oferecer?
- Olha, em questões naturais, o horto está sendo esta opção. Com muita dificuldade, mas os alunos tem vindo aqui. Descubrem que existe uma área, hoje verde, aqui em São João de Meriti. Pra tentar equilibrar esse menos que está acontecendo aí, das árvores na cidade. Então, há um processo de conscientização. Há uma resistência muito grande. As pessoas não querem saber. Continuam cortando. Porque elas não querem ir embora daqui. Então é muito difícil essa conscientização. Porque há interesses em choque. Entre o morar e o cortar uma árvore. Então, nessa hora, a árvore é sacrificada. Mas eles esquecem que o clima está ficando cada vez pior em São João.
- Então as pessoas gostam de morara aqui, pelo que você percebe?
- Não. Não é que gostam de morar, não. É porque é útil. Porque tá próximo do Rio... quando a pessoa fala, moro em São João de Meriti, a mudança é essa. Antigamente quando a velocidade era sessenta quilômetros, aí você falava que morava em São João, os donos das empresas falavam assim: ah, rapaz, você mora muito longe. Porque era uma eternidade chegar até o Rio. Agora, hoje com a velocidade aumentada, esse mundo de velocidade... aí, as pessoas, quando você fala que mora em São João, tá empregado. Só pega o metrô, no máximo duas conduções, entendeu? Então facilitou. Ouve com essa mudança, do mundo ficar mais veloz, o que já falei, fala-se muito de pressa, né? Então, as pessoas não são mais excluídas da questão empregatícia.
- Eu acho que está bacana. Mas você quer falar mais alguma coisa?
- Não... É... a questão é que São João de Meriti é uma cidade que tem pra crescer, dá, entendeu? Mas, os interesses são muito conservadores. Porque quem tá com osso na mão, não quer largar. E aí elas querem dizer como vai ser a cidade... ela já tem um plano, pra oferecer pra cidade, sem consultar. Muitas vezes eles dizem que não vem com imposição. Vem com o nome disfarçado de sugestão. “Olha, nós vamos mudar essa área, mas já temos uma sugestão”. E naquela sugestão você vê que não vai mudar muita coisa. Vai continuar o mesmo. Por exemplo, houve uma questão aqui da IFRJ, que na implantação de cursos, eu vi lá, que só tinha na área do comércio, aqueles cursos bem... porque quando eu fiz o segundo grau, só tinha em São João de Meriti, Contabilidade e Normal. Os outros cursos eram tudo lá centro do Rio de Janeiro. Então, aqui, as pessoas só se formavam em Contabilidade e Normal. Eram os dois cursos oferecidos. E aí, Nilópolis já tinha IFRJ e lá tinha o curso de produção cultural. Então eu perguntei ao prefeito Sandro Mattos se não teria o curso de produção cultural aqui. E aí o Fernando, que era o presidente da IFRJ, disse que era uma loucura, por que o curso de produção cultural foi uma loucura. Aí eu falei, não se quer nada na área do pensamento, nada que se possa pensar. Que a gente continue sendo dois braços. E aí, o Rio de Janeiro encara a gente só como dois braços, e o mais delicada é que dentro de São João, os de dentro de São

João, também pensam que somos apenas dois braços. Isso eu acho muito complicado. Essa visão é uma visão de quem está no poder é quer continuar dominando e não quer que as coisas mudem. Então não vai trazer um curso pra cá, na área do pensamento. Quando trouxeram uma faculdade aqui, da UFF foi de Contabilidade. Trouxeram uma faculdade de Contabilidade. Então é sempre essa área, Contabilidade, Normal... entendeu, então... eu acho muito delicado.

- Quer falar em uma frase o que São João de Meriti, pra você?
- Em uma frase... São João de Meriti ainda é esperança. A esperança continua mudando de galho. Agora é preciso que a gente não seja essa esperança parada. Mas a esperança da garça. Quando eu comecei a falar sobre a garça. A garça da lá do rio Meriti-Pavuna. O primeiro verso que veio é “branca, branca, branca, a esperança muda de galho”. Porque a garça estava num galho e ela passou pra outro galho. E muitas vezes o galho tá podre, então, a gente tem que abandonar esse galho podre. E eu acho que é isso que o povo de São João de Meriti tem que fazer. Abandonar os galhos podres e saber onde estão os galhos firmes, pra gente poder crescer.

Entrevista realizada ao término das atividades da pesquisa.

Raysha

- Você realizou atividades para uma pesquisa. As atividades estavam relacionadas a alguma disciplina?
- Artes.
- Você fotografou tudo o que via ou fez escolhas antes?
- Os dois.
- Alguém interferiu em suas escolhas nas atividades (a professora, algum colega...)?
- Não.
- Você queria que interferissem ou foi bom não terem interferido?
- Foi bom que não interferisse.
- Sentiu-se impossibilitado de realizar a atividade em algum momento?
- Não.
- Ao fotografar a escola e seu entorno, alguma imagem foi significativa para você?
- Ah, algumas sim.
- Lembra de alguma?
- Sim. Porque na foto parece tudo tão bonito. E quando você vive aqui, não é a mesma coisa. É diferente.
- Alguma imagem produzida pelos seus colegas, da escola, foi significativa pra você?
- Sim. Uma foi aquele que tem as colunas e uma frase, assim, tá bem bonita. E outra foi a que o Mauro tirou, depois da chuva, um temporal muito forte, logo depois apareceu um arco íris.
- Você pôde perceber algo além do que você já havia percebido antes de fotografar esses lugares?

- Sim.
- Isso é legal de sentir?
- É. É muito diferente.
- Você acha que as atividades realizadas poderão ser repetidas por você quando estiver fora da escola?
- Sim.
- Você gostou do que conheceu?
- Sim.
- Você já conhecia os lugares onde fomos?
- Não.
- Você achou importante ver e fotografar lugares que você conhecia e também os que você não conhecia?
- Sim. Os não conhecidos porque é uma coisa nova pra mim, eu não conhecia. E outra porque é como uma lembrança pra mim. E os lugares conhecidos, porque eu ía ver de outra forma.
- Então quando a gente fotografa conseguimos ver de outra forma, as coisas?
- É. De uma forma diferente. Tudo fica mais bonito. Até aquilo que era feio fica mais bonito.
- O fato de você ter visto, explorado e fotografado os lugares, ter realizado atividades em grupo e individualmente pode ajudar nas demais atividades escolares?
- Sim. Pode.
- E isso mudou alguma coisa pra você?
- Sim. Porque ajuda a trabalhar mais em grupo e nem sempre a gente vai ficar com todo mundo, né? A gente vai ter que trabalhar sozinho. Então ajudou muito nisso também.
- Você pôde conhecer melhor o lugar onde você mora e onde a escola se localiza?
- Sim. Na verdade prestei até mais atenção. Porque às vezes, quando a gente sai pra ir em outros lugares, você só vai, você não olha ao seu redor o que tem. Mas aí, quando a gente saiu, foi tipo isso, a gente teve que olhar em volta. Quando a gente passa, assim, correndo, a gente nem repara na escada, nas ruas, nas coisas que tem ao nosso redor.
- Ver os colegas realizando a atividade fez você perceber alguma coisa?
- Sim. A gente estava todo mundo empolgado fazendo a mesma coisa. Todos juntos.
- Você consegue descrever o que sentiu quando viu suas produções em exposição na escola?
- No caso, quando foi eu sendo a fotógrafa, fotografando outras coisas, eu me senti bem. Mas quando eu vi as minhas imagens, eu senti uma coisa que geralmente não sinto, sabe. Eu senti vergonha.
- Ficou bonita a exposição?
- Ficou. Quem diria que a setecentos e três faria algo assim.
- A setecentos e três pode fazer isso e muito mais que isso. É só querer. Não é verdade?

- Você realizou atividades para uma pesquisa. A atividade estava relacionada a alguma disciplina?
- Sim.
- Qual?
- Matemática... e Artes.
- Você fotografou tudo o que via ou fez escolhas antes?
- Não. Antes eu fiz escolhas. Pra vê o ângulo da imagem e (*inaudível*)
- Alguém interferiu nessas suas?
- Sim. uhum
- Isso foi bom ou ruim?
- Pra mim foi bom... me deu umas ideias
- Sentiu-se impossibilitado de realizar a atividade em algum momento?
- Não.
- Ao fotografar a escola e seu entorno, alguma imagem foi significativa para você?
- (balança a cabeça em sinal negativo)
- Nenhuma?
- Acho que não
- Nem no entorno, nos lugares que você foi...
- Acho que foi
- Alguma imagem produzida pelos seus colegas, da escola, foi significativa para você?
- Ahã
- Então, até mesmo que você tenha tirado?
- Ahã. Teve
- O que foi isso?
- Ah, eu achei muito bonito né. Porque eu mesmo tirando minha foto...as vezes quando eu tiro me acho feio, mas quando olhei lá... ué um *book*? Achei até diferente, mas gostei da minha própria foto.
- Você pôde perceber algo além do que você já havia percebido antes de fotografar esses lugares? Assim, passo por esse lugar
- Sim.
- Conseguiu ver além?
- Sim... algumas coisas que eu olhava assim aqui...na vida real mas não via. Quando tirei a foto...ué que que isso aqui? eu não tinha visto aqui. Aí quando olho na foto e pro lugar que estou vendo eu vejo aquilo lá. Aí... eu nunca percebi isso.
- Você, num momento em que a gente estava olhando as fotos, você viu uma fotografia da fábrica e aí você fez comentários dizendo que tinha ido lá...
- É. Que eu fui lá pra perguntar pro moço o que que era que eles estavam construindo lá. Aí ele falou que era uma fábrica de papel. Aí fiquei ali pensando, aqui nesse lugar sem fábrica, esse negócio? Achei interessante e fiquei curioso. Aí fui lá e perguntei pra ele.

- Você trouxe o que você falou e a gente tinha visto uma fotografia da fábrica, que alguém tirou em nossa saída e ninguém sabia dizer do que era a fábrica. E quando a gente olhou em outro encontro que a gente teve, aí você fez o comentário.
- Você acha que as atividades realizadas poderão ser repetidas por você quando estiver fora da escola?
- Sim.
- Será bom realizar algo parecido nos lugares que você frequenta?
- Nem em todos os lugares.
- Tem algum lugar que você não poderia realizar?
- Assim... porque tem uns locais que é proibido tirar foto... aí a gente vê uma coisa interessante mas não pode. A gente quer tirar foto pra se lembrar daquilo. Uma lembrança boa, mas não pode.
- As atividades realizadas ampliaram seu conhecimento em Arte ou em outra área?
- Acho que sim. A gente aprende a calcular o ângulo da foto, o tamanho...
- Você achou importante ver e fotografar lugares que você conhecia...
- Uhum
- e os que não conhecia?
- ...uhum
- Sabe dizer por que foi importante?
- Ah, porque... é assim... eu nunca tinha fotografado os lugares que eu podia fotografar... aí aquilo me deu até lembrança porque quando a gente tira uma foto... aí... ai que lugar mesmo eu fui? A gente procura nossa imagem, vai lá e vê... aquilo tá até registrado... e na sua mente, aquele lugar.
- O fato de você ter visto, explorado e fotografado os lugares, ter realizado atividades em grupo e individualmente pode ajudar nas demais atividades escolares?
- Acho que sim.
- Você que seu comportamento será diferente em outras atividades?
- Acho que não.
- Porque você acha que não?
- Ah, não sei. Porque algumas vezes a gente tá em uma parte de uma matéria e acaba se juntando fazendo bagunça... e outros acabam se comportando... ah... eh.. tipo um negócio estranho... quando vê umas pessoas que você gosta de ficar do lado, até te ajuda assim a concentrar, fazer o negócio direito... muitos não. te atrapalha, vai te... entendeu?
- Você gosta de fazer bagunça?
- Um pouquinho (ri)
- Você pôde conhecer melhor o lugar onde você mora...
- Sim
- e onde a escola se localiza?
- Uhum

- E foi bom isso?
- Ah foi... muito melhor... pra eu conhecer meu bairro, onde moro. Gostei muito.
- Ver os colegas realizando a atividade fez você perceber alguma coisa? Quando você viu os colegas também fazendo o trabalho...
- Vi a alegria no rosto deles. De tirar foto. Aquela emoção. Pô primeira vez que eu tiro uma foto minha assim do lado de alguma coisa que eu nunca tirei. Eh... tirar foto com o próprio amigo... foi bom.
- Você consegue descrever o que sentiu quando viu suas produções em exposição na escola?
- Senti vergonha...
- Da sua foto?
- Sim
- Porquê?
- Não sei
- Vou perguntar de novo. O que você sentiu quando viu exposto, lá na exposição, as fotografias que você fez?
- Algumas eu gostei e outras não.
- O fato de elas irem para exposição. Você sentiu o quê?
- Ah, senti... bom. Porque a pessoa pode conhecer melhor o lugar que mora. Vê as fotos que... que lembra a escola... e... conhecer um pouco da história... as pessoas que foram chegando foram falando um pouco. Que esse bairro aqui era de pouca vizinhança... começou a encher... e é conhecido como formigueiro... eu nem sabia disso também.
- Mas você ficou feliz...
- Ah fiquei feliz.
- Porque seus pais vieram aqui
- Ahã. Eles queriam até levar a foto.
- Pois é. E eles pareciam muito felizes
- Eh...eles tinham gostado
- e sua mãe disse que você não falava de outra coisa.
- Uhum (sorri balançando a cabeça com sinal afirmativo)

Davi

- Você realizou atividades para uma pesquisa. A atividade estava relacionada a alguma disciplina?
- Acho que sim.
- Sabe qual?
- Arte.
- Você fotografou tudo o que via ou fez escolhas antes?
- Fiz escolhas.
- Alguém interferiu em suas escolhas?

- (mexe a cabeça para baixo e para cima, uma vez, rapidamente).
- Interferiu? Falou assim: faz isso, faz aquilo...
- Ah, não.
- Você sentiu que não podia fazer alguma das atividades?
- Não.
- Ao fotografar a escola e seu entorno, alguma imagem foi significativa para você?
- Foi.
- Você as dizer qual?
- A da montanha lá traz.
- É? Você nunca tinha parado pra olhar... ela assim?
- Não.
- Alguma imagem produzida pelos seus colegas, da escola, foi significativa?
- Sim.
- Sabe dizer qual?
- Sei. A que o Gabriel tirou do mato. Que ele tirou de perto.
- Você pôde perceber algo além do que você já havia percebido antes de fotografar esses lugares?
- Como assim?
- Quando você... antes de fotografar você via as coisas de um jeito, né? Depois de fotografar você conseguiu ver além do que você já tinha visto antes?
- Consigo.
- Pode dar exemplos?
- Não...
- Você acha que as atividades realizadas poderão ser repetidas por você quando estiver fora da escola?
- Pode.
- Será bom realizar algo parecido nos lugares que você frequenta?
- Vai.
- As atividades realizadas ampliaram seu conhecimento em Arte ou em outra área (você sabe mais um pouco sobre algumas coisas, agora)?
- Sim.
- Ajudou a você conhecer mais coisas?
- Ajudou
- Quer falar? Pode falar?
- (ri, balançando a cabeça em sinal negativo)
- Você achou importante ver e fotografar lugares que você conhecia e também os que você não conhecia?
- Uhum.
- Sabe dizer por que foi importante?
- Pra ficar como lembrança?

- O fato de você ter visto, explorado e fotografado os lugares, ter realizado atividades em grupo e individualmente pode ajudar nas demais atividades escolares?
- Pode.
- Você pôde conhecer melhor o lugar onde você mora e onde a escola se localiza através da fotografia que você e seu colegas tiraram?
- Sim. Algumas sim.
- Ver os colegas realizando a atividade fez você perceber alguma coisa?
- Como assim?
- Quando você viu o seu colega fazendo aquela atividade, que é escolar, você percebeu alguma coisa, isso chamou sua atenção? Achou importante ver os colegas fazendo a atividade...
- Uhum.
- Sua turma costuma fazer atividades? Como é o comportamento?
- (ri) mais ou menos.
- Você consegue descrever o que sentiu quando viu suas produções em exposição na escola?
- Achei legal.

Sarah

- Você realizou atividades para uma pesquisa. A atividade estava relacionada a alguma disciplina?
- Eu acho que envolve mais a arte. Por parte das fotografias... da arte mesmo.
- Mas você acha que tem outras envolvidas?
- Acho que não, acho mais a arte.
- Você fotografou tudo o que via ou fez escolhas antes?
- Eu fiz umas escolhas do que eu ia tirar. Mas de algumas coisas que eu peguei e tirei (*inaudível*) ...e saíram ótimas.
- Alguém interferiu em suas escolhas?
- Como assim?
- Ah, alguém falando, tira isso, tira aquilo...
- Não.
- Sentiu-se impossibilitado de realizar a atividade em algum momento?
- Acho que não também. Acho que todas as atividades foram dadas no contexto do que eu queria fazer. Não foi nada difícil.
- Ao fotografar a escola e seu entorno, alguma imagem foi significativa para você?
- Sim. Eh...sim. todas que tirei, na verdade, foram significativas. Por causa do projeto mesmo e por causa da professora. Então pra mim foi um projeto significativo.
- Alguma imagem produzida pelos seus colegas, da escola, foi significativa para você?
- Não.
- Você pôde perceber algo além do que você já havia percebido antes de fotografar esses lugares?

- Eu percebi... as paisagens... que não é olhar só a situação horrível da escola. Sempre tem... uma coisa que a gente fica sempre admirada.
- Será bom realizar algo parecido nos lugares que você frequenta?
- Eu acho que pode. Podia ter tipo uma mini palestra falando sobre a fotografia, sobre a arte, sobre o que que a gente faz, sobre as pesquisas que a gente faz...
- Isso significa que você gostou?
- Gostei.
- Você gostou do que passou a conhecer?
- Eu gostei muito das coisas que eu aprendi no decorrer. Eu gostei muito de... na... teve uma vez, aquele projeto do... que a gente fez dos olhos, que tampou os olhos. Eu achei legal porque a gente tinha que confiar em algumas pessoas... e tem pessoas cegas que não conseguem ver, mas tem que confiar naquela pessoa... ela precisa de confiança.
- O fato de você ter visto, explorado e fotografado os lugares, ter realizado atividades em grupo e individualmente pode ajudar nas demais atividades escolares?
- Eu acho... que todo mundo... com essas atividades vai ficar mais unido. Porque tem vezes que a gente fica um pra lá, um decide uma coisa outra decide outra... acaba todo mundo se ajuntando e escolhendo uma coisa só. E esse trabalho ajudou sim na nossa convivência... de respeitar o lado dos outros. Dando opinião... e tudo.
- Você pôde conhecer melhor o lugar onde você mora e onde a escola se localiza?
- Eu pude, mas tirando foto do bairro... foi muito difícil. Mas outras coisas assim... olhando cada detalhe. Esses mínimos detalhes parece que não é nada, mas quando você olha assim... bem, você fala, caraca nunca percebi isso.
- Ver os colegas realizando a atividade fez você perceber alguma coisa?
- Eu percebi que tem um meio de união... de você olhar as coisas assim... a gente ria... tinha hora que a gente ficava quieto, ria, brincava... ajudou mais pra união.
- Você consegue descrever o que sentiu quando viu suas produções em exposição na escola?
- No começo... tipo... de tudo do... trabalho. Quando você falou que ia fazer um projeto. Eu pensei assim, vou sair fora, eu não vou gostar desse projeto... eu sou uma pessoa muito animada e esse projeto ia ser meio chocho. Ai olhei, prestei atenção. Ai vi uma professora, ótima, explicativa. Então eu decidi fazer... e o projeto que eu vi... foi maravilhoso e... deu tudo certo.
- E as fotos na exposição, o que você sentiu?
- Na exposição... eu vi que nada... é tudo tipo... olhar de outra forma. é interagir com as pessoas... gostei de ver porque me lembra um momento alegre, não um momento triste. Sempre um momento que todo mundo sorriu... essas coisas assim.

Gabrielle

- Você realizou atividades para uma pesquisa. A atividade estava relacionada a alguma disciplina?
- Artes né? Que mexe com esse negócio do visual... fotografia. Acho que única que envolve isso é arte.
- Você fotografou tudo o que via ou fez escolhas antes?

- Ah não, eu escolhia né. Tinha que escolher os lugares direitinho. Porque nessa escola aqui nem tudo é bom. Tem que selecionar.
- Alguém interferiu em suas escolhas nas suas escolhas?
- Essa garota chata aí (se referindo a amiga que estava na sala).
- E como ela interferiu? Dizendo como você deveria fotografar?
- É isso aí mesmo. Ele tem que se meter na vida dos outros. Tem que dar palpite (ri).
- Isso foi bom ou ruim?
- É foi legalzinho... eu me irritei, a gente riu... foi legal.
- Sentiu-se impossibilitado de realizar a atividade em algum momento?
- Não.
- Ao fotografar a escola e seu entorno, alguma imagem foi significativa para você?
- Ah, sei lá. Eu pude conhecer lugares tipo que... eu... sozinha assim eu não ia conhecer. Porque eu não ia ficar rodando isso daqui pra ficar tirando foto. Num ia. Aí através do projeto consegui visitar lugares que eu por mim mesma não tive a oportunidade assim de... conhecer.
- Por quê?
- Alguma imagem produzida pelos seus colegas, da escola, foi significativa para você?
- Ah ficou maneirinha a da Dhandara. A do céu assim... pá. a do Gabriel, atrás do cone...
- Você pôde perceber algo além do que você já havia percebido antes de fotografar esses lugares?
- Não.
- Você acha que as atividades realizadas poderão ser repetidas por você quando estiver fora da escola? Será bom realizar algo parecido nos lugares que você frequenta?
- As atividades realizadas ampliaram seu conhecimento em Arte ou em outra área?
- Ah, eu achei até legal porque... Eu nunca tinha aprendido esses negócios assim em arte. Já tinha aprendido algumas coisas, né, claro. Mas esse negócio assim de mexer com fotografia... não.
- Você achou importante ver e fotografar lugares que você conhecia?
- É diferente, né? Porque eu normalmente não saio fotografando tudo assim, mas... foi legal. Uma experiência nova, sabe?
- O fato de você ter visto, explorado e fotografado os lugares, ter realizado atividades em grupo e individualmente pode ajudar nas demais atividades escolares?
- Pode.
- Você pôde conhecer melhor o lugar onde você mora e onde a escola se localiza?
- Uhum.
- Ver a turma setecentos e três realizando as atividades fez você perceber alguma coisa?
- Ah, sei lá. Porque a gente não é muito unido pras coisas né. Aí através desse trabalho acho que vamos assim... se juntar mais... sabe. Trabalhar em grupo...
- Você consegue descrever o que sentiu quando você viu os se...
- Ah, per aí...
- Lá na exposição?

- Eu senti orgulho de mim. Cada foto maravilhosa que tirei... sério senti orgulho de mim. Não... da turma também, né. Porque todo mundo fez um trabalho muito bonito. Mas eu senti muito orgulho de mim. Porque minhas fotos ficaram maravilhosas. Tem que falar, né...

Dhandara

- Você realizou atividades para uma pesquisa. A atividade estava relacionada a alguma disciplina?
- Sim. Artes.
- Você fotografou tudo o que via ou fez escolhas antes?
- Fazia escolhas.
- Alguém interferiu em suas escolhas?
- (Balança a cabeça em sinal afirmativo e ri). Gabrielle.
- Foi bom ou ruim?
- Foi bom.
- Sentiu-se impossibilitada de realizar a atividade em algum momento?
- Não.
- Ao fotografar a escola e seu entorno, alguma imagem foi significativa para você?
- Não.
- Nenhuma imagem que você tenha feito chamou sua atenção?
- Só do céu que eu fiz lá em baixo.
- Porque a sua reação foi... Mas por que...
- Ah foi chamativa, ficou interessante.
- Alguma imagem produzida pelos seus colegas chamou sua atenção?
- Sim, do Gabriel. Que foi através do cone. Ficou legal.
- Você pôde perceber algo além do que você já havia percebido antes de fotografar esses lugares?
- Não.
- Você acha que as atividades realizadas poderão ser repetidas por você quando estiver fora da escola?
- Sim.
- As atividades realizadas ampliaram seu conhecimento em Arte ou em outra área (você sabe mais um pouco sobre algumas coisas, agora)?
- Sim.
- Você achou importante ver e fotografar lugares que você conhecia?
- Ahã.
- Sabe dizer por que foi importante?
- Sei lá. Acho que não.
- Fez você conhecer um pouco melhor...?
- Fez.
- O fato de você ter visto, explorado e fotografado os lugares, ter realizado atividades em grupo e individualmente pode ajudar nas demais atividades escolares?

- Uhum. Eu acho.
 - Você pôde conhecer melhor o lugar onde você mora e onde a escola se localiza?
 - Não.
 - Não. A fotografia não interferiu em nada?
 - Não.
 - Ver os colegas realizando a atividade fez você perceber alguma coisa?
 - Fez. Porque a gente não é acostumado a ficar unido, assim, sem brigar. Aí foi o único momento que a gente ficou unido sem briga, sem discussão. Igual gente.
 - Você consegue descrever o que sentiu quando viu seu trabalho exposto?
 - Ah, sei lá. Achei bonito... sei lá. Minhas fotos maravilhosas... ali...
 - Mas você consegue descrever o que você sentiu?
 - Orgulho das minhas fotos.
- Gabrielle: quando a gente viu nossas fotos assim a gente, caraca a gente é o trem (ri).

Estudantes que não realizaram entrevista diagnóstica (iniciaram as atividades posteriormente)

Wenderson – 14 anos

- Você realizou atividades para uma pesquisa. A atividade estava relacionada a alguma disciplina?
- A gente tirando a foto.
- É.
- A paisagem né
- Não. De matéria de aula, disciplina... (artes, história, geografia...)
- Geografia. Acho que geografia, só geografia.
- Fotografar, fazer aqueles trabalhos...
- Não fala de novo... Arte, matemática... arte né, arte (ri). Acho que a história e a geografia.
- Você fotografou tudo o que via ou fez escolhas antes?
- Fazia escolhas.
- Alguém interferiu em suas escolhas?
- Não.
- Sentiu-se impossibilitado de realizar alguma atividade?
- De realizar de novo?
- De realizar. No momento que pedi pra você realizar. Você achou que não poderia realizar?
- Não, podia sim.
- Ao fotografar a escola e seu entorno, alguma imagem foi significativa para você? Alguma marcou?
- Que tipo?
- Qualquer fotografia que você tenha tirado, alguma significou pra você?... Marcou?
- Ainda não marcou, mas tenho certeza que vai marcar.
- É?

- Quando não tiver mais estudo, quando não vier mais pra escola... aí vai marcar. Daqui há uns... vinte anos...
- Alguma imagem produzida pelos seus colegas, da escola, foi significativa para você?
- Tem uma que eu gostei. A do Maurinho. Foi a mais bonita... que gostei.
- Você pôde perceber algo além do que você já havia percebido antes de fotografar esses lugares?
- Não. Acho que não.
- Você acha que as atividades realizadas poderão ser repetidas por você quando estiver fora da escola? Será bom realizar algo parecido nos lugares que você frequenta?
- Acho.
- Você achou importante ver e fotografar lugares que você conhecia e também os que você não conhecia?
- Achei.
- Sabe dizer por que foi importante?
- A maioria é da história...assim... de São João de Meriti... as fotos que tiramos... dos lugares. Porque um dia pode perguntar né. Pode tipo assim... aí hoje pode estar ruim, no momento ruim, isso, coisa assim. E no futuro pode estar uma coisa melhor do que agora.
- O fato de você ter visto, explorado e fotografado os lugares, ter realizado atividades em grupo e individualmente pode ajudar nas demais atividades escolares?
- Pode sim.
- Acha que pode?
- Pode sim.
- Você pôde conhecer melhor o lugar onde você mora e onde a escola se localiza?
- Sim. Das fotos que eu tirei e na aula passada... sobre... São João de Meriti... aquelas fotos que a senhora mostrou no telão...
- Ver os colegas realizando a atividade fez você perceber alguma coisa?
- Oh, eu percebi que eles queriam conhecer mais sobre São João. Os que tava... eh... como se diz... eh... querendo saber mais.
- Você sentiu alguma coisa quando viu suas produções e a dos colegas na exposição?
- Não sei.
- Gostou da exposição?
- Sim, sim, gostei. Achei um trabalho legal.
- E quando você viu seu nome lá?
- Senti como se fosse aqueles... aqueles caras que faz eh... arte. Aqueles homens... pô, manero.
- Se sentiu um artista...
- É.
- E foi bom...
- Foi.

Breno – 12 anos

- Você realizou atividades para uma pesquisa. A atividade estava relacionada a alguma disciplina?
- Arte.
- Você fotografou tudo o que via?
- Quase tudo. Mas...
- Ou fez escolhas antes?
- É. Eu escolhi... o que eu via mais bonito é o que eu tirava foto.
- Alguém interferiu em suas escolhas?
- Não isso foi uma coisa minha... desde que eu tinha cinco anos eu gostava de fotografar as coisas meus pais sempre falavam que eu era bom em fotografar e tal... aí eles nunca... nunca falaram que eu não podia fazer isso que não ia me dá futuro... eles deixavam eu fazer... eles gostavam também que eu ficava tirando foto das coisas... achava bonito.
- Sentiu-se impossibilitado de realizar a atividade em algum momento?
- Não.
- Ao fotografar a escola e seu entorno, alguma imagem foi significativa para você?
- A natureza.
- As que estão na escola e fora da escola também?
- No geral.
- Por quê?
- Ah, a natureza é... é um ótimo lugar pra poder tirar foto tem coisas interessantes, bichos, plantas diferentes, árvores... várias coisas que a gente pode escolher pra tirar uma foto.
- Alguma imagem produzida pelos seus colegas, da escola, foi significativa para você?
- Não cheguei reparar não.
- E alguma imagem produzida por você, foi significativa? Marcou?
- Também não.
- Você pôde perceber algo além do que você já havia percebido antes de fotografar esses lugares?
- Sim. Eu nunca tinha reparado nesses lugares que a gente foi tirar foto, no horto... eu nem sabia que existia um horto lá, quando eu cheguei achei muito legal, tinha várias coisas. Tinha várias plantas também. Podia tirar foto. Vários lugares. Várias coisas diferentes que eu nunca tinha visto.
- Não tinha imaginado que tinha esse lugar aqui em São João de Meriti.
- É. Nunca. Se eu não fosse fazer o trabalho da fotografia eu ia continuar... continuar nunca sabendo que aquilo existia.
- Você acha que as atividades realizadas poderão ser repetidas por você quando estiver fora da escola?
- Sim. Podem.
- Será bom realizar algo parecido nos lugares que você frequenta?
- Sim, pode ser uma boa maneira pra poder descobrir um pouco mais sobre o lugar.
- As atividades realizadas ampliaram seu conhecimento em Arte ou em outra?

- Sim. Eu não ligava muito pra arte porque... quando eu tinha essas aulas era só pintar aí ficava desenhando... nunca ía pra rua, tirar foto ou ía pros lugares... quando a gente começou a fazer esse projeto a gente ficou saindo, tirando foto, fazendo esse documentário...várias coisas mais interessantes.
- Você acha que isso é importante?
- Sim. Muito.
- Achou importante ver e fotografar lugares que você conhecia e também os que você não conhecia?
- Sim porque até esse projeto que a gente fez com algumas fotos que a gente tirou da escola, assim, ela ficou...ela... pode-se dizer que a foto que a gente tirou foi um... como posso dizer... um ponto de vista que as pessoas quase nunca vêm da escola, as árvores, as plantas, o céu lá trás. Aquela natureza toda quase ninguém vê. Aí quando a gente tirou as fotos e botou ali na exposição todo mundo reparou direito.
- O fato de você ter visto, explorado e fotografado os lugares, ter realizado atividades em grupo e individualmente pode ajudar nas demais atividades escolares?
- Você pôde conhecer melhor o lugar onde você mora e onde a escola se localiza?
- Sim.
- Ver os colegas realizando a atividade fez você perceber alguma coisa?
- Não.
- Olhando pra sua turma fazendo as atividades... a turma faz as atividades regularmente...
- Não. Não. Quase nunca.
- E fizeram dessa vez?
- Sim. Uma coisa diferente... as vezes é legal.
- Você consegue descrever o que sentiu quando viu suas produções em exposição na escola?
- Orgulho. Ter uma foto que eu tirei, numa exposição assim. Nunca tive nada meu assim numa exposição e tal... foi legal. Ter vista minha foto que eu mesmo tirei.

Ramon – 16 anos

- Você realizou atividades para uma pesquisa. As atividade estavam relacionadas a alguma disciplina?
- Artes.
- Você fotografou tudo o que via ou fez escolhas antes?
- Fotografava tudo que via.
- Alguém interferiu em suas escolhas nas atividades (a professora, algum colega...)?
- Não. Fiz do meu jeito.
- Sentiu-se impossibilitado de realizar a atividade em algum momento?
- Não.

- Ao fotografar a escola e seu entorno, alguma imagem foi significativa para você?
- Aqui dentro da escola?
- Na escola ou fora da escola.
- A piscina.
- Por quê?
- Porque tá muita suja.
- E quando você foi pra rua. Alguma coisa chamou sua atenção?
- Não.
- Você pôde perceber algo além do que você já havia percebido antes de fotografar esses lugares?
- (Balança a cabeça com sinal afirmativo)
- Pode dar exemplos?
- Não, igual aquela fotografia, que eu tava tirando ali e o Gabriel tirou de mim. Eu não tinha visto. Depois que vi, na foto.
- Você acha que as atividades realizadas poderão ser repetidas por você quando estiver fora da escola?
- Pode.
- As atividades realizadas ampliaram seu conhecimento em Arte ou em outra área (você sabe mais um pouco sobre algumas coisas, agora)?
- Fiquei sabendo daquele negócio que eu nunca tinha ido. O horto.
- Você achou importante ver e fotografar lugares que você conhecia e também os que você não conhecia?
- Achei.
- Sabe dizer por que foi importante?
- Ué, porque, tipo assim, eu nunca fotografei um lugar que eu conheço. Aí tu vai lá e ... ou um lugar diferente, que eu não conhecia.
- É um lugar que a gente passa todo hora, né?
- A gente não para pra tirar foto. Aí tem lugares diferentes que tu nunca passou, que tu nunca entrou, aí tu vai tirando a foto.
- O fato de você ter visto, explorado e fotografado os lugares, ter realizado atividades em grupo e individualmente pode ajudar nas demais atividades escolares?
- Pode.
- Você pôde conhecer melhor o lugar onde você mora e onde a escola se localiza? Isso foi possível com a sua fotografia, com as de seus colegas?
- Foi. Eles estavam, mas tinha uns que não estavam. Pela fotografia eles viram.
- Ver os colegas realizando a atividade fez você perceber alguma coisa?
- Eu acho, que tipo assim, eles tiraram, e tipo assim, o que eu fiz eles também fez. Mas a gente nunca tinha feito isso antes [...] aí nunca teve aula assim. De sair lá fora, de ir pro campo. Fazer

pesquisa. agora a gente tá começando a sair, a fazer um monte coisa. E cada vez tá melhorando mais.

— E você acho isso bom?

— Acho.

— Você consegue descrever o que sentiu quando viu suas produções em exposição na escola?

— Ué. Não sei. Não senti nada.

— Nada? Não gostou de ter visto seu trabalho exposto?

— Eu gostei de... eu gostei... tirei a foto. Mas não senti nada não.

— Mas você gostou de ter visto se trabalho?

— É. Passei ali vi a foto que tirei pendurada. Ah, eu gostei. Dá tipo um nervoso (coloca a mão no peito).

Mauro – 12 anos

— Você realizou atividades para uma pesquisa. A atividade estava relacionada a alguma disciplina?

— Sei lá professora.

— Não?

— Acho que é artes.

— Você fotografou tudo o que via ou fez escolhas?

— Escolhia.

— Alguém interferiu em suas escolhas?

— Não.

— Sentiu-se impossibilitado de realizar a atividade em algum momento?

— Não.

— Ao fotografar a escola e seu entorno, alguma imagem foi significativa para você?

— Nada.

— Você fez uma porção de fotos, nenhuma você achou boa?

— Ah, foi a do arco-íris.

— Por quê?

— Porque ficou manera.

— Você pôde perceber algo além do que você já havia percebido antes de fotografar esses lugares?

— Não.

— Você acha que as atividades realizadas poderão ser repetidas por você quando estiver fora da escola?

— Pode.

— As atividades realizadas ampliaram seu conhecimento em Arte ou em outra área (você sabe mais um pouco sobre algumas coisas, agora)?

— Não.

- Você achou importante ver e fotografar lugares que você conhecia e também os que você não conhecia?
- Achei.
- Sabe dizer por que foi importante?
- Não.
- O fato de você ter visto, explorado e fotografado os lugares, ter realizado atividades em grupo e individualmente pode ajudar nas demais atividades escolares?
- Não.
- Você pôde conhecer melhor o lugar onde você mora e onde a escola se localiza?
- Não.
- Ver os colegas realizando a atividade fez você perceber alguma coisa?
- Não.
- Você consegue descrever o que sentiu quando viu suas produções em exposição na escola?
- Sim. Eu achei manero fessora.
- Você esperava que fosse desse jeito?
- Não.

ANEXO C – GRÁFICOS

Gráfico 33: Evolução do PIB per capita – Região Metropolitana – R\$ milhões – 2010-2013

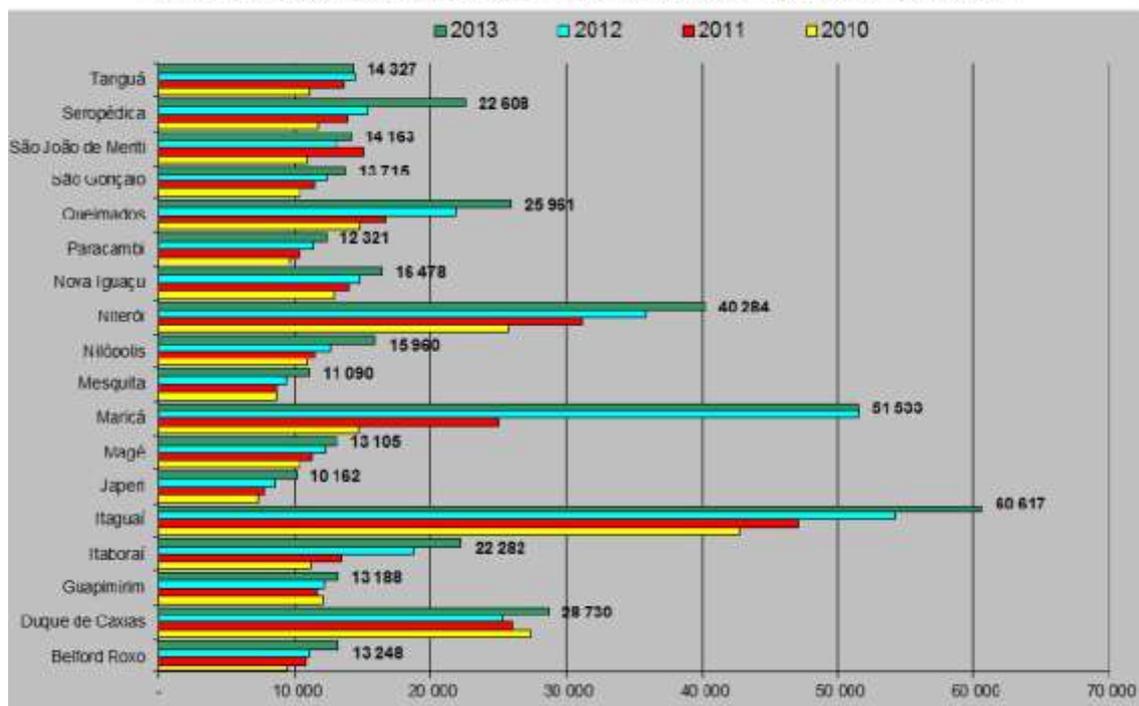


Gráfico 34: Evolução do valor adicionado da agropecuária – Região Metropolitana – R\$ milhões – 2010-2013

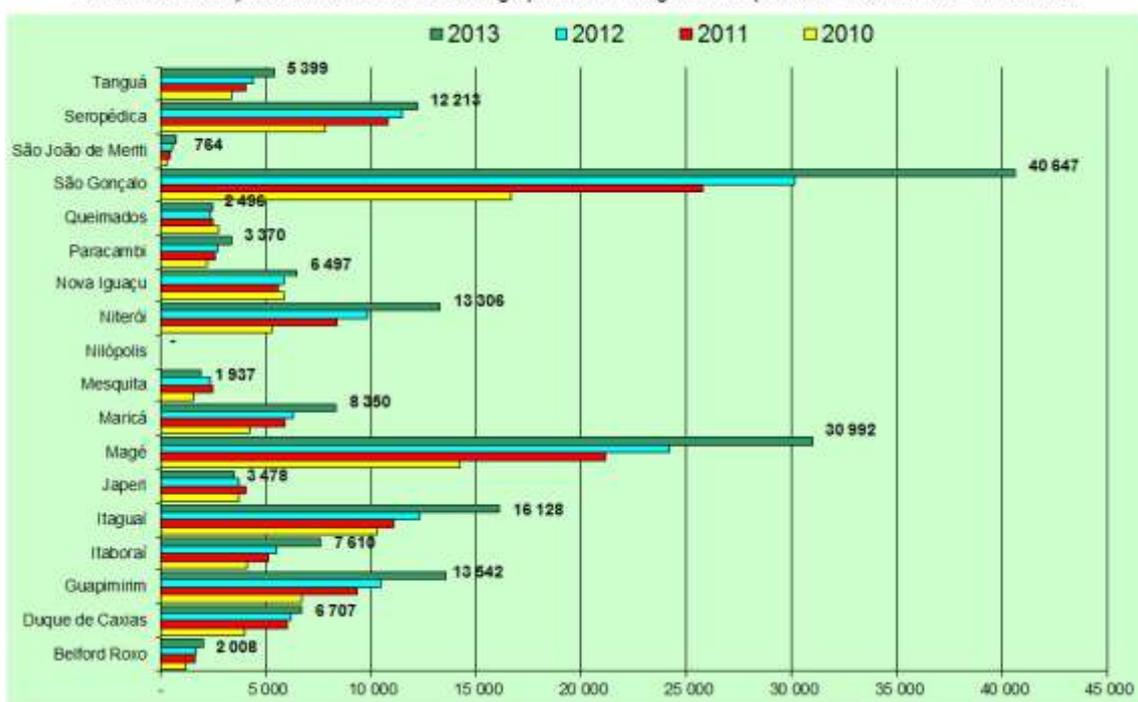


Gráfico 35: Evolução do valor adicionado da indústria – Região Metropolitana – R\$ milhões – 2010-2013

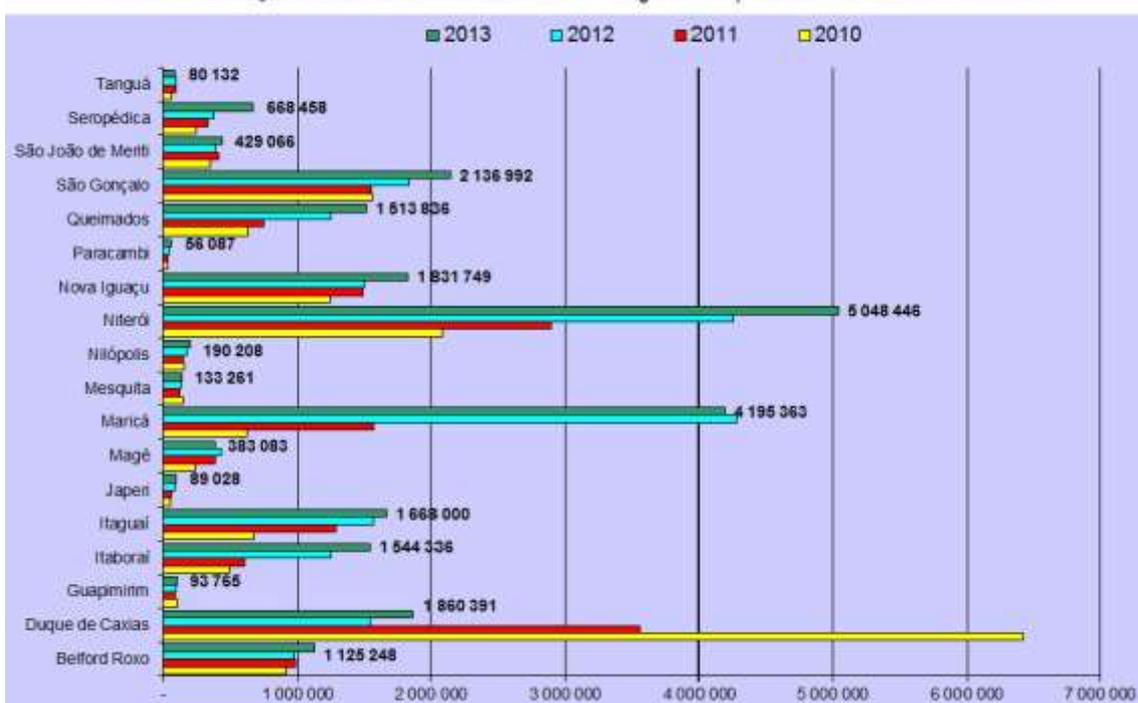
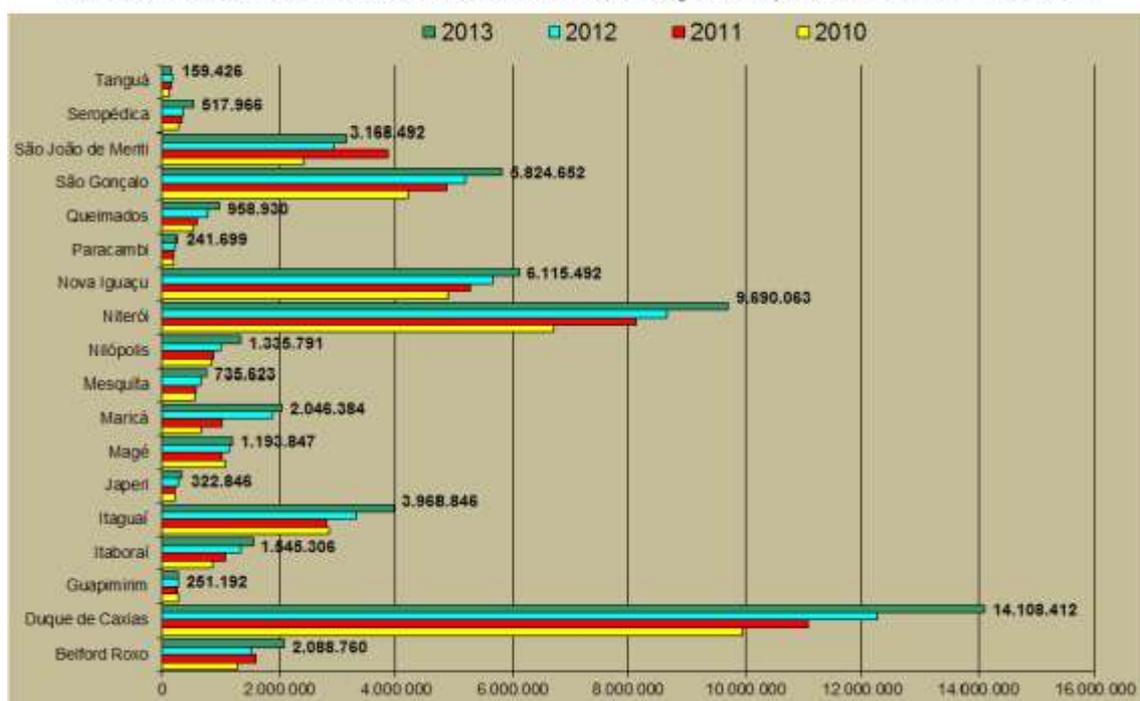


Gráfico 37: Evolução do valor adicionado dos demais serviços – Região Metropolitana – R\$ milhões – 2010-2013



ANEXO D – Documentos relacionados à pesquisa**Termo de Assentimento****TERMO DE CONSENTIMENTO/ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Seu filho (a) está convidado a participar voluntariamente do estudo/pesquisa a ser realizada no CIEP Brizolão 398 Mario Lima intitulada “**Aventuras e descobertas em São João de Meriti: fotografia e arte de meninas e meninos na escola**”, conduzida pela pesquisadora Rosana dos Santos Sobreiro. Para tanto, necessitamos do seu consentimento. Este estudo tem por objetivo identificar potencialidades da imagem (produção fotográfica) na formação escolar, em geral, e no ensino de arte em particular. Serão realizadas expedições pelo bairro e pela escola onde os alunos produzirão fotografias desses lugares conhecendo um pouco a história dos mesmos. O transporte será feito respeitando as normas de segurança de transporte escolar. A qualquer momento, o estudante poderá desistir de participar e retirar seu consentimento/assentimento. A recusa, desistência ou retirada não acarretará prejuízo. Não há nenhum risco para a participação no estudo. A colaboração a essa pesquisa será de forma anônima. Além disso, não acarretará nenhum custo financeiro.

Os dados do estudo serão obtidos por meio de entrevista, registro de diário de campo, filmagem. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora com supervisão da sua orientadora. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

A pesquisadora responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você consinta a participação de seu filho (a) nesta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Fui informado/a que poderei contactar a pesquisadora Rosana dos Santos Sobreiro, professora de Arte, a qualquer momento através do email rosesobreiro@yahoo.com.br ou Cel. (21) 996409-7961. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (21) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de participação de meu filho (a) na pesquisa, e que concordo em participar.

São João de Meriti, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do (a) responsável: _____

Assinatura do (a) menor participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Autorização de uso de imagem

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, FILMAGENS E GRAVAÇÕES DE VOZ

Eu, _____ responsável pelo (a) menor _____ portador do RG nº _____, CPF: _____ permito que a pesquisadora abaixo relacionada obtenha fotografia, filmagens ou gravações deste (a) aluno (a) para fins de pesquisa, científica e educacional.

Concordo que o material e informações obtidas relacionadas possam ser publicados em aulas, seminários, congressos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não deve ser identificado por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, filmagens e gravações de voz ficarão sob a propriedade da pesquisadora pertinente ao estudo e, sob a guarda da mesma.

ASSINATURA

Acadêmico/Pesquisador: _____

Professor Orientador: _____

A pesquisa será realizada no CIEP Brizolão 398 Mario Lima, localizado na Vila Jurandir – São João de Meriti, durante o ano letivo de 2016.

Carta de Apresentação

A Secretaria Estadual de Educação/RJ,

O Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica – PPGEB, Mestrado Profissional, sediado no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp-UERJ, solicita a V.Sª consentimento para a mestranda **Rosana dos Santos Sobreiro** realizar pesquisa de campo no CIEP Brizolão 398 Mário Lima com a temática “**Aventuras e descobertas em São João de Meriti: fotografia e arte de meninas e meninos na escola**”. A pesquisa tem como objetivo identificar potencialidades da imagem (a produção fotográfica) na formação escolar, em geral, e no ensino de arte em particular. Para tanto serão realizadas expedições pelo bairro e pela escola onde os alunos produzirão fotografias desses lugares com a possibilidade de conhecimento da história dos mesmos. Serão utilizados como instrumentos de coleta de dados entrevistas, fotos e filmagens. O resultado da presente pesquisa também tem como propósito subsidiar uma proposta pedagógica composta do seguinte material didático: catálogo fotográfico impresso e/ou digital contendo as imagens produzidas pelos estudantes nas expedições; cartão-postal a partir das fotografias produzidas; vídeo (pequeno documentário) com imagens do processo de produção: as entrevistas, as expedições, informações

sobre a cidade, a exposição das fotografias; livreto de apresentação da proposta, contendo uma parte conceitual; o roteiro de atividades e alguns resultados – ilustrações e fragmentos de depoimentos.

Salientamos que a pesquisa em campo será realizada no 1º semestre de 2016: no período de 01/04/16 a 01/08/2016, com vistas à ambientação/sensibilização da ação com os estudantes. Nesse momento haverá a apresentação da pesquisadora, o conhecimento dos espaços da pesquisa no que concerne ao objeto de estudo, diálogo com os sujeitos da pesquisa: estudantes, com o uso de alguns procedimentos metodológicos: expedições, entrevista, observação de campo, registro fotográfico e filmagem.

Atenciosamente,

Professor Orientador do PPGEB Esequiel Rodrigues Oliveira